

**Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação**

**Silvana Soares Silva**

**DISCURSO DE ÓDIO SOBRE DIFERENÇAS DE  
GÊNERO NO CURRÍCULO DA PÁGINA CATRACA LIVRE**

**Diamantina**

**2017**

**Silvana Soares Silva**

**DISCURSO DE ÓDIO SOBRE DIFERENÇAS DE  
GÊNERO NO CURRÍCULO DA PÁGINA CATRACA LIVRE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM para qualificação como requisito para obtenção do título de Mestre. Linha de pesquisa Currículos, avaliação, práticas pedagógicas e formação de professores.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vândiner Ribeiro

**Diamantina**

**2017**

Ficha Catalográfica – Serviço de Bibliotecas/UFVJM  
Bibliotecário Anderson César de Oliveira Silva, CRB6 – 2618.

S586d	<p>Silva, Silvana Soares Discurso de ódio sobre diferenças de gênero no currículo da página Catraca Livre / Silvana Soares Silva. – Diamantina, 2018. 108 p. : il.</p> <p>Orientador: Vândiner Ribeiro</p> <p>Dissertação (Mestrado Profissional – Programa de Pós-Graduação em Educação) - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. 2017.</p> <p>1. Currículo. 2. Gênero. 3. Discurso de ódio. 4. heteronormatividade. 5. Mídia. I. Silva, Ribeiro, Vândiner. II. Título. III. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.</p> <p style="text-align: right;"><b>CDD 152.4</b></p>
-------	---

Elaborado com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

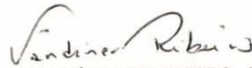
SILVANA SOARES SILVA

**DISCURSO DE ÓDIO SOBRE DIFERENÇAS DE GÊNERO NO CURRÍCULO  
DA PÁGINA CATRACA LIVRE**

Dissertação apresentada ao  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM EDUCAÇÃO - STRICTO SENSU,  
nível de MESTRADO como parte dos  
requisitos para obtenção do título de  
MAGISTER SCIENTIAE EM  
EDUCAÇÃO

Orientador : Prof.ª Dr.ª Vândiner  
Ribeiro

Data da aprovação : 14/12/2017



Prof.ª Dr.ª VÂNDINER RIBEIRO - UFVJM



Prof.ª Dr.ª MARIA DO PERPETUO SOCORRO DE LIMA COSTA - UFVJM



Prof. Dr. AZEMAR DOS SANTOS SOARES JÚNIOR - UFRN

DIAMANTINA

Dedico este trabalho as vítimas de ódio, discriminação, preconceito e violência. Crimes praticados por diferenças de gênero.

No Brasil, a cada hora e meia se mata uma mulher, a cada 25 horas se mata um homossexual. Em 2016 estima-se que 49.497 mulheres foram estupradas.

Foram assassinadas 4.745 mulheres e 340 homossexuais em 2016.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, eu agradeço a Deus por ter me dado força para chegar até aqui. Agradeço à minha família por ter me dado o apoio e entendido a minha ausência em determinados momentos.

Agradeço especialmente à minha mãe, Leanir, que, mesmo sem entender exatamente o que é mestrado e dissertação, rezou por mim todos os dias pedindo a Deus que me iluminasse.

À minha irmã Leonice, por ter sido minha parceira e segurado a barra no dia a dia.

Aos meus amigxs da turma de mestrado, por tantas dicas preciosas, companheirismo e apoio nos momentos difíceis, pelos conselhos, risadas, choros e vitórias.

Agradeço às minhas amigas e companheirxs de orientação no início desta caminhada: Vivi, Cris, Maraiza e Anailde, a vocês a minha gratidão pelas contribuições.

Agradecimento especial ao Milton, que foi peça fundamental, um amigo companheiro que aguentou choros e sempre retornou com palavras de apoio e segurança. Milton, você foi “o cara” nesta caminhada.

Agradeço aos meus amigos que, longe ou perto, torceram por mim e me mandaram energias positivas para encarar esta empreitada.

Às minhas amigas da Associação de Proteção Animal (APROBEM), que souberam entender minha ausência e seguraram a barra de uma atividade voluntária e tão difícil. Em especial à Roberta, Danielle, Mariana e a todas as outras que estiveram presentes nos eventos e no dia a dia para salvar os animais e manter a APROBEM em atividade.

Aos professores do UNILESTE, onde leciono, pelo carinho e companheirismo. Especialmente, minha ex-coordenadora, Ana Cláudia, que permanece como amiga para a vida.

Aos professores que mantêm o mestrado da UFVJM funcionando e atendendo a tantos alunos que sonham em alcançar o título de mestre em Educação.

Agradeço aos professorxs Rosana Batista, Maria do Socorro Lima e Azemar dos Santos Soares Júnior participantes das bancas pelas preciosas contribuições.

Aos revisores do texto final, Fábio Guedes e Carla Oliveira, pela ajuda e cuidado comigo e com a dissertação. O trabalho de vocês é precioso e imprescindível.

Finalmente, o agradecimento mais que especial à minha orientadora, professora doutora Vândiner Ribeiro, por toda paciência durante esses dois anos. Os ensinamentos foram para a dissertação e para a vida. Obrigada por ter acreditado e não desistido de mim. Com certeza, não teria conseguido sem seu apoio e persistência.



## RESUMO

Esta dissertação tem como objeto de investigação o discurso de ódio sobre as diferenças de gênero reguladas pelo padrão heteronormativo no currículo do *Catraca Livre*, página de jornalismo e entretenimento no *Facebook*. A pesquisa está inserida na linha pós-crítica dos estudos em currículo, inspirada nos Estudos Culturais e no pós-estruturalismo. O discurso de ódio se manifesta, por meio da correção, da punição com palavras e atos que podem ofender, machucar e matar. A pesquisa investiga a produção e os efeitos do discurso de ódio nesse currículo ao demandar um padrão heteronormativo às mulheres, lésbicas, gays, travestis e transgêneros. Foram mapeadas publicações sobre gênero, que abordam os modos de ser, questões de gêneros divergente da norma binária, direitos e liberdade das mulheres, lésbicas, gays, travestis e transgêneros de dezembro de 2015 a dezembro de 2016. A seleção das publicações foi feita por meio da reiteração do discurso de ódio presente nas postagens e expressadas nos comentários. Como metodologia analítica utiliza-se a análise de discurso de inspiração foucaultiana. O argumento central é o de que no currículo analisado circulam diversos discursos, como: o religioso, o biológico, o machista e moralista, que dão visibilidade e força ao discurso de ódio na tentativa de normalizar os sujeitos mencionados. Os conceitos centrais que funcionaram como ferramentas analíticas são: gênero, currículo, discurso, heteronormatividade, processos de subjetivação, poder-saber e diferença. Na perspectiva teórica adotada o currículo é compreendido como prática de significação que produz saberes, estabelece papéis, dita regras e ensina modos de ser. Entendido ainda como um artefato cultural, o currículo produz transformações e modificações, acionando processos de subjetivação em relações de poder desiguais. Os Estudos Culturais veem na mídia um papel educador, abrindo espaço para análises de currículos não escolares, como o aqui analisado, assim como para os estudos de gênero. Nesta pesquisa gênero e sexo são compreendidos como uma construção cultural a partir de uma matriz heterossexual. O gênero é performativo, é resultado fluido da prática reiterativa e citacional dos discursos que o nomeia. Em síntese, as análises empreendidas neste trabalho dão destaque aos efeitos da produção do gênero e do sexo ao serem nomeados, esquadrihados e classificados pelo discurso de ódio divulgado no currículo investigado.

Palavras chave: Currículo, gênero, discurso de ódio, mídia, heteronormatividade.



## ABSTRACT

This work intends to investigate hate speech about gender differences ruled by heteronormative standards in the curriculum of *Catraca Livre*, a news and entertainment Facebook page. The research follows post-critic studies about curricula, inspired by Cultural Studies and post-structuralism. Hate speech is characterized by the intention of correcting, punishing, detracting, hurting and ultimately killing other people based on differences of various kinds. The research investigates the production and effects of hate speech in this curriculum as it demands a heteronormative standard to women, lesbians, gays, transvestites and transgender people. Posts about gender, lifestyle, non-binary gender issues, rights and freedom of women, lesbians, gays, transvestites and transgender people were selected in the period from December 2015 through December 2016. Such selection took into consideration the reiteration of hate speech in posts and comments made by the public. The analytical methodology is that of Foucault's speech analysis. The main argument is that many other speeches are present in the analyzed curriculum, such as religious, biological, sexist and moralist, which turn hate speech visible and strong, in an attempt of normalizing the aforementioned subjects. Central concepts used as analytical tools are: gender, curriculum, speech, heteronormativity, subjectivation processes, power-knowledge and difference. According to the theoretical perspective, the curriculum is seen as a signification practice that produces knowledge, sets roles, imposes rules e teaches how one should be. Also seen as cultural artifact, the curriculum makes changes and modifications, triggering subjectivation processes in unequal power relations. The Cultural Studies consider the media a kind of educator, allowing non-academic curriculum analysis, such as the one studied here, as well as gender studies. In this work, gender and sex are understood as cultural constructs based on a heterosexual matrix. Gender is performative, it is a fluid result of reiterative and citacional practices of the speeches which name it. In short, the analyses present in this work highlight the effects of gender and sex production as they are named, discriminated and classified by the hate speech present in the present curriculum.

**Keywords:** curriculum, gender, hate speech, media, heteronormativity.

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	12
1 “ <i>EU QUERO ENTRAR NA REDE, PROMOVER UM DEBATE</i> ” .....	18
1.1 O Catraca Livre .....	19
1.2 Conectando mídia e currículo.....	24
2 Os caminhos teóricos do currículo .....	28
2.1 A produção do sujeito no Currículo do Catraca Livre .....	31
2.2 O discurso e discurso de ódio.....	34
2.3 Gênero e heteronormatividade .....	39
3 OS CAMINHOS DA análise .....	44
3.1 O campo virtual da pesquisa.....	48
4 Se a catraca é livre, todo mundo pode passar .....	55
4.1 Saindo do armário: primeiro as lésbicas .....	56
4.2 Homem é homem, menino é menino e viado é viado.....	62
4.3 Transgredindo as regras: no limite da fronteira do gênero e da sexualidade .....	71
5 Bela, recatada e do lar.....	79
5.1 Bela: a tática do disciplinamento dos corpos.....	81
5.2 Recatada: a tática da censura sobre o corpo feminino .....	86
5.3 Do lar: quando a vítima é culpada.....	93
6 O ponto final: abrindo as portas para novas viagens .....	97
REFERÊNCIAS.....	103

## APRESENTAÇÃO

“Bichona”, “sapatão”, “aberração”, “bizarro”, “esquizofrênica”; “Se fosse meu filho, tentaria consertar”; “É falta de porrada mesmo! Nunca será o sexo oposto e pronto!”; “vadia”, “puta”, “vagabunda”; “com essa roupa, queria o quê?”; “Se ser mente aberta é ir contra os princípios cristãos, ser contra a família tradicional e apoiar depravações, eu prefiro ser mente fechada mesmo”; “Uma família sempre foi constituída de uma mãe (MULHER) e um pai (HOMEM). Agora, querem mudar isso”. Esses são alguns comentários presentes em publicações na página *Catraca Livre*<sup>1</sup> no *Facebook*<sup>2</sup>. Eles compõem um movimento preconceituoso, pautado no discurso de ódio que rechaça as diferenças de gênero e o sujeito fora do padrão heteronormativo. O discurso de ódio<sup>3</sup> é aquele que visa à promoção do ódio e incitação à discriminação, manifesta-se em relação à diferença de raça/etnia, gênero, orientação sexual, religião e nacionalidade, por exemplo. O discurso de ódio foi assim nomeado e ganhou visibilidade em regimes políticos como o nazismo e o fascismo da Alemanha e Itália, respectivamente, e ficou conhecido historicamente por apresentar ideias totalitárias que colocavam o poder político e econômico nas mãos de líderes absolutos. O discurso de ódio circula em vários espaços, entre eles, a internet, o *locus* desta pesquisa. Neste trabalho analisei o discurso de ódio que reitera a norma estabelecida a partir da heteronormatividade, ou seja, remete ao “homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão” (LOURO, 1999, p. 9). Como explica Meyer (2007, p. 195), “a heteronormatividade visa regular e normatizar modos de ser e de viver os desejos corporais e a sexualidade. De acordo com o que está socialmente estabelecido para as pessoas, numa perspectiva biologicista e determinista”. Nesse sentido, há apenas duas possibilidades para os sujeitos, “feminino/fêmea ou masculino/macho” baseando-se na anatomia, na genitália. (MEYER, 2007, p. 195). A heteronormatividade se baseia na ideia de que todos os sujeitos devem ser heterossexuais.

Bento (2006, p. 87) explica então que “a heterossexualidade constitui-se em uma matriz que conferirá sentido às diferenças entre os sexos”. Dessa forma, a sociedade vê como transgressorxs dessa matriz a mulher heterossexual que quebra o ciclo do casamento e família,

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/brasil>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

<sup>2</sup> O Facebook nasceu de uma ideia dos universitários de Harvard, Mark Zuckerberg, Crhis Hughes e o brasileiro Eduardo Saverin, em fevereiro de 2004. Em 2015, a rede ultrapassou a marca de um bilhão de usuárixs em todo o mundo.

<sup>3</sup> Artigo 19. Princípios de Camden sobre a Liberdade de Expressão e Igualdade. Disponível em: <<http://www.refworld.org/cgi-in/texis/vtx/rwmain/opendocpdf.pdf?reldoc=y&docid=4b5827292>>. Acesso em: 18 jan. 2016.

as lésbicas, gays, xs<sup>4</sup> travestis e xs transgênerxs. Também lhes é demandada a heterossexualidade, de forma a apresentar as marcas dessas normas em seus corpos e comportamentos.

Para discutir tais questões, tomei como objeto de investigação desta pesquisa o discurso de ódio sobre as diferenças de gênero reguladas pelo padrão heteronormativo no currículo do *Catraca Livre*, página de jornalismo e entretenimento no *Facebook*. O *Catraca Livre* é um site de entretenimento e jornalismo cujas pautas são ligadas a atividades culturais e artísticas que buscam valorizar diferentes modos de ser. Além do site principal, o portal tem perfis em diversas redes sociais sendo a página no *Facebook* uma das principais.

O nome *Catraca Livre* (CL) faz alusão ao termo “catraca”<sup>5</sup>, também conhecida como roleta, que é um dispositivo instalado em ônibus de transporte público para controle do fluxo de passageirxs: quem paga, passa pela catraca e segue viagem; quem não paga, não pode prosseguir. O termo “livre” significa que ninguém será barrado, ou seja, todxs podem seguir viagem. O sentido do nome é, ainda, fazer inclusão de todos os sujeitos, independentemente de raça, credo, sexo, gênero, orientação sexual<sup>6</sup> e posição social que ocupam. Assim, convido xs leitorxs a embarcarem nesta viagem em um ônibus imaginário: o currículo do *Catraca Livre*.

No percurso apresentei o currículo da página *Catraca Livre* no *Facebook*, que se coloca como defensor de causas sociais: “*Catraca Livre* é, com muito orgulho, apoiador de todos os movimentos que lutam por um mundo mais igualitário e seguro” (CATRACA LIVRE, 2016). “Currículo” é compreendido nesta investigação como práticas de significação, pois significar “é fazer valer significados particulares, próprios de um grupo social, sobre os significados de outros grupos, o que pressupõe um gradiente, um diferencial de poder entre eles” (SILVA, 2010b, p. 23). Na produção de significados, o discurso de ódio, neste currículo, faz valer os significados de homem e mulher heterossexuais sobre os sujeitos que escapam da heteronormatividade no currículo analisado. O currículo do *Catraca Livre* é um artefato cultural, que tem como objetivo “formar, educar, transformar, modificar, subjetivar” (SILVA, 2010a, p. 93) os sujeitos produzindo modos de ser.

---

<sup>4</sup> Utilizei a escrita generificada no texto para romper com a linguagem que estabelece o gênero que culturalmente tem predominância masculina. Ao usar o X no lugar do artigo O, contemplo outros gêneros divergentes da matriz heteronormativa.

<sup>5</sup> Dispositivo de controle que, situado dentro de ônibus, estações de metrô, entradas de estádios, etc., controla o acesso de pessoas, impedindo que mais de uma, passe por vez.

<sup>6</sup> “Na maioria das vezes, esse conceito está relacionado ao sentido do desejo sexual: se para pessoas do sexo oposto, do mesmo sexo ou para ambos” (CARDOSO, 2008, p.73).

Esse currículo é uma mídia alternativa<sup>7</sup>. Aquela que visa a transformar, quebrar paradigmas em relação às mídias tradicionais, tornando-se espaço de resistência e um ambiente virtual que propicia o debate e a defesa de opiniões. É alternativa porque não pertence aos grupos tradicionais como as grandes redes de TV, jornais, revistas e rádios. Além disso, tem como característica a participação aberta e livre dxs seguidorxs, o que permite, dessa maneira, que expressem opiniões nos comentários.

O estudo do currículo da mídia vem recebendo atenção dentro do campo dos Estudos Culturais na linha pós-crítica do currículo (campo teórico ao qual este trabalho se filia). Paraíso (2007) afirma que o estudo do currículo da mídia vem sendo desenvolvido por diversxs teóricxs<sup>8</sup> pós-estruturalistas. Essxs autorxs sugerem, a mídia como currículo cultural, como propositora de pedagogias culturais que “demonstram valores, normas e procedimentos a serem adotados no nosso cotidiano” (PARAÍSO, 2007, p. 24). Para Cunha (2011), diferentes instâncias, artefatos e instituições culturais também são um currículo cultural. As teorias pós-críticas contribuem “para aumentar nossa compreensão sobre as íntimas e estreitas relações entre conhecimento, poder e identidade social e, portanto sobre as múltiplas formas pelas quais o currículo está centralmente envolvido na produção do social” (SILVA, 2013, p. 185). O currículo é um campo de luta, um campo de poder e saber. O “currículo – tal como o conhecimento e a cultura – não pode ser pensado fora das relações de poder” (SILVA, 2010b, p. 16). Nesta pesquisa as relações de poder estão fortemente ligadas à produção do sujeito, que por meio dos discursos produzem significados culturais para homens e mulheres.

Mesmo nas relações de força que tentam impor modos de viver por meio dos ensinamentos disponibilizados no currículo do *Catraca Livre*, grupos que exercem menos poder ganham espaço e visibilidade, pois este currículo também ensina sobre a defesa de direitos desses grupos. Por isso também enfrenta resistência de grupos conservadores. Em meio a essa resistência, encabeçada por grupos que exercem mais poder, táticas que visam a manter um padrão heteronormativo foram vistas em operação.

Como profissional de comunicação, formada em jornalismo e publicidade, professora de disciplinas como cibercultura, estive atenta e observei às relações estabelecidas neste espaço virtual e, com o passar dos anos percebi como as redes sociais estão se pautando em ofensas e xingamentos, o discurso de ódio está cada vez mais assumindo o lugar da chamada

---

<sup>7</sup> Comunicação alternativa aos grandes meios de comunicação, como rádio, TV, revistas e jornais tradicionais.

<sup>8</sup> Ver em: “GREEN; BIGUM, 1995; GIROUX, 1995; KELLNER, 1995; DALTON, 1996; SILVA, 1999; COSTA, 2000; PARAÍSO, 2004” (PARAÍSO, 2007, p. 24).

liberdade de expressão. Talvez isso se deva, sobretudo, ao acesso de um número cada vez maior de usuárixs e de como alguns delxs tentam impor modos de ser a outros sujeitos. Incomodou-me a forma com a qual o discurso de ódio vem se tornando mais visível neste espaço e, conseqüentemente, modificando as relações entre xs internautas que se conectam a página do *Catraca Livre*. Ao acompanhar matérias publicadas sobre as questões de gênero e sexualidade na referida página, percebi a força do discurso de ódio nos comentários das matérias que abordavam a homossexualidade, as diferenças de gênero que fugiam do padrão heterossexual e os direitos das mulheres, por exemplo.

A página escolhida como *locus* desta pesquisa, está inserida na rede social de maior alcance na internet. Compreendo por redes sociais “um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais)” (RECUERO, 2009, p. 29). As redes sociais digitais, como o *Facebook*, criam espaços por onde circulam diversos discursos como o religioso, o biológico, o machista e o moralista, e que dão visibilidade ao discurso de ódio que se manifesta, por meio de palavras que podem ofender, machucar e até matar.

Nesta pesquisa, transformei a investigação numa viagem a bordo de um ônibus imaginário e como a *catraca* é livre, este ônibus não tem trocadorx<sup>9</sup>. Posicionei-me como condutora e observadora da viagem. Fui identificando quem entrava, quem era barradx, quem era apagadx, quem resistia, quem censurava, quem impedia a passagem dxs outrxs. Por isso, o objetivo geral desta dissertação foi analisar o discurso de ódio no currículo do *Catraca livre* na produção de modos de ser para lésbicas, gays, travestis, transgêneros e mulheres. Para fazê-lo mapeiei as publicações do *Catraca Livre* no *Facebook* que abordavam as diferenças de gênero referentes às categorias de análise escolhidas, ou seja, lésbicas, gays, travestis, transgêneros e mulheres no período de dezembro de 2015 a dezembro de 2016. Identifiquei quais discursos compõem o discurso de ódio contra as diferenças de gênero nessas publicações. Identifiquei também os modos de ser demandados pelo padrão heteronormativo no discurso de ódio e nos demais que atuam com este, tais como os discursos religioso, moralista, machista, biológico, etc.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, tomei como conceitos centrais: currículo, gênero, heteronormatividade, discurso e mídia. Outros conceitos que os atravessaram, compondo o escopo teórico desta pesquisa, são: sexo, sexualidade, normal/anormal, performatividade, poder, diferença e processos de subjetivação. O conceito de gênero foi de

---

<sup>9</sup> Funcionárix que recebe o pagamento no ônibus, em alguns estados é chamado de cobradorx

suma importância nesta pesquisa e é compreendido como “culturalmente construído: consequentemente, não é resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo” (BUTLER, 2003, p. 24). Essa construção acontece no corpo, a partir de “características físicas que são vistas como diferenças e às quais se atribui significados culturais” (LOURO, 1999, p. 15).

Partindo dessas considerações, esta pesquisa se pauta na necessidade de entender como o discurso de ódio presente no currículo analisado tenta ensinar os sujeitos a viver dentro da matriz heterossexual, de maneira que as análises, os questionamentos e reflexões aqui apresentados buscaram compreender o processo de constituição de lésbicas, gays, travestis, transgêneros e mulheres nomeadx minorias e a violência por elxs enfrentada.

Para a análise dos dados foi escolhida a análise de discurso de inspiração foucaultiana. Busquei também referência na metodologia alquimista de Cardoso e Paraíso (2013), de pesquisa experimentação, e faço minhas experimentações e misturas: assim, pinço a observação não participante da etnografia virtual, pois se trata de uma pesquisa no campo virtual. Para esse intento, compuseram o material de análise publicações da página de notícias *Catraca Livre* que abordavam gênero e sexualidade trazendo informações sobre mulheres, homossexuais, travestis e transgêneros. As análises foram realizadas levando-se em conta os comentários feitos pelos seguidorxs da página *Catraca Livre*. O conteúdo das matérias versa sobre o direito das mulheres, sobre aceitação do corpo, violência contra a mulher, direito de Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros, (LGBTTs), debates sobre questões diversas de gênero, campanhas contra homofobia e pela liberdade de ser, estar, demonstrar, e de cada um assumir suas vidas.

A partir das análises do material observei que algumxs seguidorxs da página *Catraca Livre* tentam interditar os sujeitos considerados diferentes, outros expressam livremente preconceito e discriminação. Nesse sentido, percebi o machismo de homens e de mulheres que com olhares disciplinadores, tentam controlar os modos de ser das mulheres, no que se refere à exposição de seu corpo. Vi também no currículo em análise os discursos produzirem modos de ser para lésbicas, gays travestis e transgêneros quando os modos de ser e viver as diferenças de gênero e sexualidade são expostos no currículo.

Diante do exposto, o problema investigado nesta pesquisa é: como o discurso de ódio sobre as diferenças de gênero, disponibilizado no currículo do *Catraca Livre*, ensina e demanda modos de ser às lésbicas, gays, travestis, transgêneros e mulheres pautados no padrão heteronormativo?

Assim, para melhor entender como desenvolvi a pesquisa, a organizei em seis partes. A primeira é composta por esta apresentação, na qual tracei os caminhos que segui e os conceitos principais abordados nesta dissertação.

Em seguida, no primeiro capítulo que tem como título: “Eu quero entrar na rede, promover um debate”, apresento o currículo do *Catraca Livre*, suas características, como funciona, o que ensina e como o discurso de ódio o atravessa.

O segundo capítulo, “Os caminhos teóricos do currículo”, expõe os conceitos centrais desta pesquisa, como currículo, discurso e discurso de ódio, gênero e heteronormatividade. Além desses, apresento outros conceitos que os atravessam, como diferença, sexo, sexualidade, normal/anormal, processos de subjetivação bem como os autores que guiam esta pesquisa.

No terceiro capítulo intitulado “Os caminhos da análise”, apresentei a metodologia utilizada na pesquisa, isto é, a análise de discurso de inspiração foucaultiana. Trouxe contribuições também da metodologia alquimista e da etnografia virtual.

No capítulo quatro “Se a catraca é livre, todo mundo pode passar”, transformo o currículo do *Catraca Livre* em um ônibus no qual os sujeitos considerados desviantes podem embarcar, mas não sem vivenciar os ensinamentos atravessados pelo discurso de ódio que, por meio de diversas táticas, interdita, excluem e encerram os gêneros e as sexualidades desviantes dentro do armário.

No quinto capítulo, “Bela, recatada e do lar”, apresento o discurso de ódio que busca produzir determinados tipos de mulher. O discurso da beleza produz modos de ser bela. Há ainda a censura à exposição do corpo da mulher com o modo de ser recatada. E o controle sobre o direito de ir e vir que produz a mulher que deve ser do lar.

No sexto e último capítulo nosso ônibus chega ao seu ponto final, onde apresento as considerações finais deste trabalho.



# 1 “EU QUERO ENTRAR NA REDE, PROMOVER UM DEBATE”.

*Pela Internet*

*Criar meu web site  
Fazer minha home-page  
Com quantos gigabytes  
Se faz uma jangada  
Um barco que veleje  
[...]  
Eu quero entrar na rede  
Promover um debate  
Juntar via Internet  
Um grupo de tietes de Connecticut*

*Gilberto Gil (1996)*

Nosso ônibus da a partida e começa a viagem visitando o passado quando os termos *web site*, *gigabytes*, redes sociais, espaço virtual, *fanpage*, curtir, compartilhar, comentar, postar, viralizar começaram a fazer parte da vida de usuárixs da internet. Há cerca de 20 anos a primeira transmissão ao vivo pela internet no Brasil foi a apresentação da música da epígrafe, uma parceria entre o compositor e cantor Gilberto Gil, Rede Globo e IBM10, e já naquela época a letra da música abordava as relações mediadas pela tecnologia que surgia, ou seja, que os viajantes da nova tecnologia poderiam promover debates e se reunir em grupos por temas de interesse comum. Hoje, distante do dia do lançamento da música “Pela Internet”, muita coisa mudou, desde os computadores à chegada dos dispositivos móveis, o surgimento das redes sociais e as formas de acesso aos conteúdos da internet. Esta, é um ambiente que conecta pessoas, divulga ideias, informa, diverte, cria novas formas de interação, abre espaço para o debate entre usuárixs e entre grupos com interesses comuns e divergentes.

A internet tornou-se um dos espaços mais democráticos da sociedade contemporânea, onde circulam diferentes tipos de sujeito com suas crenças e modos de agir, ser e viver, além de discursos de diversos campos do conhecimento. Ao mesmo tempo em que se tornou democrática, a internet se tornou também espaço onde se confunde o discurso de ódio e a incitação à violência com liberdade de expressão. Assim embarcamos em uma viagem por este espaço, passando por diferentes conceitos e misturando diferentes áreas de pesquisa para desenvolver a análise do discurso de ódio proposta no objeto da pesquisa.

O discurso de ódio pode ser observado em diversas páginas da internet, atravessando as questões de raça e etnia, classe social, nacionalidade, crenças religiosas, gênero

---

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://www.maurosegura.com.br/pela-internet-gilberto-gil/>>. Acesso em: 10 out. 2017.

e sexualidade, entre outras. Nesta pesquisa, o objeto de investigação foi, portanto, o discurso de ódio sobre as diferenças de gênero reguladas pelo padrão heteronormativo no currículo do *Catraca Livre*, página de jornalismo e entretenimento no *Facebook*. Brugger (2007) define esse tipo de discurso como “palavras que tendem a insultar, intimidar ou assediar pessoas em virtude de sua raça, cor, etnicidade, nacionalidade, sexo ou religião, ou que têm a capacidade de instigar a violência, ódio ou discriminação contra tais pessoas” (BRUGGER, 2007, p. 118). Levando-se em conta este conceito, apresento o *Catraca Livre*, *locus* desta pesquisa, como espaço de produção de saberes, como um currículo cultural que ensina modos de ser por meio de práticas de significação. Nele, busco compreender os discursos engendrados nas publicações, em especial o discurso de ódio, que dizem respeito ao gênero. Assim a viagem-pesquisa tornou-se um ônibus que circulou por diversos caminhos e buscou analisar o discurso de ódio no currículo do *Catraca Livre* o qual apresento a seguir.

### 1.1 O *Catraca Livre*

Na viagem-pesquisa a bordo do ônibus é importante conhecer nosso ponto de partida. O *Catraca Livre* foi escolhido por ser uma das páginas mais populares na rede social *Facebook* no Brasil, com mais de oito milhões e meio de seguidorxs, contabilizando cerca 30 milhões de acessos por dia. Nele, publicam-se matérias de cunho jornalístico cultural e de entretenimento. Como uma das seguidoras da página *Catraca Livre*, fui interpelada pela reiteração constante do discurso de ódio nas publicações referentes a gênero. O que era um incômodo pessoal se transformou em objeto de pesquisa. Assim, compreendi que o currículo do *Catraca Livre* ensina modos de ser a lésbicas, gays, travestis, transgêneros e mulheres heterossexuais, reiterando marcas do gênero em corpos e comportamentos, por variados discursos que atravessam o discurso de ódio, como os discursos religioso, moralista, machista e biológico.

O *Catraca* é considerado uma agência de notícias<sup>11</sup> que conta com site oficial e páginas na rede social *Facebook*. Além da *fanpage* oficial o *Catraca* tem páginas voltadas para as maiores capitais brasileiras, que reproduzem parte do conteúdo da página principal, mas também produzem matérias voltadas para o público local. Possui ainda perfil no *Twitter*<sup>12</sup>,

<sup>11</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=R2Q-6Dm1BGw>>. Acesso em: 22 set. 2017.

<sup>12</sup> É uma rede social que oferece um espaço de 140 caracteres para o usuário postar sua mensagem. Também conhecido como microblogging.

*Pinterest*<sup>13</sup>, um canal de vídeos no *Youtube*<sup>14</sup>, uma rádio *on-line* e um aplicativo para acesso no *smartphone*. O site foi criado em 15 de agosto de 2008 com a missão de usar a comunicação para “empoderar os cidadãos”<sup>15</sup>. Quando criado, a ideia era divulgar atividades culturais, cursos e eventos a baixo custo ou com acesso livre para a população menos favorecida de São Paulo.

Quase dez anos depois da sua criação, o *Catraca Livre* se considera um portal que luta por cidadania, que busca a liberdade e o respeito às diferenças e ao livre pensar. Nesse currículo, são publicadas matérias com temas relacionados às diferenças de gênero e sexualidade, que ensinam a liberdade de se viver a diferença, mas também se ensinam valores, normas e padrões que a sociedade defende como sendo normais a partir da matriz heterossexual. O que escapa a essa normalidade é interditado, barrado, silenciado, apagado e excluído por meio de táticas que o discurso de ódio coloca em operação.

A linha editorial do *Catraca Livre* é baseada na experimentação e na colaboração, com material de caráter educativo que aborda questões culturais, de raça, credo, sexo, gênero e política. O nome *Catraca Livre* faz uma alusão à roleta de um coletivo de transporte urbano. Quando a *catraca* é livre, quer dizer que ninguém precisa pagar e por isso também podem passar sujeitos de diferentes raças, classes, orientação sexual, idade, sexo, gênero, entre outros. Enfim, nesta pesquisa, o currículo tomou metaforicamente a forma de um ônibus coletivo cuja *catraca* é livre. As matérias jornalísticas são veiculadas no *site* principal e compartilhadas em suas redes sociais. Entre as publicações, destacam-se as matérias de cultura popular, atividades de lazer, fatos da TV, do cinema, da música, campanhas sobre diversidade de gênero, sexualidades, violência contra mulher, e demais assuntos que repercutem na internet.

Este currículo por vezes abre espaço para o embarque de mulheres heterossexuais, mulheres e homens homossexuais, travestis e transgêneros exporem os preconceitos que sofrem, seus sentimentos, seus relacionamentos, seus modos de viver e ser. É comum também que elxs contem suas histórias de vida, como por exemplo, no dia 18 de maio de 2016, Dia Mundial da Luta Contra a Homofobia, quando algumxs leitorxs puderam enviar relatos<sup>16</sup>, de violência sofrida por serem gays, lésbicas, transexuais ou travestis, como aparece na figura que segue.

---

<sup>13</sup> O Pinterest é uma rede social de compartilhamento de imagens que está disponível tanto em versão web como em aplicativos para Windows Phone, iOS (Apple) e Android que são sistemas para smartphones.

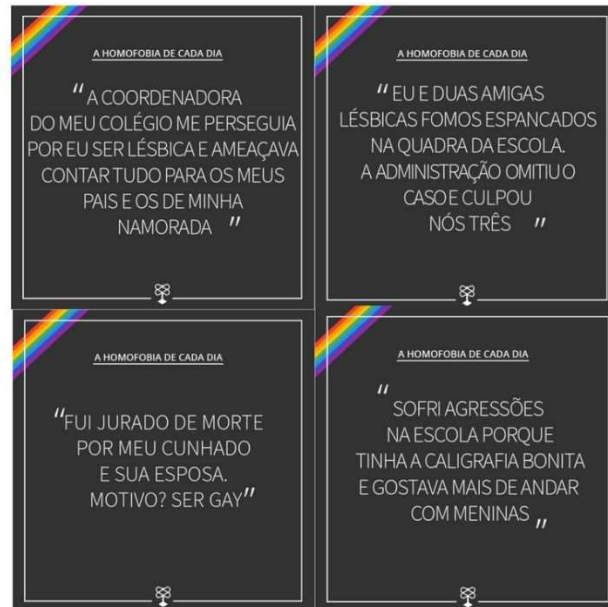
<sup>14</sup> Site de compartilhamento de vídeos, lançado em 2005. Possibilita publicação de vídeos amadores e profissionais. Tanto empresas, quanto pessoas físicas podem postar vídeos, filmes, programas, etc.

<sup>15</sup> Essa é a forma como o site do *Catraca Livre* define sua missão.

<sup>16</sup> Disponível em:

<<https://www.facebook.com/CatracaLivre/photos/a.1661458013891203.1073741864.145632722140414/1661458107224527/?type=3>> . Acesso em: 19 set. 2017.

**Figura 1: Sentindo o preconceito na pele, seguidores contam situações sofridas por Homofobia**



Fonte: <https://www.facebook.com/CatracaLivre/>

Ao promover a campanha mencionada dando voz aos homossexuais o currículo do Catraca demonstra como a sociedade ainda “despreza” e rejeita “o sujeito homossexual” e por isso, como afirma Louro (2015, p. 59), parece “absolutamente relevante refletir sobre as formas de viver a sexualidade”. Para refletir e combater a discriminação, em 2017, o Catraca Livre produziu e publicou um documentário chamado “Mães que TRANSformam”, que conta a história de mães de pessoas trans. Usando a *hashtag*<sup>17</sup> *#MãesQueTransformam*<sup>18</sup> foram publicados vários vídeos com depoimentos de famílias que enfrentam o preconceito e a discriminação, dando ênfase às mães que apoiam seus/suas filhxs que se identificam com gênero diferente do nascimento. Nesse sentido, o currículo ensinou sobre diferenças de gênero, respeito e resistência.

O currículo do Catraca Livre publicou também questões de gênero relacionadas aos abusos e violência contra as mulheres e convidou-as a denunciarem casos de assédio ou estupro

<sup>17</sup> *Hashtag* é um composto de palavras-chave, ou de uma única palavra, que é precedido pelo símbolo cerquilha (#) é usado para acessar um conjunto de publicações que estão falando sobre o assunto destacado na hashtag.

<sup>18</sup> Vídeo com a entrevista com Zilda, mãe de Laura, que foi assassinada em 2015, vítima de transfobia, no bairro onde morava. Disponível em: < <http://bit.ly/2ptZvUn> >. Acesso em: 19 set. 2017.

que sofreram. Em virtude disso, em julho de 2016, o Catraca publicou a campanha<sup>19</sup> com o tema: “*Você já vivenciou alguma situação de abuso no seu médico? Não se silencie! Mande seu relato*”. A campanha teve grande repercussão e inúmeras mulheres participaram e enviaram seus relatos. Com essa campanha o currículo ensinou que as mulheres não devem se calar diante da violência e da censura.

Nas publicações que abordam gênero e sexualidade, seja em defesa das mulheres ou dxs LGBTTs, o discurso de ódio aparece com frequência nos comentários. O discurso de ódio não atua sozinho, ganhando força de outros discursos, como o discurso machista, o religioso, o moralista e o biológico que incitam a discriminação contra os sujeitos que escapam da heteronormatividade. Não raramente, esses discursos incentivam boicotes à página e criticam as publicações sobre as diferenças de gênero e sexualidade.

Em uma publicação feita no dia 16 de janeiro de 2016, a editoria do Catraca apresentou dados<sup>20</sup> de uma pesquisa que o coloca na frente de portais de jornalismo como Folha de São Paulo e Revista Veja, na promoção de cidadania. Os dados mostraram que o alcance orgânico<sup>21</sup> da página ultrapassou 80 milhões de usuários ao longo de uma semana. A taxa de envolvimento chega a 9,7 milhões de pessoas diferentes por semana, o que significa que, além de curtir, compartilhar e comentar, as pessoas acessam (clicam) nos *links*. Significa que ao seguir a página e interagir com as publicações, xs usuárixs contribuem com a divulgação da página e das matérias. O alcance e interações fazem do Catraca Livre um espaço de luta contra a discriminação, pois os assuntos de cunho social geram engajamento dos sujeitos contra a discriminação, mas também é espaço de reiteração de regras heteronormativas.

A postura em defesa das chamadas minorias e manifestada em campanhas publicadas no currículo do Catraca Livre faz parte do movimento na internet de páginas no *Facebook* e canais no *Youtube* ligados à defesa de minorias. Esse movimento possibilita a visibilidade, liberdade de expressão e busca por direitos desses grupos e faz parte das relações de poder que estão presentes nesse currículo. Para Foucault (1989, p. 136) “a partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência”. Essa resistência, segundo Foucault (1989, p. 136), “não é anterior ao poder que ela enfrenta [...]. Para resistir, é preciso que a resistência seja como o poder. Tão inventiva, tão móvel, tão produtiva quanto ele”. No

<sup>19</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/CatracaLivre/posts/1283387855031556>>. Acesso em: 20 set. 2017.

<sup>20</sup> Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/geral/o-catraca/indicacao/ibope-os-sites-que-mais-defendem-a-cidade-e-ajudam-a-economizar-para-os-internautas-brasileiros>>. Acesso em: 16 jan. 2016.

<sup>21</sup> O alcance pode ser pago ou orgânico, ou seja, depende do próprio público para que o alcance da publicação seja maior. Quanto mais curtidas, comentários e compartilhamentos maior o alcance de público.

Brasil, há outros exemplos de páginas que se destacam e fazem parte dessa resistência e defesa das minorias, tais como: Quebrando o Tabu, com mais de sete milhões de seguidores, e a página de jornalismo coletivo Mídia Ninja, com mais de um milhão e 600 mil seguidores.

Ao mesmo tempo em que há páginas que criam espaço para as minorias, há também várias outras de movimentos conservadores. Uma matéria<sup>22</sup> publicada no jornal Estado de São Paulo mostra que no Brasil o número de páginas conservadoras que divulgam e acirram o discurso de ódio, é maior que o número de páginas que defendem as minorias e há uma tensão entre estes grupos. O movimento em defesa de minorias na internet, para Castells (2013), tem papel importante na história da mudança social, pois está “construindo uma comunidade livre num espaço simbólico, [no qual] os movimentos sociais criam um espaço público, um espaço de deliberação que, em última instância, se torna um espaço político” (CASTELLS, 2013, p. 17). Nessa direção, a internet se tornou também ambiente social com papel importante em estimular o debate, incentivando as pessoas a se expressarem ou assumirem suas diferenças de gênero e sexualidade. Exatamente onde recai o interesse desta pesquisa: no que é dito sobre as diferenças de gênero.

O *Facebook*, em 2017, alcançou 102 milhões de usuárixs no Brasil, tornando-se a principal rede social em número de acessos no país. Esse volume de usuárixs produz debates, repercute notícias nacionais e internacionais, e fatos do dia a dia das pessoas envolvidas na rede. Cada internauta pode escolher páginas com temáticas do seu interesse para curtir e criar grupos de discussão em torno de assuntos de sua preferência. Mais que uma rede de computadores/dispositivos eletrônicos, as redes sociais são redes de pessoas, são “espaços de interação, lugares de fala, construídos pelos atores de forma a expressar elementos de sua personalidade ou individualidade” (RECUERO, 2009, p. 25). Difícil encontrar quem não tenha um perfil<sup>23</sup> no *Facebook*, e não o acesse várias vezes ao dia ou durante horas consecutivas. Mesmo que x usuárix se desconecte, o seu “eu” digital permanece on-line, pois xs amigxs da rede continuam interagindo com mensagens e marcações em publicações que podem ser vistas posteriormente.

Assumindo o currículo do *Catraca Livre* como *locus* de estudo, entendi que é preciso estudar não só a “existência das conexões” mediadas pelo computador, mas “o conteúdo dessas conexões” por meio das “interações e conversações” (RECUERO, 2009, p. 54). São essas interações que dão visibilidade ao discurso de ódio, pois é por meio delas que as

---

<sup>22</sup> Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral-a-maquina-barulhenta-da-direita-na-internet-70001714254>>. Acesso em: 01 set. 2017.

<sup>23</sup> O perfil é composto de dados pessoais, fotos, interesses e rede de amigos.

publicações têm maior alcance de público. Quanto maior o alcance das publicações, mais sujeitos envolvidos nas relações de poder, e assim passam a fazer valer seus significados individuais sobre outros sujeitos nesse currículo.

A interação digital entre os sujeitos faz parte dos estudos sobre ciborguização. O ciborgue é um híbrido, humano mais máquina, “cuja existência é marcada pela intensiva presença das tecnologias digitais” (SALLES; FERREIRA; VARGAS, 2014, p. 1). Estaria a sociedade vivenciando uma nova concepção, humano mais máquina? Experimentando um “eu” real e “eu” virtual? Levando-se em conta esses aspectos interacionais e tecnológicos na vida das pessoas, Castells (2013) considera o espaço virtual o mais revolucionário meio tecnológico da era da informação, pois a sociedade passou por uma grande transformação cultural nas formas de se relacionar. Essas mudanças são consideradas por Castells (1999) como o surgimento da sociedade alicerçada no poder da informação.

O que se vê de mudanças significativas são as novas formas de comunicação, diferentes das mídias clássicas, como televisão, rádio, jornais e revistas; há abertura de novos espaços, como as redes sociais e mídias digitais (LEVY, 1999), que possibilitam a participação dxs internautas como produtorxs de conteúdos. No currículo do *Catraca Livre* essa participação propicia a produção de modos de ser, comportamentos e significados sobre os sujeitos, principalmente aos grupos culturais considerados “subordinados”, já citados nesta seção. Para moldar e ensinar modos de ser para esses sujeitos são usadas táticas e estratégias do discurso de ódio produzido e atravessado por outros discursos.

## **1.2 Conectando mídia e currículo**

Faço agora uma parada para reunir estudos para a viagem aqui proposta e vou abastecendo o ônibus com o combustível do conhecimento. A partir dos estudos sobre as teorias pós-críticas do currículo, esta pesquisa investigou o currículo da mídia na produção de modos de ser dos sujeitos considerados desviantes da matriz heterossexual, levando-se em conta as publicações que abordaram as diferenças de gênero e o discurso de ódio presente no currículo do *Catraca Livre*. As teorias pós-críticas do currículo incorporam os estudos de gênero e sexualidade, diferença, subjetividade, saber-poder, significação e discurso (SILVA, 2010a). Esses estudos atravessam o currículo em análise, que “é um artefato cultural [...] que define tipos de sujeitos que se quer formar” (PARAÍSO, 2007, p. 93). As teorias pós-críticas do currículo se aproximam do campo de pesquisa dos Estudos Culturais, “que apresentam uma promessa intelectual especial porque tentam atravessar, de forma explícita, interesses sociais e



políticos diversos e se dirigir a muitas lutas no interior da cena atual” (NELSON; TREICHLER; GROSSBERG, 2013, p. 7).

Sendo assim, entendo que a interlocução desta pesquisa com os Estudos Culturais possibilitou a mistura entre comunicação e educação e a partir das teorias pós-críticas do currículo, o estudo do currículo da mídia. Além disso, Paraíso (2007, p. 51) explica a aproximação das pesquisas realizadas pelos Estudos Culturais “das abordagens pós-estruturalistas”, pois problematizam as “relações de poder e processos de significação”. Como as encontradas no currículo do *Catraca Livre*.

Nesse sentido, considero que pesquisar sobre o currículo da mídia é levar em conta a produção de modos de ser e constituição de sujeitos. Segundo Paraíso (2007, p. 51), as abordagens contemporâneas dos Estudos Culturais assumem como objeto de pesquisa “qualquer artefato que possa ser considerado cultural”. Dessa forma, levei em conta a mídia como currículo cultural, e, ainda, como prática de significação. Assumi então, o *Catraca Livre* como currículo na perspectiva de Paraíso (2007, p. 23), que afirma a necessidade de ampliar as noções de currículo e estudos de outros ambientes, “especialmente o da mídia, que exerce um importante papel na formação das pessoas atualmente”. O currículo “é sempre um espaço de produção, já que nele são produzidos saberes, verdades, valores, condutas e subjetividades” (PARAÍSO, 2007, p. 93). É dentro da perspectiva de currículo como prática de significação que me baseei, levando em conta o papel “da linguagem e do discurso na constituição do social” (SILVA, 2010b, p. 14).

Compreendo assim como Giroux (2013, p. 132), que é necessário estudar os efeitos da mídia devido ao papel que ela desempenha na sociedade, pois penetra em diversos espaços e afeta os sujeitos “sob a rubrica da diversão, do entretenimento e da fuga”. A sociedade é atingida por ela e pelos variados discursos que circulam livremente em seus diversos artefatos. Kellner (2001, p. 27), por sua vez, reforça esse pensamento, pois acredita que os indivíduos são submetidos a um “fluxo sem precedentes de imagens e sons dentro de sua própria casa e um novo mundo virtual de entretenimento, informação, sexo e política”. O currículo do *Catraca Livre* é, dessa forma, um meio de difundir percepções e produzir modos de experiência e demandar posições de sujeito, pois atinge xs seguidorxs com um fluxo contínuo de informações e interações.

Ainda para Kellner (2001), a cultura da mídia fornece modelos do que significa ser homem e mulher e os atributos sociais positivos e negativos construídos na sociedade que cada um deve apresentar: além disso, ela difunde valores. A mídia constrói nos indivíduos “senso de classe, etnia, raça, nacionalidade, sexualidade, de nós e eles” (KELNNER, 2001, p. 10). Essa



construção se dá de forma ampla, por meio, por exemplo, de novelas, filmes, música, TV, fotografias e internet. Para Fischer (1997, p. 62) a produção do sujeito na mídia acontece “como materialidade discursiva, como gerador e veiculador de discursos, como tecnologia de comunicação e informação”. A mídia não só veicula, mas também produz “saberes e formas especializadas de comunicar e de produzir sujeitos, assumindo nesse sentido uma função nitidamente pedagógica” (FISCHER, 1997, p. 61). Assim, no percurso da viagem mediante o discurso de ódio que circula nesse ônibus, entendo que o envolvimento dxs usuárixs (passageirxs) do currículo do *Catraca Livre* contribui com a pedagogia da mídia na produção de saberes e produção de sujeito, pois há no interior do discurso de ódio relações de poder baseadas nas diferenças de gênero que produzem determinados tipos de sujeitos, a partir de normas binárias baseadas na matriz heterossexual.

Dados de uma pesquisa<sup>24</sup> sobre o alcance de público dos principais meios de comunicação no Brasil apresentada em janeiro de 2017 revelaram que atualmente a internet detém o segundo maior alcance de público, perdendo apenas para a TV. Pensando no alcance da internet, considero o que Kellner (2013, p. 103) afirma quando adverte que a mídia fornece prazeres, mas também serve como instrumento de marginalização e controle “ao longo dos eixos do gênero, raça e classe social”.

O discurso de ódio presente no currículo do *Catraca Livre* opera táticas que visam enquadrar os sujeitos em uma matriz heterossexual. A tática é compreendida aqui como a “arte de construir [...] atividades codificadas, aparelhos em que o produto das diferentes forças se encontram majorando por sua combinação calculada” (FOUCAULT, 1995, p. 141). O discurso de ódio no currículo em questão se dissemina, atingindo os sujeitos que transgridem uma suposta normalidade. Ele coloca em funcionamento táticas como a da interdição, que têm função de barrar a sexualidade da mulher lésbica, por meio da normalização binária homem/mulher e masculino e feminino, ensinando a elas a relação heterossexual como única possível. A tática da interdição atua também nas lições dadas aos homens gays, aos travestis e transgêneros. Além dessa, foram identificadas as táticas da repulsa e da falsidade. A primeira demonstra nojo ao relacionamento entre homens; a segunda falseia a aceitação. As táticas, juntas, trabalham para separar, segregar e excluir os homens gays.

No que diz respeito axs travestis e transgêneros, além da tática da interdição, aparecem ainda as táticas da punição, do apagamento e da negação. A primeira condena o diferente, a segunda apaga os gêneros que escapam ao binarismo, a terceira nega as escolhas

---

<sup>24</sup> Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/tv-e-o-meio-preferido-por-63-dos-brasileiros-para-se-informar-e-internet-por-26-diz-pesquisa.ghtml>>. Acesso em: 23 set. 2017.

desses sujeitos. Nos ensinamentos às mulheres foram encontradas em ação as táticas do disciplinamento, da censura e da culpa, que funcionam para lhes atribuir modos de ser belas, recatadas e do lar.

Durante o percurso do ônibus, a pesquisa analisou as relações estabelecidas no currículo do *Catraca Livre* ao produzir e divulgar o discurso de ódio e, por consequência, a discriminação de determinados tipos de sujeito em detrimento de outros em função das diferenças de gênero. Interessei-me ainda por identificar as táticas usadas para reiterar as normas da matriz heterossexual e os escapes que esse currículo vivencia. Assim, observo como profissional de comunicação e educadora, que a mídia, uma das instâncias sociais que produz cultura, veicula e constrói significados e representações, é aqui compreendida como um currículo que ensina modos de viver às pessoas, contribui para legitimar relações desiguais entre os sexos, reforçando formas de representar homens e mulheres quase sempre a partir de distinções binárias entre os sexos: homem e mulher pelo sexo de nascimento.

Os avanços significativos no campo das tecnologias digitais e na forma como os sujeitos se relacionam nas redes sociais digitais, expõem a forma como as pessoas tomam uma suposta liberdade de dizer o que querem de forma preconceituosa e violenta. Nesse sentido, o currículo do *Catraca Livre*, aqui em análise, possibilita interações entre os sujeitos e também atua na produção do discurso de ódio a partir das diferenças de gênero, sobretudo quando estas fogem aos padrões heteronormativos. A mídia enquanto currículo tem papel formador, disponibiliza padrões de sujeitos na sociedade e propaga discursos normalizadores e fiscalizadores das condutas de comportamento.

## 2 OS CAMINHOS TEÓRICOS DO CURRÍCULO

Para nortear os caminhos do ônibus nesta pesquisa, apresento agora os conceitos centrais que utilizo como ferramentas teóricas. Esses conceitos funcionam como “bússolas” e ajudam a traçar a rota da viagem. Entre eles, o currículo se torna a coluna dorsal. O currículo do Catraca como prática de significação faz “valer significados particulares, próprios de um grupo social, sobre os significados de outros grupos” (SILVA, 2010b, p. 23). Somam-se ao currículo nas análises aqui empreendidas, conceitos tais como; heteronormatividade, gênero, sexualidade, diferença, subjetividade, cultura, significação, discurso e saber-poder. Nesse trabalho analisei o discurso de ódio a partir das diferenças de gênero baseadas na matriz heterossexual no currículo do Catraca Livre. Nas matérias que abordam gênero e sexualidade, xs seguidorxs da página podem se expressar e, dessa maneira, o currículo do Catraca Livre se torna um espaço de debates e conflitos.

A palavra currículo remete, muitas vezes, aos saberes ensinados na escola ou ainda às qualidades de uma pessoa na busca por um trabalho, mas aqui não foram estas as abordagens que adotei. Esta dissertação foi ancorada na perspectiva pós-crítica do currículo, com influências dos Estudos Culturais e do pós-estruturalismo, que apresentam novas formas de conceber o currículo.

Silva (2010a, p. 15) explica que “as teorias do currículo, tendo decidido quais conhecimentos devem ser selecionados, buscam justificar por que ‘esses conhecimentos’ e não ‘aqueles’ devem ser selecionados”. O conceito de currículo passou por reformulações ao longo dos anos, levando-se em conta não apenas as questões da escola, mas também as práticas culturais presentes na sociedade. Para Silva (2010b)

As recentes transformações na teorização social, sob o impacto dos novos movimentos sociais, dos estudos culturais, das dúvidas e das problematizações epistemológicas colocadas pelo pós-modernismo e pelo pós-estruturalismo e, de forma geral, das radicais e profundas mudanças sociais em curso, estão tendo seu efeito sobre a teorização curricular. (SILVA, 2010b, p. 12).

Efeitos esses que contribuíram com a pesquisa que apresento, já que a compreensão da mídia como um currículo, como um espaço que ensina coisas às pessoas, bem como as discussões de gênero, são resultados dessas transformações. No entanto, as mudanças não excluíram outras visões de currículo, o que torna importante conhecê-las. Em síntese apresento algumas delas. A primeira é a “tradicional e humanista baseada na concepção conservadora da cultura ‘fixa, estável, herdada’” (SILVA, 2010b, p. 12), na qual o conhecimento

é transmitido como fato e como informação. A segunda é chamada de tecnicista e é bem similar à primeira, mas opera “ênfatizando as dimensões instrumentais, utilitárias, e econômicas da educação” (SILVA, 2010b, p. 12). A terceira leva em conta a escola como reprodutora “das estruturas de classe da sociedade capitalista” (SILVA, 2010b, p. 13). A quarta, “pós-estruturalista, que retoma e reformula algumas das análises da tradição crítica neomarxista, enfatizando o currículo como prática cultural e como prática de significação” (SILVA, 2010b, p. 13). Essas últimas tiveram a influência “sobretudo dos Estudos Culturais sintetizadas na chamada ‘virada linguística<sup>25</sup>’, que vem modificar radicalmente essas concepções iniciais” (SILVA, 2010b, p. 14). Nessa concepção, linguagem e discurso ganham papel de destaque e “a cultura é entendida principalmente como prática de significação” (SILVA, 2010b, p. 14). Ribeiro (2013, p. 46) ressalta que tais teorias não atuam apenas separadas e em conflito, mas podem vivenciar “interseções, justaposições e encontros”.

Para Silva (2010a, p. 139) as contribuições das teorias pós-críticas possibilitaram a “diminuição das fronteiras entre, de um lado, o conhecimento acadêmico e escolar e, de outro, o conhecimento cotidiano e o conhecimento da cultura de massa”. Ou seja, assume-se que os saberes não são produzidos somente na escola, mas por meio da cultura que permeia toda a sociedade. Desse modo, “as outras instâncias culturais também são pedagógicas, também têm uma ‘pedagogia’, também ensinam alguma coisa” (SILVA, 2010a, p. 139). Assim, são entendidos como artefatos culturais que compõem a pedagogia cultural “o cinema, a televisão, as revistas, a literatura, a moda, a publicidade, a música etc.”. Eles “nos ensina[m] comportamentos, procedimentos, hábitos, valores e atitudes considerados adequados e desejáveis” (PARAÍSO, 2001, p. 144). E é a partir desses ensinamentos que o currículo do *Catraca Livre* ensina práticas de significação sobre como ser homem e/ou mulher heterossexual a partir do discurso de ódio, e é por meio dele que determinados grupos tentam impor “sua visão de mundo, seu projeto social, sua ‘verdade’” (SILVA, 2010b, p. 10). Mas é também no currículo do *Catraca* que se ensinam rupturas aos padrões de gênero.

Dessa maneira, assumi o conceito de currículo como prática de significação que leva em conta que “os significados organizam-se em sistemas, em estruturas, em relações [...]; organizam-se como marcas linguísticas materiais, como tramas, como rede de significantes, como tecidos de signos, como textos” (SILVA, 2010b, p. 18). O currículo do *Catraca Livre*,

---

<sup>25</sup> “A chamada “virada linguística” (linguistic turn) promovida pelo filósofo alemão Gottlob Frege, a linguagem passou a ocupar lugar de destaque na atenção dos filósofos, de modo que é possível dizer que, a partir da virada do século XIX, o campo da Filosofia da Linguagem tornou-se praticamente co-extensivo ao da própria Filosofia”. (RAJAGOPALAN, 2011. p. 111).

assim como qualquer outro, é um campo de luta e construção de significados atribuídos aos outros (SILVA, 2010b). A significação pode reafirmar ou negar modos de viver construídos por diversos grupos sociais, instituições e discursos. Para Silva (2010b), a luta por significação se desenvolve no terreno das relações de poder, por isso, nesse currículo, operam-se táticas de interdição, repulsa, negação, disciplinamento, censura etc., para significar os sujeitos considerados desviantes da heteronormatividade. O currículo analisado “produz sentidos sobre as culturas, sobre as pessoas e sobre seus modos de vida” (RIBEIRO, 2013, p. 26) e, por isso, ele se torna um elemento importante para os grupos nas disputas de poder. Assim, para Ribeiro (2013, p. 41), “a construção dessas significações acontece em diversos espaços e circula em diferentes discursos – político, midiático, educacional”.

No espaço do currículo são demandadas “condutas consideradas desejáveis, dentro de um determinado grupo social e cultural” (RIBEIRO, 2013, p. 54), pois “os significados são função de posições específicas de poder e promovem posições particulares de poder” (SILVA, 2010b, p. 23). Nesse sentido, a conduta considerada desejável é a heterossexualidade, com todas as características que lhe são atribuídas socialmente a homens e mulheres, tais como: casar-se com alguém do sexo oposto, ter filhos, apresentar comportamentos e marcas no corpo que os diferencie produzindo masculinidades e feminilidades. Quem comenta nas publicações do *Catraca Livre* faz valer seus significados e a vontade de verdade produzida na sociedade. A vontade de verdade, segundo Foucault (1970, p. 17), “é reforçada por um conjunto de práticas que permeiam a sociedade [...] reconduzida, pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído”.

Foucault (1989, p. 183-184) afirma que o poder permeia a sociedade, que “o indivíduo é o efeito do poder e, simultaneamente, ou pelo próprio fato de ser um efeito, é seu centro de transmissão. O poder passa através do indivíduo que ele constituiu”. Ou seja, são os sujeitos que fazem valer seus efeitos de verdade por meio de discursos com o objetivo de controlar e produzir outros sujeitos. O sujeito que o currículo pesquisado quer produzir passa por processos de subjetivação que querem transformá-los, moldá-los. A subjetivação é, assim, “o nome que se pode dar aos efeitos da composição e da recomposição de forças, práticas e relações que tentam transformar – ou operam para transformar – o ser humano em variadas formas de sujeito” (ROSE, 2001, p. 143).

Aqui, o sujeito que se quer produzir é aquele baseado na matriz heterossexual dentro do contexto das práticas de significação ensinadas no currículo. São essas práticas que produzem os discursos e os sujeitos. Ou seja, ele está “sujeito” a práticas de significação, culturais, políticas etc. Segundo Ribeiro (2013, p. 50), “no interior do currículo processos de

subjetivação são constituídos com o objetivo de produzir, estimular e administrar determinadas subjetividades”. Essa produção é reiterada pelos discursos que circulam no currículo do *Catraca Livre* ao tentar produzir modos de ser normalizados na matriz heterossexual. Os sujeitos que são aqui compreendidos como desviantes da norma buscam a possibilidade de se reafirmarem e terem seus gêneros e sexualidades reconhecidos pela sociedade. Para entender o processo de produção de sujeito, na próxima seção apresento o currículo analisado e a produção de sujeito naquele espaço.

## 2.1 A produção do sujeito no Currículo do *Catraca Livre*

Na perspectiva dos Estudos Culturais, vale reiterar que é possível analisar o papel do currículo da mídia na produção de sujeitos. A partir da cultura, os Estudos Culturais se preocupam com as transformações sociais que cada prática cultural pode exercer na sociedade e na vida dos sujeitos. “Os Estudos Culturais estão, assim, comprometidos com o estudo de todas as artes, crenças, instituições e práticas comunicativas de uma sociedade” (NELSON; TREICHLER; GROSSBERG, 2013, p. 9). Esse campo de pesquisa se atenta para os artefatos, práticas e dispositivos culturais que permeiam a sociedade

para compreender os processos que moldaram a sociedade e a cultura modernas e do pós-guerra: industrialização, modernização, urbanização, o surgimento da comunicação de massa, a desintegração daquilo que Raymond Williams descreveu como “comunidades conhecíveis”, a crescente mercantilização da vida cultural, o colapso dos impérios colonialistas ocidentais e o desenvolvimento de novas formas de imperialismo, a criação de uma economia global e a disseminação mundial da cultura de massa [...]. (NELSON; TREICHLER; GROSSBERG, 2013, p. 15)

Nesse sentido, interessaram-me as contribuições dos Estudos Culturais no que se refere ao estudo da mídia como um currículo cultural. A mídia como currículo, como artefato cultural, tem o objetivo de “formar, educar, transformar, modificar, subjetivar” (SILVA, 2010a, p. 93). Por esse ângulo, entendo que o currículo “é sempre um espaço de produção, já que nele são produzidos saberes, verdades, valores, condutas e subjetividades” (SILVA, 2010a, p. 93). Isto posto, levei em conta nesta pesquisa a produção de sujeitos por meio do discurso de ódio no currículo do *Catraca Livre* no *Facebook*. Segundo Paraíso (2007, p. 24), a mídia, em seus diferentes meios de produção, “invade o nosso cotidiano, nos expõe, nos ensina modos de ser [...]; ela produz sentidos, práticas e sujeitos de um determinado tipo” (PARAÍSO, 2007, p. 24). Esse determinado tipo de sujeito está intrinsecamente ligado aos modos de ser hegemônicos em

nossa sociedade, ou seja, modos de ser heterossexuais, que também são reiterados nos discursos que permeiam o currículo do *Catraca Livre*.

Assim, entendo que o estudo do currículo da página do *Catraca Livre* no *Facebook* pode dar pistas para entender o discurso de ódio a partir das diferenças de gênero apresentadas neste artefato. A partir dos Estudos Culturais e das teorias pós-críticas do currículo, conceitos como heteronormatividade, gênero, sexualidade, diferença, subjetividade, cultura, significação, discurso e saber-poder passam a figurar nas pesquisas de diversos autores, como Silva (2010, 2013), Paraíso (2007), Ribeiro (2013), Maknamara (2011), Santomé (2013), Louro (2015), entre outros, nas duas últimas décadas. Outros estudiosos como Giroux (2013), Fischer (2001), Kellner (2001), Paraíso (2007) e Santaella (2010) se ocupam em entender a mídia em seus diversos efeitos na produção de sujeitos, alinhando as pesquisas entre comunicação e pedagogia baseados no conceito de pedagogia cultural.

Fischer (1997, p. 63) compreende que há um dispositivo pedagógico da mídia que opera com uma lógica discursiva “na produção de sentidos e de sujeitos sociais” e uma “relação complexa entre os produtores, criadores e emissores, de um lado, e os receptores e consumidores, de outro”. A cultura da mídia “ajuda a modelar a visão prevalecente de mundo e os valores mais profundos: define o que é considerado bom, mau, positivo ou negativo, moral ou imoral” (KELLNER, 2001, p. 9).

As relações de poder no currículo analisado podem assumir pelo menos duas possibilidades: às vezes, podem ser positivas, pois colocam em contato indivíduos ou grupos que querem usar o espaço como meio de luta por direitos e representação. Mas, também podem funcionar como espaço onde grupos que querem manter a hegemonia divulguem normas e padrões heteronormativos que também representam preconceito e violência. Com o advento da internet (e do ciberespaço), a informação circula muito rapidamente e x próprijs usuárijx pode produzir conteúdos a respeito de suas concepções – um terreno fértil para a propagação da discriminação, mas também de suas rupturas. Além da participação efetiva dxs usuárijx na produção do conteúdo, há ainda seu papel como coadjuvante ao compartilhar informações na rede social. “Há uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana, dominando o tempo de lazer, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, e fornecendo o material com que as pessoas forjam sua identidade” (KELLNER, 2001, p. 9).

Para Skliar (2003), com a modernidade, vivemos uma era de produzir o outro, que “tem deixado de ser um objeto de paixão para se converter num objeto de produção”, esse outro “como diferença à falta de poder viver a alteridade como destino” (SKLIAR, 2003, p. 41). A

diferença é produzida no contexto das relações sociais e, exatamente por isso, “não pode ser compreendida fora dos sistemas de significação” (SILVA, 2000, p. 78).

No currículo pesquisado, a diferença é marcada por um processo discursivo, classificando os sujeitos em oposições binárias, como homem/mulher, masculino/feminino ou heterossexual/homossexual. Essas oposições são baseadas a partir da “posição do homem branco heterossexual de classe média urbana” (LOURO, 2008, p. 22), que foi construída “historicamente, como a posição de sujeito ou a identidade referência, segue-se que serão diferentes todas as identidades que não correspondam a esta ou que desta se afastem” (LOURO, 2008, p. 22). Foi a partir dessa concepção que me interessou compreender como se dá a produção da normalização a partir da diferença de gênero em relação aos homossexuais, travestis e transgêneros e mulheres.

Xs homossexuais querem o direito de expor o relacionamento homoafetivo sem discriminação. Viver a performatividade do gênero como forma de se expressar e de se reconhecer pode ser o que querem xs travestis e transgêneros. Para Butler (2001) gênero é performativo pois produz significados nos corpos. Ou seja, gênero não é pré-determinado pelo sexo, mas pela maneira de se comportar ou se expressar, com uso de acessórios ou roupas por exemplo. A “performatividade deve ser compreendida não como um ‘ato’ singular ou deliberado, mas, ao invés disso, como a prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia” (BUTLER, 2001, p.111). As mulheres querem o seu lugar de direito na sociedade, embora continuem sendo tratadas como minoria. Discutir o direito ao próprio corpo, por exemplo, tem sido uma das grandes lutas das mulheres no país, que segundo pesquisa do Datafolha<sup>26</sup>, divulgada no Dia Internacional da Mulher deste ano, mostra que uma em cada três mulheres sofreram algum tipo de violência no Brasil em 2016. O discurso de ódio opera contra esses sujeitos para contê-los, interditá-los, normalizá-los, subjetivá-los.

Assim, o conflito de ideias e significados permeia as relações mediadas pelas redes sociais e, de forma coletiva ou individual, os sujeitos tentam fazer valer suas verdades sobre a de outros, como evidenciado nas análises dos comentários das matérias do *Catraca Livre*. No campo tecnológico, não somos mais apenas humanos: somos um híbrido de ser humano e máquina (SILVA, 2009). Dessa forma, cabem as perguntas feitas por Silva (2009, p. 9): “onde termina o humano e onde começa a máquina? Ou, dada a ubiquidade das máquinas, a ordem não seria a inversa?: onde termina a máquina e onde começa o humano?”. Os humanos da contemporaneidade acessam as redes sociais, de modo que o virtual passou a fazer parte do dia

---

<sup>26</sup> Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/os-numeros-da-violencia-contra-mulheres-no-brasil/>>. Acesso em: 12 nov. 2017.



a dia das pessoas e elas começaram a interagir intensamente nesse espaço, o que fez com que esse meio de comunicação começasse a influenciar posturas sociais, esfriar as relações, formar opiniões e gerar conflitos. Os conflitos são gerados pelos discursos que circulam no currículo, onde se evidencia o discurso de ódio. Partindo dessas considerações sobre como o currículo analisado produz os sujeitos e modos de ser a partir da heteronormatividade, abordo na próxima seção os conceitos de discurso e discurso de ódio.

## 2.2 O discurso e discurso de ódio

Quem tem perfil em redes sociais, especialmente no *Facebook*, convive diariamente com discursos que divulgam diversas formas de compreender os assuntos mais variados da sociedade. Pessoas usam a rede social para reclamar, defender e atacar ideias e crenças. Também comentam e expõem a opinião contra ou a favor de notícias e fatos do cotidiano que circulam na internet. Os variados discursos que circulam nesse espaço têm “efeitos sobre nossa conduta, sobre os modos como devermos falar e agir” (PARAÍSO, 2007, p. 57) e são utilizados para reforçar e até mesmo justificar o discurso de ódio. Para Foucault (2008, p. 55), os discursos são feitos de signos; “mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse ‘mais’ que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever”. Assim, nesta pesquisa, me aprofundi nas camadas do discurso de ódio e busquei compreender quais os discursos que o atravessam. Assim, identifiquei no currículo analisado que os discursos religioso, moralista, machista, biológico, entre outros atuam em conjunto com o discurso de ódio na produção dos sujeitos que não se encaixam na matriz heterossexual.

Foucault (2008, p. 22) entende o discurso como “um conjunto de enunciados que se apoia em um sistema de formação” e, como uma prática social, o discurso tende a materializar as ações dos sujeitos sobre outros sujeitos numa constante relação de poder por uma vontade de verdade. A noção de verdade para Foucault (1989) está intrinsecamente ligada às práticas de poder utilizadas para o adestramento do corpo, do comportamento e da sexualidade com o objetivo de que se obedeçam regras e padrões da sociedade. A “verdade não existe fora do poder ou sem poder [...]. Cada sociedade tem seu regime de verdade, isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros” (FOUCAULT, 1989, p. 10). Nesta pesquisa, observei que a discussão sobre gênero na sociedade contemporânea tem encontrado resistência dentro e fora do currículo analisado. As questões de gênero, bem como teóricxs que as estudam e sujeitos que escapam do binarismo de gênero, são atacadx com

discurso de ódio tanto nas redes sociais como fora delas. Tenta-se aqui controlar o que pode ser divulgado sobre as diferenças de gênero no currículo do Catraca, pois a sociedade só aceita como verdade o gênero binário. A partir disso, compreendo que a produção do discurso, como Foucault (2001, p. 9) adverte, é como em uma represa: “é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”. Existe controle do que pode ser dito e onde pode ser dito.

Desse modo, a produção dos discursos não é livre, pois os discursos em nossa sociedade passam por certos procedimentos de exclusão, sendo o mais evidente a “interdição” (mas ainda existe a “separação” e a “rejeição”). Ou seja, não se tem direito de dizer tudo em qualquer circunstância – há o “tabu do objeto, ritual da circunstância” (FOUCAULT, 1970, p. 9). Para Foucault (1970), “há uma diferença significativa entre a interdição da sexualidade e outras formas de interdição. Diferente de outras interdições, as sexuais estão constantemente ligadas à obrigação de dizer a verdade sobre si” (FOUCAULT, 1970, p. 321). No currículo analisado os sujeitos fora da matriz heterossexual que expõem a verdade sobre si nas publicações são alvo do discurso de ódio. Eles são interditados, excluídos, censurados etc., ao externarem desde a expressão do gênero no corpo, como roupas, adereços, características físicas, cortes de cabelo ou uso de perucas, por exemplo, ou a exposição dos relacionamentos homoafetivos.

O discurso de ódio que circula no currículo analisado se manifesta contra o diferente, contra o sujeito que escapa da heteronormatividade, ou seja, lésbicas que assumem publicamente seus relacionamentos, gays que publicam fotos ou vídeos com seus companheiros, travestis que constituem famílias que não são consideradas “família de bem”, transgêneros que quebram as fronteiras do sexo, gênero e sexualidade; mulheres que enfrentam o machismo e o moralismo. Para Glucksmann (2007, p. 11), “o ódio existe [e] todos nós já nos deparamos com ele, tanto na escala microscópica dos indivíduos como no cerne de coletividades gigantescas”. O ódio está no nosso dia a dia, em nossos gestos, olhares e falas, na maneira como nos relacionamos com o outro (LEBRUN, 2008). O ódio gera perseguições, segregações, mortes em massa, como no Holocausto, nas guerras por poder. Bauman (1997, p. 27) descreveu o Holocausto como o mais “opressivo dos pesadelos que assombraram o nosso século, notório por seus horrores e terrores, por seus feitos sangrentos e tristes premonições”.

A expressão “discurso de ódio” é tradução de *hate speech*, e xs usuárixs de redes sociais que propagam o ódio são chamados *haters* (“odiadores”, em tradução livre). Os *haters* são usuárixs que defendem suas ideias, crenças e ideologias com discursos agressivos em

páginas e postagens contrárias aos seus pensamentos. Muitas vezes, x *hater*<sup>27</sup> possui vários perfis falsos para se esconder e proferir ofensas sem responder criminalmente por seus atos. Porque proferir ofensas na internet contra outrem pode ser caracterizado como crime virtual, pois existem limites entre a liberdade de expressão<sup>28</sup> e o discurso de ódio. Nesta pesquisa, o discurso de ódio é visível nos comentários produzidos pelxs seguidorxs da página *Catraca Livre*. O anonimato supostamente garantido pela tela do computador ou smartphone encoraja as pessoas a ofender e discriminar quem é considerado diferente e, assim, usam o direito à liberdade de expressão para disseminar o discurso de ódio nos comentários das postagens.

O ódio encontrou na internet terreno fértil para se proliferar. Nesse caso, a ação dxs *haters*, que sempre agem em grupo, tem objetivo de atingir xs outrxs internautas seja para direcionar o discurso de ódio contra elxs, seja para convencê-lxs de suas ideias e concepções, incentivando a propagação da discriminação. Sobre os sujeitos desta pesquisa, o ódio é reiterado, sobretudo, quando eles expõem a sexualidade de forma divergente da do grupo agressor. Gluscksmann (2007) explica que esses sujeitos usam o ódio

com seus ornamentos tradicionais – raiva, cólera, bestialidade, ferocidade – um arsenal completo, o ódio acusa sem saber. O ódio julga sem ouvir. O ódio condena a seu bel-prazer. Nada respeita e acredita encontrar-se diante de algum complô universal. Esgotado, recoberto de ressentimento, dilacera tudo com seu golpe arbitrário e poderoso. Odeio, logo existo (GLUSCKSMANN, 2007, p. 12).

Esse arsenal de ornamentos configuram práticas em que o discurso de ódio ensina a separar sujeitos “normais” e classifica os outros sujeitos como “anormais”, imputando-lhes regras de comportamento. A norma é conceituada por Foucault (2001, p. 62) “como um elemento a partir do qual certo exercício do poder se acha fundado e legitimado”, a partir do exame de normalização que classificava o sujeito entre normal e anormal, pois se criava também naquele período, no curso do século XVIII, a noção de desvio da norma. Para Butler (2014, p. 252), “uma norma não é o mesmo que uma regra, e não é o mesmo que uma lei. Uma norma opera no âmbito de práticas sociais sob o padrão comum implícito da normalização”. A heterossexualidade é a “norma invisível relativamente à qual as outras formas de sexualidade, sobretudo a homossexualidade, são vistas como um desvio, como uma anormalidade” (SILVA,

<sup>27</sup> Disponível em: <<http://noticias.r7.com/tecnologia-e-ciencia/haters-saiba-tudo-sobre-os-inimigos-da-internet-16082014>>. Acesso em: 15 set. 2017.

<sup>28</sup> A Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada pela Assembleia-Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948, em seu Artigo 19 garante que “toda pessoa tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras.” Disponível em: <http://artigo19.org/> : Acesso em: 06 de dez. 2016

2010a, p. 106). Essa normalidade está, para Louro (2015), ligada às formas “normais de uma família” e às questões de reprodução sexual. Quem foge à norma é considerado anormal. Para existir o normal é preciso a existência do anormal, aquele que foge ao padrão imposto, que subverte as regras e a ordem: o monstro, o doente. Nas matérias publicadas no currículo do *Catraca Livre* são expostos pelxs internautas mulheres, lésbicas, gays, travestis e transgêneros compreensões de mundo que fogem às regras da sociedade, e, embora esses escapes sejam marcas de resistência, são também gatilhos para o discurso de ódio que tenta reiterar a posição de sujeito heterossexual.

A matriz heterossexual reitera marcas que classificam o indivíduo antes mesmo do nascimento ao se escolher as cores: azul para meninos e rosa para meninas, por exemplo. Por isso, sujeitos que demonstram desvios da normalidade de como ser homem ou mulher são vigiados e podem sofrer tentativas de correção ou punição. A heterossexualidade, por ser considerada normal, é reiterada no currículo do *Catraca*. O conceito de normal e anormal pode ser entendido a partir da relação de um grupo consigo mesmo, como afirma Veiga-Neto (2001):

as marcas da anormalidade vêm sendo procuradas, ao longo da Modernidade, em cada corpo para que, depois, a cada corpo se atribua um lugar nas intrincadas grades das classificações dos desvios, das patologias, das deficiências, das qualidades, das virtudes, dos vícios. (VEIGA-NETO, 2001, p. 119)

Assim, padronizar os sujeitos, normalizá-los, faz parte do processo de subjetivação. Silva (2014, p. 83) afirma que “normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa”. Marcar o outro pela diferença implica produzir um significado e o “signo é um sinal, uma marca, um traço” (SILVA, 2014, p. 78). Essa significação é uma construção social e se aplica ao gênero para definir as diferenças entre os sexos. As marcas dessa diferença aparecem quando o sujeito foge ao padrão estabelecido para cada um, desde a escolha das roupas, cores, comportamentos sociais, vida sexual etc. Essas marcas são representadas e controladas no corpo do outro, o que é considerado diferente. O “outro pode ser pensado sempre como exterioridade, como alguma coisa que eu não sou, que nós não somos” (SKLIAR, 2003, p. 41). O que não somos, ou o que o outro é, subverte uma suposta ordem e suscita o ódio.

O discurso de ódio contra esses sujeitos que subvertem, apaga as individualidades; e, por isso, não pergunta “quem é você?”, mas afirma: “você deve ser hétero”, “seja normal”. O poder disciplinar, segundo Foucault (2014) visa a “adestrar” os corpos. Para isso, entre os instrumentos que o poder utiliza estão o olhar hierárquico e a sanção normalizadora. Estes, por

sua vez, também aparecem como elementos do discurso de ódio do currículo analisado. O poder disciplinar, como explica Foucault (1995)

aplica-se à vida cotidiana imediata que categoriza o indivíduo, marca-o com sua própria individualidade, liga-o à sua própria identidade, impõe-lhe uma lei de verdade, que devemos reconhecer e que os outros têm que reconhecer nele. É uma forma de poder que faz dos indivíduos sujeitos. (FOUCAULT, 1995, p. 235).

No currículo do *Catraca Livre*, esse poder atua contra gays e, lésbicas que saem do armário, travestis e trans que transpõem a fronteira do gênero, e a mulher que circula por lugares “não permitidos” a ela, ou que não veste uma roupa “adequada” à norma. No discurso de ódio, ela é culpada por ser violentada por causa da roupa que usa e do comportamento desviante. Muitos desses sujeitos, para se integrarem ao grupo ou ao que a família preconiza, fingem ser o que não são, sua sexualidade e o gênero são apagados e/ou silenciados por diversos discursos, tais como: o religioso, moralista, machista, biológico etc.

Dessa maneira, observei que o sujeito é resultado das práticas discursivas que o moldam com o objetivo de torná-lo “normal”, “igual” aos outros. Ou seja, ser normal no que se refere à sexualidade é ser heterossexual. A heterossexualidade é demandada como algo natural, definindo comportamentos, marcas no corpo e uma série de normas a se cumprir. A partir das matérias sobre os direitos das mulheres, lésbicas, gays, travestis e transgêneros, muitos comentários questionam por que esse currículo ensina sobre a diferença do outro. Mas, nesse currículo, também se ensina o ódio quando se questiona a necessidade de divulgar diferentes modos de pensar, modos de ser que escapam da heteronormatividade.

Embora no currículo analisado exista o discurso de ódio que barra os sujeitos desviantes, as questões sobre os estudos de gênero e heteronormatividade estão sendo publicadas no *Catraca Livre*, o que propicia debates e escapes. Assim, o currículo vem produzindo diferentes modos de pensar os sujeitos considerados desviantes e distintas maneiras de considerar e respeitar as diferenças de gênero.

### **2.3 Gênero e heteronormatividade**

Agênero<sup>29</sup>, bigênero<sup>30</sup>, cisgênero<sup>31</sup>, *genderqueer*<sup>32</sup>, gênero fluido<sup>33</sup>, intersexo<sup>34</sup>, não binário<sup>35</sup>, transgênero<sup>36</sup>. Essas são algumas das 56 opções com que alguém pode identificar o gênero no perfil do *Facebook*; mas, essas opções, por enquanto, estão disponíveis apenas no *Facebook* dos Estados Unidos. No Brasil, ainda há apenas as opções feminino, masculino e neutro.

Denominar-se de um gênero diferente do padrão binário em que se encaixam os cisgêneros femininos e masculinos pode resultar em discriminação, exclusão e dor – resultados de uma sociedade baseada na heteronormatividade e no binarismo homem/mulher a partir do sexo de nascimento. Inicialmente, na gramática, a palavra gênero era usada para definir o sexo dos substantivos (SILVA, 2010a). Posteriormente, na década de 1960, o conceito foi utilizado para se referir ao processo de identificação sexual, mais especificamente aos aspectos socialmente construídos (SILVA, 2010a). Nesta pesquisa, levei em conta o conceito de gênero trazido por Judith Butler (2003), que afirma que o gênero é “performativo” e não “um substantivo”. A performatividade é um dos pontos-chave da teoria de Butler (1999, p. 152), pois ela “deve ser compreendida não como um “ato” singular ou deliberado, mas, em vez disso, como a prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia”. Butler (2003, p. 25) argumenta que o “sexo e o gênero não devem ser meramente concebidos como a inscrição cultural de significado em um sexo previamente dado”, ao contrário, ela afirma que tanto sexo como gênero são culturalmente construídos. Segundo Butler (2003),

Se o sexo e o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que decorra de um sexo desta ou daquela maneira. Levada ao seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. (BUTLER, 2003, p. 24).

---

<sup>29</sup> Agênero: Alguém que não se identifica com qualquer tipo de identidade de gênero.

<sup>30</sup> Bigênero: Alguém que se identifica como homem e mulher ao mesmo tempo.

<sup>31</sup> Cis: Homens e mulheres que se identificam com o sexo de nascimento

<sup>32</sup> Genderqueer: Alguém que cuja identidade fica fora do sistema de dois gêneros (ou seja, homem/mulher) ou que deseja desafiar-lo; essa pessoa pode se identificar por múltiplos gêneros,

<sup>33</sup> Gênero Fluido: Alguém cuja identidade de gênero e apresentação não se limita a apenas uma categoria de gênero

<sup>34</sup> O termo intersex é um termo geral usado para uma variedade de condições em que uma pessoa nasce com uma anatomia reprodutiva ou sexual, que não parecem se encaixar nas definições típicas de sexo feminino ou masculino.

<sup>35</sup> Não-binário: Pessoas que se identificam como não-binárias desprezam a ideia de uma dicotomia entre macho e fêmea.

<sup>36</sup> Transgênero: O termo refere-se a uma pessoa que não se identifica com seu gênero atribuído no nascimento. Esta pessoa pode, ou não, realizar um tratamento (hormonal, cirúrgico) para adequar seu "sentimento interno e pessoal de ser homem ou mulher" com sua identidade sexual.

As teorias de gênero de Butler (2003) rompem com normas tradicionais de gênero baseadas no binarismo. Ela afirma que o gênero é uma construção social, a expressão do significado de ser homem ou mulher no corpo, e refuta a ideia de que o sexo produz naturalmente o gênero no corpo. Isto é, gênero não significa dizer ser homem ou mulher, masculino ou feminino; não está ancorado entre o sexo e a sexualidade; ele abarca outros modos de vivenciar o corpo e o modo de ser. Para conter os sujeitos e seus escapes ao gênero binário no currículo do *Catraca Livre*, discursos de variados campos são produzidos: os “discursos, na verdade, habitam corpos. Eles se acomodam em corpos; os corpos na verdade carregam discursos como parte de seu próprio sangue. E ninguém pode sobreviver sem, de alguma forma, ser carregado pelo discurso” (BUTLER, 1999 a, p. 163).

Butler (2003) afirma, então, que os significados de homem/masculino e mulher/feminino podem significar tanto um corpo masculino quanto um corpo feminino. Essa teoria vai de encontro à matriz heterossexual, que determina que um homem deve ser masculino, com comportamentos e modos de ser que o constituam como homem-macho e uma mulher deve ser feminina, com comportamentos e modos de ser que a constituam como mulher-fêmea, pois seguem as normas regulatórias do sexo. Butler (1999, p. 153) afirma que essas normas “trabalham de uma forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual”.

Para as mulheres, as marcas vão desde a roupa, passando por comportamentos sociais (como não ir a qualquer lugar sozinha), cuidados com o corpo (depilação, maquiagem), até a obrigatoriedade de casamento heterossexual e cuidados com xs filhxs etc. Para os homens, não chorar, não demonstrar sentimentos, gostar de atividades físicas, exibir força e virilidade, casar com mulher e ter filhxs, ser o provedor da casa. Assim, Butler (1999) sugere que “a categoria do “sexo” é, desde o início, normativa, e as práticas de significação operam para reiterar a heteronormatividade. No discurso de ódio presente no currículo investigado são cobradas marcas e comportamentos que atendam a expressão de masculinidades e feminilidades consideradas normais. No entanto, como Butler (2014, p. 253) explica, “gênero não é exatamente o que alguém ‘é’ nem é precisamente o que alguém ‘tem’”. Assim, “o gênero, ao ser instituído pela estilização do corpo, deve ser entendido como a mundaneidade em que os gestos corporais, os movimentos e as normas de todo o tipo, constituem a ilusão de um eu genérico e permanente” (BUTLER, 1990, p. 11). Será que as pessoas podem ser definidas pelas roupas que vestem, pelo comportamento social ou pela orientação sexual? Para muitxs seguidorxs da página *Catraca Livre*, sim. Em meio as publicações sobre questões de gênero elxs



julgam os sujeitos das matérias publicadas e tentam fazer valer seus valores morais, religiosos, machistas e biológicos.

Diante do que está estabelecido pelas normas regulatórias citadas anteriormente, reitera-se que o sexo é uma construção social, pautada em uma “matriz heterossexual” (LOURO, 2015, p. 17). É em referência a essa matriz que se fazem “não apenas os corpos que se conformam às regras de gênero e sexuais, mas também os corpos que a subvertem” (LOURO, 2015, p. 17). Os sujeitos subversivos são considerados transgressores, como as mulheres, lésbicas, gays, travestis e transgêneros que, nesta pesquisa, sofrem com o discurso de ódio no currículo estudado. Imputa-se a elxs a exclusão, a segregação, “as pedagogias corretivas e das ações de recuperação ou de punição” (LOURO, 2015, p. 16). A esses sujeitos são demandadas marcas, sobretudo, corporais, que reforcem masculinidades e feminilidades. Essas marcas significam os corpos, os modelam dentro da “norma” heterossexual, “segundo as marcas distintas de uma cultura” (LOURO, 2015, p. 77).

Louro (2015, p. 78) explica que “as características dos corpos significadas como marcas pela cultura distinguem sujeitos e se constituem em marcas de poder”. Um poder disciplinar que governa corpos e os torna úteis (FOUCAULT, 2014). O poder disciplinar reitera as normas a que os sujeitos devem obedecer. Dessa maneira, a heteronormatividade é colocada como sendo a norma aceita, e só se pode ser homem ou mulher héterossexual. A heteronormatividade reúne as marcas e comportamentos que os sujeitos “devem” seguir. Nesta pesquisa é compreendida como

a reprodução de práticas e códigos heterossexuais, sustentada pelo casamento monogâmico, amor romântico, fidelidade conjugal, constituição de família (esquema pai-mãe-filho(a)(s). Na esteira das implicações da aludida palavra, tem-se o heterossexismo compulsório, sendo que, por esse último termo, entende-se o imperativo inquestionado e inquestionável por parte de todos os membros da sociedade com o intuito de reforçar ou dar legitimidade às práticas heterossexuais (FOSTER, 2001, p. 19).

Assim, a sociedade vem historicamente mantendo o padrão heteronormativo por meio de instâncias de poder: a família, a religião, a escola, a mídia. Louro (2008, p. 17) explica que não é o momento do nascimento, ao se nomear “um corpo como macho ou como fêmea” que fará desse sujeito um ser pronto com masculinidades e feminilidades. Segundo Louro (2008), a “construção do gênero e da sexualidade dá-se ao longo de toda a vida, continuamente, infundavelmente” (LOURO, 2008, p. 17), sendo reiterada por diversas instâncias, entre elas a mídia.



Os sujeitos diferentes, estranhos, são vigiados constantemente e recebem os olhares reguladores da sociedade. Esses olhares, milhões deles, estão no currículo analisado e ao verem os escapes àq norma procedem com reiterações reguladoras do gênero e do sexo. Essa regulação faz parte das práticas de normalização vinculadas ao poder disciplinar que tem como função maior adestrar os corpos com táticas de disciplinamento “que uma sociedade arbitrariamente estabeleceu como adequados e legítimos” (LOURO, 2015, p. 89). Tudo que se desvia de uma suposta normalidade será considerado anormal. Assim, os sujeitos que expõem asexualidade ou gênero diferentes do padrão heteronormativo nesse currículo são interditados pelo discurso de ódio, pois no currículo estabelece-se a matriz heterossexual. Assim, a

heterossexualidade é concebida como "natural" e também universal e normal. Aparentemente supõe-se que todos os sujeitos tenham uma inclinação inata para eleger como objeto de seu desejo, como parceiro de seus afetos e de seus jogos sexuais alguém do sexo oposto. Conseqüentemente, as outras normas de sexualidade são constituídas como antinaturais, peculiares e anormais (LOURO, 2000, p. 17).

Partindo desse conceito apresentado por Louro (2000), o discurso de ódio no currículo do *Catraca Livre* regula por meio de práticas de significação os gêneros e a sexualidade dos sujeitos a partir dos discursos religioso, moralista, machista e biológico que circulam nas publicações que abordam questões de gênero e sexualidade.

Ancorada em uma perspectiva apresentada por Louro (2004b), interessei-me em “conhecer e questionar as formas como a sociedade trata as mulheres e os grupos homossexuais [e, da mesma forma,] tento escapar do raciocínio que obriga a decidir se algo (ou alguém) é isto ou aquilo” (LOURO, 2004b, p. 23). Procurei desviar-me das marcas criadas pelos discursos e disponibilizadas na sociedade e busquei entender como os sujeitos se nomeiam e são nomeados. Inspirei-me em Preciado (2014, p. 223), que afirma que a sociedade quer “reduzir a verdade do sexo a um binômio”. Ela diz ainda que tenta por meio de suas teorias, mostrar as infinitas possibilidades do gênero e do sexo. Muitas matérias publicadas no currículo do *Catraca Livre* ensinam possibilidades diferentes ao que está posto como normal na sociedade, buscando o respeito às diferenças. Contudo, é exatamente diante desses ensinamentos que o discurso de ódio atua buscando interditar e controlar modos de viver que divergem da heteronormatividade e da submissão.

Neste capítulo, apresentei os conceitos que permearam esta pesquisa, estando o currículo na centralidade e a forma como ele se apresenta nas práticas de significação que produzem a diferença. Mostrei também o currículo da mídia que nos produz como sujeitos e os discursos que a permeiam. Trouxe também o conceito de discurso segundo Foucault e o

discurso de ódio tão caros a esta pesquisa. Enfim, o gênero e a heteronormatividade que regulam os modos de ser dos sujeitos e, como esses mesmos sujeitos podem sofrer sanções por escapar aos discursos e às práticas de significação, tais sanções podem se manifestar sob o manto do discurso de ódio no currículo analisado.

### 3 OS CAMINHOS DA ANÁLISE

Depois de abastecer e traçar a rota o nosso ônibus faz uma parada para definir as estratégias a seguir na viagem, e, busca, então, o melhor método que se aplique para os diferentes caminhos propostos para esta viagem. Esta pesquisa trafega pelos caminhos da teoria pós-crítica do currículo, na perspectiva dos Estudos Culturais e do pós-estruturalismo. Tratando-se de pesquisas no campo dos Estudos Culturais, não há uma “metodologia distinta, nenhuma análise estatística, etnometodológica ou textual singular” e, nesse sentido, ela pode ser entendida como uma *bricolagem*, ou seja, ‘é uma escolha’ que depende do que será investigado, das questões a serem levantadas” (NELSON; TREICHLER; GROSSBERG, 2013, p. 9). Nessa perspectiva, “nenhuma metodologia pode ser privilegiada ou mesmo temporariamente empregada com total segurança e confiança” (NELSON; TREICHLER; GROSSBERG, 2013, p. 9).

No decorrer da pesquisa a metodologia foi se delineando, escolhas foram sendo feitas, até chegar no que aqui apresento. A metodologia escolhida *a priori* foi a análise de discurso foucaultiana, pois me propus a analisar o discurso de ódio sobre as diferenças de gênero no currículo do Catraca Livre. Também aproveito a contribuição da metodologia alquimista apresentada por Cardoso e Paraíso (2013), que sugerem que na investigação de pesquisas pós-críticas devemos “articular, juntar, costurar, inventar” (CARDOSO; PARAÍSO, 2013, p. 273). Por isso, articulo elementos desse método à análise de discurso foucaultiana, pois segundo as autoras a pesquisa que fazem “pode ser caracterizada como uma pesquisa-experimentação” (CARDOSO; PARAÍSO, 2013, p. 273).

Aqui procuro, então fazer misturas e bricolagens, experimentações. E, como campo da pesquisa é virtual, com seres humanos híbridos, uma mistura de humano e máquina, que atua num mundo paralelo e por meio de uma tela, de bits e teias, pinço da etnografia virtual a observação não participante. Ou seja, não interfiro nem interajo com os pesquisados. Por isso, faço misturas e empenho-me em “desaprender o já sabido [e tento] operar com outros conceitos, usar outros procedimentos e ensaiar outras explicações” (CARDOSO, PARAÍSO, 2013, p. 273). Ao mesmo tempo engendrei múltiplas possibilidades e alguns caminhos possíveis com o intento de compreender como são produzidas as práticas de significação, as normas da matriz heteronormativa no currículo analisado

Para compor a metodologia, me inspirei em Foucault (2008, p. 65), para quem os elementos a analisar “são bastante heterogêneos, alguns constituem regras de construção formal; outros, hábitos retóricos”. As regras de construção formal fazem parte de expressões

que permeiam a sociedade e atravessam o tempo, construídas de maneira formal, como por exemplo, nomear as pessoas de “maricas”, “bicha”, “maria homem”. Os hábitos retóricos são construídos por diversos discursos para legitimar efeitos de verdade, como, por exemplo, o discurso biológico, quando polariza o sexo em feminino e masculino; ou o discurso religioso, que usa de argumentos referenciados na bíblia para condenar e classificar as sexualidades fora da norma como pecado.

Para desenvolver a pesquisa o *lócus* escolhido foi o currículo do Catraca Livre, o recorte de tempo foi dezembro de 2015 a dezembro de 2016. Foram arquivadas publicações do período que abordassem questões de gênero e sexualidade. Dentre essas elegi lésbicas, gays, travestis e transgêneros e mulheres.

No próprio discurso procurei, as regularidades, assim como explica Fischer (2001)

o discurso ultrapassa a simples referência a ‘coisas’, existe para além da mera utilização de letras, palavras e frases, não pode ser entendido como um fenômeno de mera ‘expressão’ de algo: apresenta regularidades intrínsecas a si mesmo, através das quais é possível definir uma rede conceitual que lhe é própria. (FISCHER, 2001, p. 200)

Assim, partindo das regularidades dos discursos, é possível compor as categorias de análises. As publicações arquivadas foram posteriormente separadas por temas relacionados às categorias elaboradas, a saber: “os gêneros fora da norma quando escapam da heteronormatividade” para lésbicas, gays, travestis e transgêneros, e “os modos de ser bela, recatada e do lar demandados para as mulheres, quando a centralidade é misoginia”, e também as que alcançaram maior número de interações (comentários, compartilhamentos e reações). As interações são importantes, pois com base nelas que se estima o público alcançado. Analisar os discursos para Foucault (2008, p. 157) é “definir os discursos em sua especificidade; mostrar em que sentido o jogo das regras que utilizam é irreduzível a qualquer outro; segui-los ao longo de suas arestas exteriores para melhor salientá-los”.

A análise de discurso trabalha com os elementos do próprio discurso e, assim, “vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva” (FOUCAULT, 2008, p. 54). Para realizar a análise proposta, baseei-me no compromisso de examinar as práticas culturais no interior das relações de poder encontradas nos discursos que circulam no currículo da página Catraca Livre, as práticas de significação e os processos de normalização baseados na matriz heterossexual. Para esta investigação, transformo o currículo em um ônibus coletivo imaginário, que têm suas catracas livres, pelas quais passam todxs que assim desejarem. Neste

capítulo, procuro traçar rotas, trilhas, caminhos e estações onde embarcam e desembarcam passageirxs da nossa viagem.

Durante a pesquisa, compreendi a matriz heteronormativa, da qual, ao longo da minha vida, não havia dado conta, mesmo ouvindo sempre sobre como deveria ser uma “mulher”, ela foi sendo percebida no decorrer da investigação, como algo que impõe regras e normas a obedecer, a fim de encaixar as pessoas em um padrão. Este padrão vai desde o tipo de roupa a vestir ao como andar, como pentear e cortar os cabelos. Confesso que até hoje fujo das escovas e das presilhas, pois prefiro cabelo mais “largado”, solto ao vento. Vez ou outra, ouvia um “senta direito, está parecendo um menino!”; ou: “essa roupa está muito masculina!”. Eu sempre preferi calças compridas e camisetas. Tentaram me entregar uma cartilha e uma caixa com tudo que uma menina precisa para ser uma mulher. Tudo isso resultado da naturalização e tentativa de controle dos corpos (LOURO, 2015). Aqui procurei entender que tudo isso constitui um currículo que nos produz, que nos indica como viver. Da mesma forma, esse currículo produz resistências também.

Ao longo da pesquisa aprendi a pensar e a raciocinar diante dos livros. Colocar-me diante de conceitos antes não compreendidos por mim o que me obrigou a desvencilhar-me dos preconceitos, de medos e da conformidade que me amarravam e me impediam de caminhar por mim mesma. A árdua tarefa de mergulhar no “laboratório” das ideias, de fazer alquimia com elas, de articular comigo mesma os argumentos e entender o que Foucault, Butler, Louro, Silva, Paraíso, Ribeiro, Recuero, Castells, Kellner estavam dizendo, fez-me ver a pesquisa como algo sempre em construção, mesmo que eu defina alguns caminhos. Fui aprendendo que a caminhada começa com um passo e que os caminhos podem ser vários, mas é preciso escolher um. Compreendi que os conceitos são camadas sobrepostas que se juntam em um emaranhado de sentidos e se inter-relacionam no interior dos discursos e do currículo em análise. Que a pesquisa começa com uma pergunta, um problema, um incômodo.

Diante disso, tomei minhas experiências como internauta e como jornalista atenta aos detalhes e transformei em objeto de pesquisa meu incômodo pessoal: as redes sociais a exalar o ódio contra determinadas pessoas. Mais especificamente mulheres e homens que se desviam da norma, sujeitos que fogem dos padrões heteronormativos: as lésbicas, gays, travestis e transgêneros. Além de jornalista, como professora universitária, convivo com jovens superconectadxs do curso de comunicação. Na disciplina de cibercultura discutimos sobre os impactos das tecnologias de informação nas gerações atuais e nas que virão. Comecei, desde então, antes de iniciar esta pesquisa, a estudar com mais profundidade o universo virtual e seus desdobramentos no mundo real.

A partir de junho de 2013, quando o Brasil foi palco de grandes manifestações populares, boa parte delas organizadas pelas redes sociais, aparentemente, sem investigação apurada, vi o discurso de ódio crescer, e, isso me chamou atenção. Seríamos odiosxs assim mesmo ou as redes sociais serviam como um canal de produção desse discurso? Comecei a buscar leituras sobre o que considero uma transformação na atual sociedade. Coloquei-me diante de uma realidade que expõe as dores do preconceito, do machismo, da homofobia e da transfobia.

Em muitos momentos, conviver diariamente com o ódio estampado em tantos comentários da internet me deixou indignada. Quanto mais lia, mais percebia o quanto os sujeitos “desviantes” da norma têm de luta pela frente. Com isso, sempre me perguntava: de onde vem tanto ódio sobre as diferenças de gênero? A partir daí, escolhi que analisaria o discurso de ódio contra o sujeito fora da matriz heteronormativa. Ressalto que, apesar de perceber que o ódio se manifesta contra outras diferenças culturais, como a cor da pele, status social, nacionalidade, crenças religiosas, fiz minhas escolhas como toda pesquisadora tem de fazê-lo.

Entre elas, a metodologia alquimista se apresentou “como uma pesquisa-experimentação porque com ela arriscamos por sabemos que nada está garantido e que não existe um livro de metodologia a ser seguido” (CARDOSO; PARAÍSO, 2013, p. 273). Como uma alquimista escolhi as ferramentas reais ou imaginárias; a bússola, pinças, cadernos, canetas, livros, computadores e uma ampulheta, que marcou o tempo – ela me cobrou e me lembrou o tempo todo que, apesar de não saber os caminhos da viagem, ela tinha dia e hora para terminar. Aprisionada ao tempo, vi a areia da ampulheta cair cada vez mais rápido e entendi que ele foi apenas meu guia e companheiro na viagem.

A experimentação “alquímica” é análoga à metodologia de análise do discurso desenvolvida por Foucault (2008) para compreender o que está dito, no sentido de que “as coisas ditas dizem bem mais que elas mesmas” (FOUCAULT, 2008, p. 124). Seguindo as indicações de Foucault (2008), foram selecionados os principais conceitos do jogo discursivo analisado, partindo do currículo como prática de significação, atenta ao que pode ser dito ou não dito, por meio dos variados discursos que se relacionam formando unidades ou regularidades que produzem sujeitos a partir da matriz heteronormativa. Para Fischer (2001, p. 198) “analisar o discurso seria dar conta exatamente disso: de relações históricas, de práticas muito concretas, que estão “vivas” nos discursos” (FISCHER, 2001, p. 198).

Na perspectiva que escolhi, atentei às regularidades do discurso de ódio no currículo em questão, foi necessário aprofundar-me nas camadas, mergulhar e saber o que é o “mais”, o

que está no discurso de ódio, pois, como afirma Fischer (2001, p. 219), “os enunciados, depois de ditos, depois de instaurados numa determinada formação, sofrem sempre novos usos, tornam-se outros, exatamente porque eles constituem e modificam as próprias relações sociais”.

Destaco ainda que “há certos tipos de enunciação, que formam, segundo seu grau de coerência, de rigor e de estabilidade, temas ou teorias” (FOUCAULT, 2008, p. 75). Para Gregolin (2007, p. 15), a “discursividade tem, pois, uma espessura histórica, e analisar discursos significa tentar compreender a maneira como as verdades são produzidas e enunciadas” (GREGOLIN, 2007, p. 15). A ideia central da análise do discurso é a de salientar as formas com que o enunciado constrói, regula e controla os discursos, as relações de poder em funcionamento, e examinar a maneira como as pessoas produzem o discurso de ódio e os significados a partir dos processos de subjetivação. Analisar um discurso é observar as regras que tornam possível a existência de enunciações diversas para, enfim, perceber o que é

propriamente discursivo (linguagem, discurso, enunciado) como também podem ser observadas em práticas institucionais (exercícios, rituais, definição de lugares e posições, distribuição espacial dos sujeitos etc.) práticas que jamais ‘vivem’ isoladamente [...] (FISCHER, 2001, p. 387).

Nas análises, fiz o que sugere Fischer (2001): “é preciso trabalhar arduamente com o próprio discurso, deixando-o aparecer na complexidade que lhe é peculiar” (FISCHER, 2001, p. 198). Não interessa aqui identificar os sujeitos, mas os modos com que se nomeiam e são nomeados a partir da heteronormatividade ou do escape a ela. Interessa ainda como se dão os processos de subjetivação, quais modos de ser são produzidos; quais os significados de ser homem e ser mulher produzidos nesse espaço.

### **3.1 O campo virtual da pesquisa**

O ciberespaço é local de interações permeadas por telas. Somos humanos multitelas. Vagamos entre a tela do smartphone, do computador e das smart TVs<sup>37</sup>. Levando-se em conta as reflexões de Hine (2011), que afirma que a etnografia da internet observa o uso da tecnologia pelos sujeitos, entendi, que um pesquisador deve levar em consideração as relações, atividades e significados que são “forjados” entre os participantes dos processos sociais do mundo virtual. Esclareço que não utilizei a etnografia tradicional pois não interagi diretamente

---

<sup>37</sup> São aparelhos de TV que navegam na internet e são facilmente conectados a outros dispositivos wi-fi (que acessam a internet sem a necessidade de cabos).

com os sujeitos. Mas lanço mão de alguns aspectos da etnografia virtual. Para Hine (2011, p. 63-65) “o objeto da investigação etnográfica pode ser remodelado ao nos concentrarmos sobre o fluxo e a conectividade em vez da localização e fronteira como princípio de organização”. Nesse caso, o “etnógrafo vive em uma espécie de mundo intermediário, sendo simultaneamente um estranho e um nativo. Tem que abordar suficientemente a cultura que estuda para entender como funciona” (HINE, 2011, p. 12). A etnografia para a internet ainda faz suas próprias experiências, suas ferramentas estão em constante mudança e ainda não há uma terminologia adotada com unanimidade pelos pesquisadores. Sabe-se, porém, que é uma pesquisa de observação, assim como a etnografia tradicional. A etnografia virtual, visa a “explorar e expandir as possibilidades [...] através do constante uso das redes digitais” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 198-201). As autoras afirmam que pelo fato de não haver “o deslocamento, o estranhamento e o ‘ir a campo’ tão decisivos na formação do olhar interpretativo” do pesquisador, outros pesquisadores entendem que não se pode chamar o método de análise de ambientes virtuais de etnografia. (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 171). Outro termo utilizado é a netnografia que surgiu no final dos anos 1990 e é resultado da junção das palavras *net* + *etnografia*, “para demarcar as adaptações do método etnográfico em relação tanto à coleta e análise de dados, quanto à ética de pesquisa” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 198-201).

Assim, para Hine (2011), o ciberespaço pode absorver metodologias tradicionais e, se necessário, o pesquisador pode adequar os processos, principalmente levando em conta as interações e significações, sem, contudo, se limitar ao campo. Tanto um termo como outro veem sendo utilizados por pesquisadores da área de comunicação que precisam acessar o meio virtual em suas pesquisas nos campos da comunicação mediada por dispositivos tecnológicos de acesso a internet. Normalmente, a etnografia virtual é mais usada pelo campo da comunicação on-line, como afirma Rocha (2006): “observa-se com maior relevância a utilização do termo etnografia virtual por pesquisadores da área da comunicação e de netnografia, principalmente por estudiosos, norte-americanos ou ingleses, da área de marketing digital” (ROCHA, 2006, p. 29). Por isso opto pela etnografia virtual por aproximação maior com o *locus* da pesquisa aqui apresentada, por ser o currículo do Catraca Livre um espaço de jornalismo de entretenimento na internet, ou seja, um campo virtual. Para Sá (2005):

se o meu problema é o da comunicação mediada, o “campo” aqui, é justamente o espaço virtual desta comunidade, fazendo com que pelo meu computador eu “esteja lá”. E se a “totalidade imersiva” do papel de etnógrafo não está presente [...] há entretanto um aprendizado, uma “experiência ritualizada” [...] transformando a



abstração a-histórica inicial chamada lista de discussão num grupo concreto, de carne, osso e bits. (SÁ, 2005, p. 33)

Entendi, então, que se os pesquisados interagem por meio dos computadores e não há possibilidade física de se estar neste campo, usei as mesmas ferramentas para acessá-lo. E, mais uma vez, sigo na direção de Sá (2016, p. 53), que afirma que “os meios de comunicação são elementos constitutivos das estruturas, da articulação e da circulação de sentido, imprimindo-se ainda nas relações que as pessoas mantêm com seus corpos, com sua consciência e com suas ações”. Considerei, que mesmo que os sujeitos interajam no espaço virtual e não estejam presentes fisicamente, as interações ali mediadas pelos dispositivos tecnológicos produzem sujeitos que circulam também em ambientes físicos.

O discurso de ódio circula no campo virtual do currículo do *Catraca Livre* e é atravessado por outros discursos como religioso, biológico, machista e moralista, que alteram as relações de poder tanto no espaço virtual como no real. Novamente, inspirei-me em Cardoso e Paraíso (2013) e na metodologia alquimista, “que é fruto do híbrido; [aceito], com a alquimia, relatar significações, enunciações, sensações, sentimentos; [e priorizei] o modo de ‘funcionamento’ de um discurso” (CARDOSO; PARAÍSO 2013, p. 273). De tal modo, garimpo os discursos que produzem o discurso de ódio, a partir da leitura atenta do material.

Como o objeto desta pesquisa foi uma página de rede social, foi preciso atentar para as postagens diárias que envolvessem os temas escolhidos relacionados às diferenças de gênero. Em cada postagem, algumas dezenas de comentários e; cada comentário se abre um debate acirrado, cheio de agressões, xingamentos, ofensas, uma guerra virtual a cada novo post. Como escolher quais postagens fariam parte da pesquisa? Observei o número de interações, (curtidas, compartilhamentos e comentários) de cada postagem e, em seguida fazia a leitura dos comentários para identificar ali os que reiteravam o discurso de ódio. A página do *Catraca Livre* no *Facebook* faz dezenas de postagens por dia e aborda diversos temas.

Para saber a taxa de alcance da página o *Facebook* fornece gráficos, que mostram como o público interage com o conteúdo postado e o alcance da página e das publicações. O alcance depende da rede de conexões e da base de fãs/ seguidores (soma-se o número de reações, compartilhamentos e comentários e divide-se pelo número de seguidores). Além disso, é necessário levar em conta o algoritmo da plataforma que controla as exibições e não necessariamente mostra tudo para todos xs seguidorxs. Pensando no alcance da página foram

enviados e-mails para a redação do *Catraca Livre* pedindo acesso às métricas<sup>38</sup>, o que contribuiria com esta pesquisa, mas eles não retornaram. Por meio das métricas, os editores do *Catraca* sabem qual conteúdo gera maior interação e maior engajamento, conseqüentemente maior alcance de público. Os administradores da página podem repetir conteúdo similar à publicação que gerou maior envolvimento. Quando os seguidores da página entram em conflito de interesses e opiniões gerando muitos comentários em uma postagem o alcance da publicação aumenta significativamente. É possível verificar o número de interações de cada publicação a partir dos registros situados embaixo de cada publicação.

Utilizei o recurso de salvar as publicações disponibilizado no *Facebook*, bastando selecionar com o botão direito do mouse a aba de funções disponíveis para a publicação e selecionar “salvar” (os materiais salvos foram organizados por data de salvamento e puderam ser facilmente acessados). Para acessar os links e matérias salvos, foi preciso clicar na aba “salvos” do lado esquerdo da tela, na coluna abaixo do perfil. Foi necessário acessar a página todos os dias e, em alguns dias, o acesso ocorreu mais de uma vez: pela manhã, final da tarde e outra no final da noite. Como a página do *Catraca Livre* faz muitas postagens por dia, não é possível afirmar quantas postagens por dia têm relação com o objeto da pesquisa, mas estimei, por meio de observação, que tenha sido pelo menos uma por dia, podendo variar para mais ou para menos. Muitos assuntos são repercussões de fatos do dia a dia e, algumas vezes, postagens anteriores são republicadas. A partir da coleta do material garimpei os discursos que contribuem com a constituição do discurso de ódio, a partir da leitura atenta do material. Partindo do currículo como prática de significação organizei duas categorias de análise.

Na primeira categoria de análise: a insistência de gêneros que escapam da heteronormatividade, analiso o discurso de ódio e mostro como os corpos que não se conformam ao gênero de nascimento extrapolam as fronteiras do gênero e escapam da heteronormatividade por meio de resistências, assumindo modos de ser lésbica, gay, travesti e transgênero. Esses sujeitos escapam da “coerência e a continuidade suposta entre sexo-gênero-sexualidade” (LOURO, 2015, p. 90). Os sujeitos que carregam esses corpos que o discurso de ódio tanto ataca sofrem punições físicas e verbais, pois o discurso de ódio tenta a todo custo apagar do corpo as marcas do gênero performativo. Assim, o discurso de ódio atua sobre

---

<sup>38</sup> Uma métrica é um sistema de mensuração que quantifica uma tendência, dinâmica ou característica. São fundamentais para avaliar investimento, retorno e testar hipóteses. As métricas para mídias sociais apresentam diversos níveis de mensuração e praticamente cada rede social possui sua própria rede de dados, que podem ser exploradas para medir o seu desempenho e fornecer dados estratégicos para o seu negócio. A partir delas, também é possível elaborar insights interessantes para alavancar sua performance. Métricas como saúde da marca, tráfego de referência e taxa de conversão são alguns dos indicadores base para todas as marcas acompanharem no dia a dia (FARRIS et al, 2013 p. 15).

“corpos individuais que devem ser vigiados, treinados, utilizados e, eventualmente, punidos” (FOUCAULT, 1999, p. 289).

A segunda categoria de análise é: os modos de ser bela, recatada e do lar demandados para as mulheres, quando a centralidade é misoginia, por meio das táticas do disciplinamento, censura e culpa. Atentei as regularidades dos discursos que formam e formatam seus modos de ser, seus corpos e seus comportamentos, o currículo operando como normalizador. Em síntese, nesta categoria de análise o foco é o que o discurso de ódio divulga sobre as mulheres.

Diante disso, a decisão final foi por coletar e organizar as postagens a partir dos procedimentos descritos a seguir:

- a) Foram arquivadas um total de 400 publicações que abordaram as categorias escolhidas, foram 316 links com texto e foto, 47 vídeos, 46 fotos e um evento. As publicações arquivadas têm como tema central as questões de gênero e sexualidade. Separei as que tratavam de histórias sobre as categorias de análise escolhidas. Referentes à primeira categoria apresentada foram selecionadas 12 publicações, três sobre lésbicas, uma sobre a jornalista Fernanda Gentil e os comentários sobre o fato dela se assumir lésbica, outra sobre a atriz da Rede Globo que também se assumiu lésbica e uma outra sobre uma aluna lésbica americana que foi barrada no baile de formatura por estrar vestida de smoking, traje considerado culturalmente masculino. Cinco publicações foram sobre gays: uma sobre um jogador de rugby que assume a homossexualidade durante as Olimpíadas de 2016 em vídeos e fotos com seu namorado mais velho e fora dos padrões de corpo atlético, outra sobre um casal gay masculino faz que demonstra seu amor e afeto em ensaio fotográfico. Outra publicação traz a Parada do Orgulho Gay da Bahia, contra a violência e a homofobia. Com mais de 100 mil interações a repercussão da cena de sexo entre dois atores masculinos na novela Liberdade Liberdade exibida pela Rede Globo, alcançou cerca de 10 mil comentários e a recorrência foi a repulsa e o discurso de ódio. A criação de uma casa de apoio a gays, lésbicas e trans expulsos de casa também repercutiu e nos comentários identifiquei a recorrência do discurso de ódio, Sobre os transgêneros foram selecionadas quatro publicações. Uma matéria sobre a participação da modelo trans Lea T na abertura das Olimpíadas de 2016, outra aborda a família formada por uma mulher travesti e um homem cis. Em uma terceira publicação a matéria fala de uma lei na Carolina do Norte que proíbe transgêneros de usar o banheiro do gênero assumido, ou seja, segundo a lei, quem nasce do gênero masculino e assume

gênero feminino não pode usar banheiro feminino. E por último a história de Kayden Coleman, um homem trans que se descobre grávido durante a transição de gênero.

- b) Referentes a segunda categoria: os modos de ser bela, recatada e do lar demandados para as mulheres, foram selecionadas sete publicações. Sendo a primeira abordando o corpo Belo e disciplinado, nas matérias sobre um ensaio fotográfico de mulheres que não se depilam, outra sobre o desfile de mulheres com corpos fora dos padrões de beleza e forma, e outra sobre o formato estético considerado bonito para as vaginas, a matéria mostra o trabalho de uma artista plástica que por meio de desenhos valoriza qualquer formato de vagina e protesta contra a cirurgia de labioplastia que é utilizada para tornar a vagina esteticamente bonita. Na tática da censura são mostradas as publicações sobre a censura ao corpo da mulher, a exposição dos seios. Uma matéria mostra os ataques de ódio ha uma mãe que expõe os seios durante a amamentação num canal do *Youtube*. Também foi analisado o discurso de ódio em uma publicação sobre a campanha Mamilos livres, contra a censura aos seios femininos nas redes sociais. Nesta mesma ótica outra matéria repercute uma modelo americana que protestou contra censura ao corpo da mulher, desfilando pelas ruas de Nova York expondo os seios. E, por último, a publicação sobre uma jovem de 16 anos que foi vítima de um estupro coletivo, ela foi considerada culpada da violência que sofreu.
- c) As publicações foram selecionadas levando em conta as que tiveram maior número de comentários, compartilhamentos e reações, pois esses três tipos de interação nas publicações fazem aumentar o alcance de público.
- d) Selecionei as matérias com maior número de interações. Após a seleção, realizei a leitura dos comentários feitos na data da postagem ou nas primeiras oito horas do início das interações. Isso foi necessário devido ao volume de comentários de algumas publicações, que, em alguns casos ultrapassaram 500 comentários. Em todas as publicações identifiquei processos de interdição, discriminação, exclusão, violência e censura;
- e) Para criar as categorias de análise agrupei enunciações a partir das regularidades dos discursos que produzem modos de ser dos sujeitos de cada categoria. Cada enunciação foi cuidadosamente arquivada e mantida em sua singularidade e escrita originais – nada foi editado. Relendo os comentários criei duas categorias de análise que organizei da seguinte forma:

- “A insistência de gêneros que escapam da heteronormatividade” quando o discurso de ódio se refere as lésbicas, gays, travestis e transgêneros;
- “Os modos de ser bela, recatada e do lar demandados para as mulheres, quando a centralidade é misoginia”. Recortei os comentários postados para cada categoria de análise, sempre atenta à presença do discurso de ódio e dos discursos que o atravessam, como os discursos religioso, moralista, machista e biológico para a primeira categoria, e os discursos da beleza, machista, moralista e religioso para a segunda categoria.

Para finalizar, analisei o discurso de ódio a partir de suas regularidades no currículo do Catraca Livre e as táticas em operação no currículo para demandar modos de ser para lésbicas, gays, travestis, transgêneros e mulheres que escapam da heteronormatividade. A metodologia apresentada, faz uma bricolagem, entre análise de discurso foucaultiana, metodologia alquimista, e etnografia virtual. Os procedimentos aqui expostos foram necessários para entender a produção do discurso de ódio no currículo estudado que demanda aos sujeitos citados modos de ser heteronormativos.

#### 4 SE A CATRACA É LIVRE, TODO MUNDO PODE PASSAR

*Encontros e despedidas*

*Todos os dias é um vai-e-vem  
A vida se repete na estação  
Tem gente que chega pra ficar  
Tem gente que vai pra nunca mais  
Tem gente que vem e quer voltar  
Tem gente que vai e quer ficar  
Tem gente que veio só olhar  
Tem gente a sorrir e a chorar  
É assim, chegar e partir...*

*Milton Nascimento (1985)*

Nossa viagem continua e em nosso ônibus embarcam os sujeitos que não atendem às normas impostas pela sociedade. Essas normas operam por uma lógica binária, homem/mulher, masculino/feminino. Como coloca Milton Nascimento na epígrafe: “*Todos os dias é um vai-e-vem / A vida se repete na estação*”. E, nas próximas estações, embarcam os sujeitos considerados desviantes, anormais, impuros: lésbicas, gays, travestis, transgêneros. Apesar de terem passagem livre pela catraca, em nossa viagem, xs passageirxs enfrentam a interdição, exclusão, silenciamento, negação, preconceito e a discriminação a partir do discurso de ódio engendrado nos conteúdos do currículo em análise. Para Skliar (2003, p. 39), a sociedade tem “massacrado, assimilado, ignorado, excluído e incluído o outro”. A sociedade desconsidera as subjetividades, pois prefere produzir o outro – mulheres, lésbicas, gays, travestis e transgêneros –, moldá-lxs, padronizá-lxs, normalizá-lxs. Louro (2015, p. 17) afirma que esses padrões seguem uma matriz heterossexual, mas que ao mesmo tempo “fornece a pauta para as transgressões. É em referência a ela que se fazem não apenas os corpos que se conformam às regras de gênero e sexuais, mas também os corpos que as subvertem”.

Catraca Livre, *locus* desta pesquisa, informa em seus editoriais e a partir da publicação de matérias pautadas, por exemplo, nas diferenças de gênero, que sua postura é em defesa de grupos nomeados minorias; apesar disso, neste ônibus, como as catracas são livres, todxs embarcam. Sendo assim, enquanto o Catraca Livre convida os sujeitos desviantes, outros passageiros que reiteram a heteronormatividade a partir do discurso de ódio também embarcam. Por ser uma mídia digital aberta e livre, o Catraca possibilita a interação e participação dxs seguidores da página sem restrições. Estxs, por sua vez, ensinam regras no currículo e demandam táticas e estratégias para normalizar homens e mulheres embarcadxs. O currículo da mídia escolhe o que ensinar e divulga por meio dos discursos que nele circulam o que os sujeitos

devem saber, quais valores são considerados corretos, como devem agir socialmente, quais comportamentos devem assumir. Este ônibus tem as catracas livres, todxs podem inscrever seus conteúdos por meio de postagens e comentários sem nenhum filtro. Por isso, no currículo do Catraca também se ensina o ódio aos gays, lésbicas, travestis e transgêneros. Relações de poder inscritas no currículo trazem à tona os interesses de variados grupos, como, por exemplo, os grupos conservadores, que usam táticas para manter as regras e padrões no que se refere ao gênero e à sexualidade de nossxs viajantes. Assim, se ensinam modos de ser e viver a partir da heteronormatividade.

Assumo como ponto central deste capítulo verificar como o discurso de ódio opera com táticas que reiteram a matriz heterossexual a gays, lésbicas, travestis e transgêneros no currículo do Catraca Livre. Esses sujeitos são produzidos por meio de variados discursos tanto no que se refere à performatividade do gênero quanto à sexualidade assumida por eles. Algumas das táticas encontradas são a da interdição, da repulsa, da falsidade, da punição, do apagamento e da negação.

Assim, o currículo analisado coloca em evidência verdades da nossa sociedade produzidas por meio do discurso de ódio permeado por outros discursos, como religioso, biológico, machista e moralista, e das relações de poder ali presentes, das culturas e das diferenças. Neste capítulo percorri as estações (seções) onde embarcaram xs passageirxs da nossa viagem. Embarcaram primeiro as lésbicas, depois os gays e, por último, aquelas que estão na fronteira do gênero, xs travestis e transgêneros. Xs passageirxs do nosso ônibus estão em disputa por um lugar na sociedade, enfrentando ainda o discurso de ódio que opera para controlá-lxs, normalizá-lxs. Evidenciei no currículo do Catraca que “*Tem gente que vai e quer ficar. Tem gente que veio só olhar. Tem gente a sorrir e a chorar. E assim, chegar e partir*”.(NASCIMENTO, 1985)

#### 4.1 Saindo do armário: primeiro as lésbicas

*Armário*

*Lembro quando você me falou,  
dentro do armário,  
só tem bolor e naftalina.  
Vem já pra fora, meu bem,  
que só aqui é que tem,  
calor e adrenalina. [...]*

*É claro que eu quero,  
quero mais que tudo,*

*mas sinto tanto medo,  
um medo absurdo!*

*dos vizinhos,  
medo da mommy,  
medo do daddy,  
e do meu irmão,  
que já foi skinhead.*

*Zeca Baleiro (2010)*

Nosso ônibus imaginário parou em nossa primeira estação e abre suas portas para as lésbicas que saíram ou querem sair do armário. A expressão “sair do armário” ficou conhecida no meio gay quando um homossexual decide assumir sua sexualidade publicamente. Assumir-se, no entanto, pode ter consequências e enfrentamentos não desejáveis. MISKOLCI (2009, p. 171) afirma que o armário se “caracteriza por um conjunto de normas nem sempre explícitas, mas rigidamente instituídas que faz do espaço público sinônimo de heterossexualidade, relegando ao privado as relações entre pessoas do mesmo sexo”. Assim, os sujeitos nomeados desviantes, ao saírem do armário, sofrem com táticas como a da interdição, por exemplo. Essa tática trabalha para normalizar os gêneros a partir do binarismo feminino e masculino. Nesse caso, ser mulher implica atender às expectativas da sociedade: a mulher deve ser feminina, casar-se com um homem, ter filhos, ser vaidosa, delicada, obediente ao marido, cuidar da casa etc.

A tática da interdição identificada no currículo do *Catraca* tem como características barrar as lésbicas, não reconhecer sua sexualidade e seu direito de amar e ter relações sexuais com outra mulher, além de também produzir modos de ser mulher. No currículo se ensina que até mesmo em uma relação entre mulheres, uma deve fazer o papel de “homem”, como comenta uma pessoa: “*Qual das duas é a mulher kkk eu não entendo se a mulher gosta de mulher porque na maioria das vezes arruma uma com a cara de homem não entendo mesmo*” (Comentário CL<sup>39</sup>). A definição de marcas desejáveis ao sexo do nascimento nesse comentário, no que se refere ao modo de vestir, andar, reitera um referente binário no qual a mulher deve se ter marcas consideradas femininas. Desde que nascemos, recebemos classificações do que seremos a partir da “presença da vagina ou do pênis” (LOURO, 2015, p. 77), definindo, assim, marcas da sexualidade e do gênero. A partir dessas marcas, outras vão sendo atribuídas aos corpos, “padrões, referências, valores e ideais da cultura” (LOURO, 2015 p. 77). Logo, quem não apresenta as marcas do gênero é “categorizado e nomeado como desvio da norma” (LOURO,

---

<sup>39</sup> CL é abreviação usada para identificar quando o texto foi retirado dos comentários da página *Catraca Livre*.



2015, p. 77), por isso, muitos homossexuais e transgêneros acabam não se “assumindo”, não saem do armário por medo de sofrer violências físicas e simbólicas e enfrentarem o discurso de ódio. A tática da interdição usa a estratégia da discriminação, da violência a quem ousa escapar da norma, “sair do armário” e publicizar o escape.

A esta altura da viagem, a jornalista Fernanda Gentil<sup>40</sup> embarca em nosso ônibus com publicação<sup>41</sup> de uma matéria sobre o dia seguinte após “sair do armário” e anunciar a sua união com outra mulher. Ela publicou o texto “O mundo não acabou”, em que narra as coisas que fez como em um dia comum, ou seja, que mesmo assumindo um relacionamento lésbico, a vida dela continuava a mesma de antes. O texto foi republicado na página do Catraca Livre e, a partir daí, outrxs embarcadxs no currículo pesquisado acionaram a tática da interdição e reiteraram a matriz heteronormativa – pois o currículo ensina que uma mulher deve se relacionar com homem. Um passageiro do nosso ônibus comenta: *“Essa aí no mínimo o marido não deu conta, daí esqueceu o que é um pau. Agora anda desesperada na rede social em busca de aprovação”* (Comentário CL). O discurso machista atribui papéis a homens e mulheres, disponibilizando um conjunto de forças pelo qual as mulheres “têm sido convencidas de que o casamento e a orientação sexual voltada aos homens são vistos como inevitáveis componentes de suas vidas” (RICH, 2012, p. 26). Ensina-se que, em uma sociedade machista, as mulheres não podem escapar do casamento e da obediência ao marido. O discurso religioso tem forte influência na definição desses papéis, pois sempre atribuiu papel secundário à mulher na sociedade, ela sempre foi subjugada pela sociedade patriarcal. A ela é atribuída, por exemplo, a culpa pelo pecado, segundo a Bíblia, pois foi Eva quem caiu em tentação e levou o homem a pecar. Assim, o discurso de ódio também se baseia nos papéis que as mulheres devem desempenhar na sociedade e, diante das escolhas de Fernanda Gentil, pela sua desobediência, é repreendida e menosprezada. Em um comentário, alguém questiona a importância do conteúdo da informação sobre o relacionamento entre duas mulheres: *“Alguém sabe explicar porque essa babaquice está sendo considerada “notícia”?”* (Comentário CL); ou ainda uma tentativa de ofender com termos pejorativos: *“Sapatudas”* (Comentário CL); ou o desejo de que ela e quem apoia seu escape às normas também sofram consequências, paguem pela “desobediência”: *“Quero que ela se foda-se (sic) e todos que dão ênfase a ela tb”* (Comentário CL). A tática da interdição nessa sequência de comentários usa a estratégia de desqualificar a mulher, pois o discurso machista diz que a sexualidade da mulher fora da heterossexualidade

<sup>40</sup> Fernanda Gentil é jornalista e apresentadora de programas esportivos na Rede Globo.

<sup>41</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/CatracaLivre/posts/1364256820277992>>. Acesso em: 11 jul. 2017.

não importa à sociedade. Assim, “a mensagem dirigida às mulheres têm sido, precisamente, a de que nós somos parte da propriedade emocional e sexual dos homens e que a autonomia e a igualdade das mulheres ameaçam a família, a religião e o Estado” (RICH, 2012. p. 26).

A tática da interdição é acionada para dizer: “não tenha prazer, não fales, não apareças; em última instância, não existirás, a não ser na sombra e no segredo” (FOUCAULT, 2015, p. 92). A discriminação em operação é “uma recusa de ver e de ouvir [...]. Não querer reconhecer ainda é uma peripécia da vontade de verdade” (FOUCAULT, 2015, p. 62). Nesse caso, a vontade de verdade no discurso de ódio desse currículo reitera a heterossexualidade a mulher, pois a jornalista, além de deixar um casamento heterossexual para trás, assumiu publicamente um relacionamento com outra mulher e, por isso, deve sofrer as consequências. Assim, a tática de interdição incentiva a violência no currículo analisado, quando comentários do tipo são divulgados: “*A quem interessa essa aberração Sapatão*” (o termo aberração é usado para falar do que sai do normal); “*OKkkk casal de namoradas, vao lamber a X. será quem vai ser o Homem no casal. isso è muita hipocrisia, por isso que o fim dos tempos está por chegar. Acham normal?*” (Comentário CL). Ao referir-se ao fim do mundo, o comentário reforça mais uma vez o discurso religioso, que em passagens da Bíblia falam dos sinais do fim dos tempos, como no excerto que segue: “Haverá tempos críticos, difíceis de suportar. Pois os homens só amarão a si mesmos, amarão o dinheiro, serão desobedientes aos pais, sem autodomínio, ferozes, sem amor ao que é bom, amarão os prazeres em vez de a Deus” (2 TIMÓTEO, 3:1-5). Algumas passagens bíblicas, citam outros sinais, como as guerras e os falsos profetas; outras dependem de interpretação, daí, alguns cristãos explicam que o mundo é na verdade o indivíduo, o fim seria a morte espiritual (que é a separação do homem de Deus por toda eternidade). Ou seja, segundo a Bíblia, quem comete o pecado desrespeita a Deus (TIAGO, 4:4) e estxs “sofrerão a punição judicial da destruição eterna, serão banidos da face do senhor e da glória de seu poder” (2 TESALONICENSES, 1:7-9). A interdição funciona, dessa forma como inibidora dxs pecadorxs, dxs que se desvirtuam do que é difundido na Bíblia.

Mais um embarque em nosso ônibus. Desta vez, a atriz de novelas da Rede Globo Bruna Linzmeyer, assume seu romance com uma mulher. Após a publicação de uma foto na rede social Instagram, a atriz foi vítima de ataques de ódio. A foto e os comentários foram reproduzidos no currículo do Catraca Livre e, apesar de receber apoio de parte dxs seguidorxs, alguns comentários reforçavam o discurso religioso.

*Na minha humilde opniao [sic] o povo ficou chocado pk nigm sabia k ela era sapatona e segundo ta c outra sapatona mto mas velha.as pessoas tm o direitos de ficarem chocadas.e temos k entender k nesse mundo existm cultura religiao k n aceita esse*

*tipo de coisa c bns olhos e isso fere a sensibilidade ds mas velhos e religiosos. cada um escolhe uk kee pra sua vida nso dever e orar pra k Deus tenha misericordia dela e um dia ela vire uma pessoa normal.tao simples kto agua.Deus fez adao e eva.e n eva e eva nm adao e adao.homem e mulher pra gerar filhos. mas se as pessoas tm outras preferncias so podms respeitar sem machucar (sic). (Comentário CL)*

Uma sequência de interdições pode ser identificada à sexualidade da atriz, ao fato de namorar uma mulher mais velha, de considerar sua escolha como falta de respeito à crença e aos mais velhos. Nota-se que os discursos moralista e religioso apelam pela normalidade, “que ela vire uma pessoal normal”, que atenda ao que se espera dela como mulher. Ser normal é adotar atitudes e comportamentos estabelecidos para homens e mulheres. À mulher cabe o papel de esposa, mãe, doce e submissa. Os conceitos de normal e anormal foram difundidos no século XVIII e diziam respeito, principalmente, à sexualidade cotidiana. A “tecnologia da anomalia encontrou toda uma série de outros processos de normalização” (FOUCAULT, 2001, p. 206), que seriam os exames “médico, jurídico, psicológico-normativo” (FOUCAULT, 2001, p. 205). Além dessas considerações, o comentário faz menção ao binarismo – só existe a possibilidade de relacionamentos homem e mulher, como reforça o comentário a seguir: “*Se não for um amor segundo a bíblia. palavra de Deus que não muda nunca nos e que mudamos para pior o amor só Se for de homem com mulher mulher que nasceu mulher homem que nasceu homem*” (Comentário CL). Esse comentário ainda reforça a questão do nascimento e a ligação do sexo (genitália) com o gênero.

O discurso de ódio continua em ação em outra matéria<sup>42</sup>. Agora, a jovem norte-americana Aniya Wolf embarca em nossa viagem. Estudante e lésbica, ela decidiu vestir smoking<sup>43</sup> – como mostro na imagem que segue – para ir ao seu baile de formatura, mas foi barrada pelos seguranças do baile. A justificativa usada foi a adequação do gênero aos trajes exigidos para bailes de formatura: vestido para mulheres, terno ou *smoking* para homens.

## **Figura 2: Barrada no Baile!**

<sup>42</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/CatracaLivre/posts/1231925550177787>>. Acesso em: 11 jul. 2017.

<sup>43</sup> Traje masculino formal para eventos sociais, composto por calça social, camisa branca, casaco preto e gravata borboleta.



Fonte: <https://www.facebook.com/CatracaLivre/>

A matéria foi repercutida na página do CL e os comentários reiteram a tática da interdição contra a jovem. Ela tenta quebrar o padrão da obrigatoriedade desses trajes para festas sociais que estabelecem o que cada convidadx deve vestir. A roupa pode ser um dos elementos que marcam no corpo as expressões de gênero, assim como o cabelo e o uso de acessórios e maquiagem. Ao vestir uma roupa considerada não adequada a uma mulher, Aniya resiste em se enquadrar, em se moldar às normas heterossexuais. Nos comentários da publicação no currículo, alguém comenta: *“A regra é clara. Não é obrigada a ir, mas se for tem que aceitar. Mulher vai de vestido, simples assim.”* (Comentário CL). Pelas normas e padrões de gênero binário os comportamentos, atitudes e roupas de uma mulher devem reforçar o gênero feminino por meio de marcas nomeadamente femininas, como o vestido, por exemplo. Instituições da sociedade, como escolas e ambientes de trabalho, impõem códigos e regras aos corpos dos sujeitos. O corpo não parece ser do sujeito, pois *“em qualquer sociedade o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações”* (FOUCAULT, 2014, p. 134). Esses códigos e regras são reproduzidos na sociedade por meio de distintas instituições (escola, família, religião, trabalho) e cabe aos sujeitos respeitá-los ou assumir os riscos e consequências da *“desobediência”*. A tática da interdição institui modos de comportar que estão relacionados à punição, à culpa, à anormalidade, como na enunciação a seguir.

*A escola tem um código. O código prevê uma pena para quem descumpri-lo. Ora, se quer banalizar e promover suas bizarrices, então vá para uma escola que aceite essa e toda falta de respeito para com os outros alunos que lá estão para estudar e, ao fim, comemorar sua formação com respeito. Gente imbecil que não respeita nada e ninguém, só sabem sexualizar a sua mente e acha que todos devem*

*fazer o mesmo, e quando não conseguem, posam de vítimas de preconceito. PARABÉNS para a direção dessa escola!!!! (Comentário CL).*

O discurso moralista adverte para a punição e ela sofre a interdição porque saiu do armário. A enunciação reflete ainda como as instâncias sociais, como a escola, exercem poder sobre as diferenças de gênero. O que se vê é uma demonstração de reiteração de uma norma arbitrária de onde se espera compreensão e inclusão.

Diante dessas considerações e das relações de poder no ambiente escolar, é importante lembrar que o controle sobre os modos de ser dos sujeitos são reiterados por variados discursos, interferindo sobremaneira na liberdade dos mesmos. Em diversos espaços sociais, os sujeitos estão sob o olhar atento do poder sobre a sexualidade e sobre o gênero. Nesse sentido, a sexualidade da mulher é alvo do olhar disciplinar; aquela que escapa é ainda mais vigiada no currículo pesquisado. Nossas passageiras que escapam das normas, passam pela catraca livre e ocupam seus lugares em nossa viagem, não sem enfrentar o discurso de ódio que lança mão da tática da interdição, que tem como objetivo conformar as mulheres lésbicas à posição de sujeito mulher hétero. Mas não só elas: os homens que externam a homossexualidade também sofrem com o discurso de ódio.

#### **4.2 Homem é homem, menino é menino e viado é viado**

*Holiday foi muito*

*O homem nasce sem maldade  
Em parte nenhuma do corpo  
O homem é lobo do homem  
Isso explica a viadagem congênita  
E a baitolagem adquirida!  
Sendo assim  
Quem nunca queimou o anel quando menino  
Queimá-lo-á quando crescido!  
E isso explica novamente  
A história da viadagem adquirida!*

*Falcão (1995)*

Nesta altura da viagem, embarcaram no nosso ônibus os homens gays, que enfrentam desde muito cedo a discriminação e os xingamentos. “Baitolagem” e “viadagem” são termos que carregam a discriminação e a ofensa aos homens. Os homens gays ou não que não se apresentam socialmente de acordo com o gênero masculino são classificados e nomeados como diferentes, ou “estranhos”.

Nesta pesquisa procurei me aventurar e convidei para embarcar no ônibus esses sujeitos estranhos, que flutuam entre a sequência sexo-gênero-sexualidade, que fogem das normas da sociedade – normas que são reiteradas por variados discursos, especialmente o discurso machista. É comum presenciarmos, por exemplo, torcedores de futebol de times contrários usarem como ofensa aos outros nomes femininos, como “Maria”, ou personagens do cinema ou desenho animado, como “Bambi”<sup>44</sup>. Assim, chamar um homem hétero de “viado” é considerada uma grande ofensa a sua honra e masculinidade. Os insultos vão desde a infância até a idade adulta.

Desde sempre os homens são cobrados a se apresentarem perante a sociedade como machos. Logo, não podem chorar, devem gostar de futebol, não podem realizar tarefas domésticas, como lavar louça e arrumar a casa, e devem começar bem cedo a desenvolver sua sexualidade. Qualquer diferença do padrão normativo heterossexual pode desencadear um conjunto de insultos e violência, pois a diferença é vigiada. No currículo, o homem gay está diante da tática da repulsa que o coloca no lugar do nojo, da rejeição, da estranheza. Essa tática tem como característica a aversão ao homem gay ou à sua demonstração de afeto com o parceiro. Outra tática recorrente é a da falsidade, que se caracteriza por pessoas que dizem não ter preconceito, mas apresentam alguma restrição, do tipo: “eu aceito” o gay, “mas acho que seu modo de viver não deve ser exposto”. Da mesma maneira que as lésbicas, quando os gays expõem os escapes à heteronormatividade no currículo do *Catraca Livre*, o discurso de ódio lança mão dessas táticas. As táticas juntas trabalham para criar repulsa aos homens gays. A seguir, na foto<sup>45</sup> postada na página do currículo o jogador de rugby Sam Stanley mostra sua intimidade.

---

<sup>44</sup> Personagem do desenho infantil da Walt Disney, que conta a história de um filhote de veado chamado Bambi.

<sup>45</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/CatracaLivre/posts/1316174411752900>>. Acesso em: 13 jul. 2017.

**Figura 3: Jogador se assume durante as olimpíadas para combater preconceito**



Fonte: <https://www.facebook.com/CatracaLivre/>

Durante as Olimpíadas de 2016, ele se assumiu gay e publicou um vídeo (partes do vídeo foram reproduzidas em forma de fotos no Catraca Livre) nas redes sociais com o namorado, 30 anos mais velho e considerado fora dos padrões estéticos por ser gordo. A intenção do jogador era romper preconceitos visto que, por praticar um esporte considerado masculino, sua imagem estava associada à heterossexualidade. Por não conseguir atender às demandas da sociedade machista, ele diz ter pensado em suicídio. A publicação do vídeo com o namorado gerou diversos ataques de ódio ao conteúdo, a ele e ao namorado, em vários aspectos, incluindo a diferença de idade e a estética corporal “diferente” entre os dois. Sobre a postagem do vídeo do jogador, alguém questionou: *“O que ganhamos vendo isso? Cada um faz o que quiser da vida, mas acho desnecessário fica mostrando. Isso é escroto! Só pode ser fins dos tempos”* (Comentário CL). No comentário, fica evidenciada a tática da repulsa em funcionamento ao chamar a relação de “escrota”. Ensina-se que se um homem quiser manter uma relação com outro homem é necessário se manter dentro do armário. Está em ação no currículo um poder que reprime e limita, “um poder que só teria a potência do não” (FOUCAULT, 2015, p. 93).

Um outro passageiro do ônibus é ainda mais agressivo em seu comentário: *“tem tanta coisa boa ai pra ver e aprender... e postam 2 cavalo sacudo se pegando na net. se querem praticar essa podridao ai, faça em segredo, ou esses 2 sacudo acham que serao aplaudidos,*



*possivelmente sim pelos simpatizantes da mesma pedridao (sic)*” (Comentário CL). A sexualidade masculina é pautada na virilidade, mais especificamente no seu órgão genital (o saco escrotal é sinônimo de macheza, sinal biológico que caracteriza a capacidade de reprodução do homem). Nos comentários que acompanham a publicação, a tática da repulsa lança mão do mecanismo da invisibilidade da sexualidade externada. O discurso moralista repreende a relação entre os dois homens chamando-a de “podridão” e adverte mais uma vez que devem manter-se em segredo. A opinião externada na enunciação adverte que o currículo do Catraca deveria ensinar outras coisas e não dar ênfase às relações homossexuais. A liberdade de expressão externada no currículo investigado confunde-se, não raras vezes, com o discurso de ódio disfarçado de opinião. Reiteradas vezes este currículo publica matérias sobre os modos de ser e viver dos nossxs passageirxs com a justificativa de ser um portal a favor da diversidade e das diferenças, sejam étnicas e/ou de gênero.

Segundo a viagem, um novo embarque em nosso ônibus. Agora entra um<sup>46</sup> casal gay masculino apresentando um ensaio fotográfico com o objetivo de combater o preconceito e a discriminação contra os casais homoafetivos. Por meio da tática da repulsa, o ensaio fotográfico e a publicação receberam comentários repressores. Um passageirx do nosso ônibus comenta com discurso moralista: *“Isso é uma falta de vergonha. Esses fdp que nascem homem e depois vai da o cú..... bando FDP. Eita boiolagem!!!! Brasil país da vergonha e das notícias inúteis!!”* (Comentário CL). Nesse comentário há uma crítica ao conteúdo do currículo, que, segundo a opinião demonstrada, publica notícias inúteis. O discurso biológico aparece naturalizando um modo de ser homem, afirmando que os órgãos genitais definem a vida de uma pessoa e com quem ele deve ser utilizado no sexo. Foucault (2015) contrapõe esse ensinamento ao dizer que

Não é no ideal de uma sexualidade sã, prometida pela medicina, nem no sonho humanista de uma sexualidade completa e realizada, nem muito menos no lirismo do orgasmo e nos bons sentimentos da bioenergia, que se devem procurar os mais importantes elementos de uma arte erótica vinculada ao nosso saber sobre a sexualidade (nesses casos, trata-se apenas, de sua utilização normalizadora); e sim, na multiplicação e intensificação dos prazeres ligados à produção da verdade sobre o sexo. (FOUCAULT, 2015, p. 69).

O currículo ensina sobre sexualidade a partir do discurso biológico, enquadrando os sujeitos no sexo do nascimento, reiterando o binarismo homem e mulher e as normas da

---

<sup>46</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/CatracaLivre/posts/1337235836313424>>. Acesso em: 05 jul. 2017.



matriz heterossexual. Uma das estratégias é tornar o que escapa em algo negativo, errado, anormal. Dessa forma, a tática da repulsa segue em ação, como no comentário acerca do ensaio fotográfico entre dois homens: “*Fala sério tanta coisa melhor, pra se mostrar vão logo mostrar esses dois, ecaaaa dois marmanjos que gostam de bater espadas, vão pro raio que o parta, e quem acha isso normal também, e não venham dizer que é preconceito ecaaaaaaaaaa*” (Comentário CL). Neste comentário, foi acionado o discurso machista e, novamente, a crítica ao conteúdo postado, pois dois homens juntos provocam nojo. Reforçando a tática da repulsa, o comentário faz alusão à expressão “eu sou espada”, que remete ao homem que defende sua heterossexualidade, sua virilidade – a “espada” é uma metáfora da ereção do pênis masculino.

Na tática da repulsa, a normalidade é novamente ressaltada e colocada em confronto com o preconceito, ou seja, a relação anormal provoca nojo e não é considerada preconceito por quem comenta. Além disso, o discurso de ódio aciona a tática da punição aos personagens do ensaio fotográfico quando se diz “*vão pro raio que o parta*”. Essa defesa da masculinidade é reforçada também pelo discurso religioso presente em outro comentário na mesma publicação: “*Quem lê a Bíblia sabe, é abominação!!! Não adianta espernear!!! Quando chegar o dia da cobrança, não adianta negar, pq Jeová sabe de tudo!!!*” (Comentário CL).

O discurso religioso condena, adverte para a punição e controla comportamentos. Durante o século XVIII, principalmente, o sexo era relacionado ao pecado e, assim, a sociedade tratou de reprimir com “particular atenção as energias inúteis, a intensidade dos prazeres e as condutas irregulares” (FOUCAULT, 2015, p. 15). Sendo assim, Foucault (2015, p.15) sugere que se há tanta gente que afirma há tanto tempo e com tanta firmeza sobre a repressão “é porque essa repressão está profundamente firmada, possui raízes e razões sólidas”. A bíblia é amplamente usada por grupos conservadores, que citam versículos e associam a homossexualidade ao pecado, criando assim essas raízes.

A negação do preconceito em falas preconceituosas é recorrente como no comentário que segue sobre o relacionamento entre dois homens. “*Sem preconceito, cada um no seu quadrado. Mas o cara deixar de ficar com uma mulher pra ficar com outro homem, simplesmente não entra na minha cabeça, não mesmo*” (Comentário CL). Na enunciação, a sexualidade nomeada de desviante não é aceita, mesmo por quem diz não ter preconceito, ou seja, a tática da falsidade atua disfarçada de opinião: ela reconhece o sujeito homossexual, diz que não tem nada contra, mas em seguida coloca restrições.

É recorrente no currículo ensinar a tolerância quando se diz: “*não tenho nada contra, respeito, mas não aceito*” (Comentário CL). Ou seja, o sentido de tolerância significa

aceitar ou suportar, com indulgência; clemência<sup>47</sup>, ela não respeita e inclui, mas mantém o sujeito afastado, excluído. Os discursos moralista e religioso produzem a ideia de “aceitar” o gênero ou a sexualidade dx outrx – como se o homossexual necessitasse de aceitação, aprovação. Por isso, Silva (2010a, p. 89) adverte que um currículo não pode se limitar a ensinar a tolerância, mas sim analisar os processos pelos quais “as diferenças são produzidas” (SILVA, 2010a, p. 89). A tolerância mantém o gay dentro do armário e não supera a discriminação e violência. A violência extrapola os meios digitais e coloca o Brasil no incômodo primeiro lugar entre os países que mais matam homossexuais no mundo. Dados<sup>48</sup> levantados pelo Grupo Gay da Bahia, entidade de defesa dos direitos LGBTs, apontam que, em 2016, houve 340 assassinatos registrados de homossexuais e transgêneros.

Em função da violência contra xs LGBTs, a 15ª Parada do Orgulho LGBT da Bahia adotou em 2016 o tema “Uma Vida Sem Violência é Direito de Travestis, Mulheres e Homens Transexuais” #LGBT #TransIsBeautiful<sup>49</sup>. O currículo do Catraca Livre utilizou como lição a divulgação da parada com objetivo de conscientizar xs seguidorxs da página sobre o respeito às diferenças. Nos comentários, a tática da interdição reaparece e é reforçada pelo discurso religioso, pois uma pessoa sugere que é gay quem não segue os valores religiosos: “*com certeza meus filhos não serão gays pq não faltará a palavra de Deus para eles*” (Comentário CL). No discurso religioso que circula no currículo investigado linhas conservadoras das igrejas evangélicas chamam o apoio dado aos movimentos LGBTs e às matérias publicadas nesse currículo de “ditadura Gay”. Nesse sentido, Louro (2015, p. 28) afirma que os “setores tradicionais renovam (e recrudescem) seus ataques, realizando desde campanhas de retomada dos valores tradicionais da família até manifestações de extrema agressão e violência”.

A incoerência nas falas pode ser vista quando quem comenta separa o “ser gay” do ato de reivindicar direitos: “*Veja bem eu amo o gay mais (sic) não concordo com o ato, absolutamente, a parada gay é uma forma de querer impor a ideologia de gênero e isso eu não aceito*” (Comentário CL). A parada gay é realizada como resistência à violência contra gays, lésbicas, travestis e transgêneros e luta pelos direitos LGBTTs. Ao embarcar em nossa viagem, xs participantes da parada gay, e o conteúdo da postagem, sofrem ataques de ódio como os que seguem: “*Catraca lixo, Querem que todo mundo vire gay nesse país... Parem de incentivar isso nas nossas crianças dizendo que é normal e bonito e da moda ser gay que não é. Quem quer*

<sup>47</sup> Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.

<sup>48</sup> Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-12/numero-de-homicidios-de-pessoas-lgbt-pode-ser-recorde-em-2016>>. Acesso em: 05 jul. 2017.

<sup>49</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/CatracaLivre/posts/1341216309248710>>. Acesso em: 05 jul. 2017.

*ser que seja, mas não precisa ficar incentivando*” (Comentário CL). O comentário sugere que o currículo em análise ensina aos sexs seguidorxs serem gays, ao passo que na verdade esse currículo ensina a respeitar as diferenças. Segundo Paraíso (2010):

Um currículo é diferença por natureza; é pura diferença; é diferença em si. Afinal, é um território de multiplicidades de todos os tipos, de disseminação de saberes diversos, de encontros “variados”, de composições “caóticas”, de disseminações “perigosas”, de contágios “incontroláveis”, de acontecimentos “insuspeitados” (PARAÍSO, 2010, p. 588).

A diferença é passageira constante nesse currículo. São, enfim, essas possibilidades que tornam o currículo do *Catracalivre* também um espaço de resistência para as diferenças de gênero e sexualidade. Essa resistência fica evidenciada quando o currículo rompe com a heteronormatividade e faz publicações sobre a sexualidade masculina, como a matéria sobre a novela “*Liberdade, Liberdade*”<sup>50</sup>, da Rede Globo, mostrada na foto a seguir, que retratou uma cena na qual dois homens fazem sexo.

**Figura 4: Entre as publicações analisadas essa se destacou como a que alcançou maior número de interações**



Fonte: <https://www.facebook.com/Catracalivre/>

<sup>50</sup> A novela cria uma ficção em torno do personagem Tiradentes. A personagem principal é Joaquina, uma filha fictícia de Tiradentes, é irmã adotiva de André, enforcado por sodomia no final da novela.

O *Catraca Livre* divulgou<sup>51</sup> tal cena com o título<sup>52</sup> “Internet comemora primeira cena de sexo entre homens em novela brasileira”. A comemoração diz respeito à espera da comunidade LGBT por personagens e histórias que xs representem em obras brasileiras de ficção como na TV e no cinema, por exemplo. Na novela, um dos personagens da cena citada foi enforcado pelo crime de sodomia<sup>53</sup>. Se o enforcamento parece cruel nos dias atuais, a morte de LGBTs é frequente em nosso país. A respeito da matéria sobre a cena descrita, o discurso de ódio nos comentários do currículo do *Catraca* continua ensinando, a repulsa ao homem gay: “*isso é novento (sic), e o fim do mundo mesmo, como podem colocar uma cena dessa na tv, sabe tenho saudades quando as novelas eram simplesmente novela, tenho pavor disso, e ridículo, podre, credo*” (Comentário CL). Pela diferença do outro, “a diferença homo/hetero não é apenas constatada; ela serve, sobretudo, para ordenar um regime de sexualidades no qual somente os comportamentos heterossexuais se qualificam como modelo social” (BORILLO, 2009, p. 17). Nessa tática, aquele que é diferente do modelo social fica marcado pela aversão ao expor sua sexualidade.

O discurso de ódio presente neste currículo ensina que a TV errou ao veicular tal cena, como sugere outro comentário: “*Fiquei chocada com essa cena de ontem até porque é uma novela de época, cadê os valores familiares, não tenho nada contra homosexual, (sic) mas o que se viu foi uma falta de respeito com as famílias. Uma cena dessa era pra ser sensurada (sic)*” (Comentário CL). Neste comentário, reaparece a tática da falsidade em conjunto com tática da interdição. Essas táticas são acionadas pelo discurso religioso, que é uma recorrência no currículo. Sobre a publicação da cena, uma pessoa comenta

*Meu Deus misericórdia se quer ser homossexual ou qualquer outra coisa vc e livre pra escolher mas creio na palavra de Deus e na vontade dele q isso e errado e fora dos principios (sic) familiares mas expor isso sendo q as crianças podem ver acho erradissimo, as consequências ruins disso nao e agora é daqui alguns anos.* (Comentário CL).

O discurso moralista e o discurso religioso fazem novamente a referência a valores familiares, pois a família composta por um homem e uma mulher tem sido uma das estruturas de poder usadas para manter a heteronormatividade e se valem das práticas de significação de como ser mulher e homem em nossa sociedade, que moldam e produzem os sujeitos. Nesse

<sup>51</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/CatracaLivre/posts/1283334128370262>>. Acesso em: 12 jul. 2017.

<sup>52</sup> A publicação teve mais de 100 mil interações, quase cinco mil compartilhamentos e cerca de 10 mil comentários.

<sup>53</sup> O termo era adotado para se referir a homossexuais no século XIX, baseado na passagem bíblica sobre a destruição da cidade de Sodoma.

sentido, “a célula familiar, assim como foi valorizada durante o século XVIII, permitiu que, em suas duas dimensões principais – o eixo marido-mulher e o eixo pais-filhos – desenvolvessem-se os principais elementos do dispositivo de sexualidade” (FOUCAULT, 2015, p, 118).

Um indivíduo, seja homem ou mulher, de gênero ou sexualidade divergente da matriz heterossexual, sofre discriminação da própria família e contra ele é acionada a tática da repulsa e a estratégia da exclusão que resulta em expulsão do membro da família que se assume. Casos de lésbicas, gays, transgêneros e travestis expulsxs de casa não são raros. Por isso, o currículo também ensina que são necessárias ações que possam oferecer apoio a elxs. Nessa perspectiva, o currículo abriu suas portas e publicou uma matéria<sup>54</sup> sobre um projeto em São Paulo que tem como objetivo acolher LGBTs expulsxs de casa. O acolhimento ultrapassa o oferecimento de um teto, já que a ideia do projeto é oferecer cursos profissionalizantes e atividades culturais também.

Aqui podemos nomear uma tática divergente das outras – a tática do cuidado –, que se caracteriza por pensar nx outrx com as suas diferenças e também por convidar a participar da viagem em assentos especiais dedicados àquelxs que sofrem os efeitos negativos das outras táticas. Negativos porque, além de condenarem quem escapa da norma, as táticas que reforçam a discriminação também atingem quem quer ajudar, cuidar, acolher. Sobre a casa de apoio, uma passageira argumenta no comentário sobre a sociedade assumir a responsabilidade da família: *“Aí não posso deixar de perguntar: os gays, lésbicas, trans, se dizem tão felizes, tão contentes com sua "escolha" e pq suas próprias famílias não os aceitam, pq? E se suas famílias não os aceitam, pq a sociedade tem que ser obrigada a aceitar?”* (Comentário CL). Neste ponto da nossa viagem vejo a tática da repulsa novamente operar a estratégia da exclusão para que xs passageirxs não encontrem apoio da sociedade.

Ainda sobre a casa de apoio axs LGBTs expulsxs de casa e abrigadxs pelo projeto, outrx passageirx comenta: *“VAI VIRAR MOTELZÃO, MÓ SURUBÃO SODOMA E GOMORRA”* (Comentário CL). O discurso religioso é utilizado no currículo ao lembrar duas cidades citadas na bíblia que foram destruídas por Deus por terem seus habitantes comportamentos considerados impuros e imorais. A pessoa que comenta aciona a tática da repulsa e estigmatiza o gay como promíscuo: a estratégia é compará-los a sujeitos impuros e imorais que merecem o castigo de Deus. Outro comentário sugere que esses sujeitos não são merecedores de nenhum apoio.

---

<sup>54</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/CatracaLivre/posts/1398353653534975>>. Acesso em: 15 jul. 2017.

*Espaço de cultura • • não me fassa (sic) rir!! Tanta gente na rua passando fome, desempregada, q não tem condições de estudar para ter um futuro e esses caras com essas idéias de fazer abrigo para gay q foi expulso de casa, sendo q teve oportunidade de estudar, ter um futuro sem depender de ninguém vamos acordar Brasil!! E olhar para o povo sofrido de está na rua passando fome, os animais abandonados. Palhaçada mesmo bando de babacas q só olham pro próprio umbigo! Gayzinhos mimados e troxas (sic) fodam-se• • . (Comentário CL)*

O discurso de ódio desqualifica, acusa, rotula, usa várias táticas, como a interdição, a repulsa, a punição e também a estratégia da comparação ao dizer que a comunidade LGBT não é mais importante que outras minorias e que não há necessidade de garantia de direitos exclusivos para homossexuais e que até animais abandonados merecem mais atenção e apoio que homossexuais. O discurso da igualdade funciona aqui para dizer que homossexuais não são mais importantes. A expulsão do sujeito desviante de casa, por sua vez, funciona como punição e parece ser apoiada por muitxs. Em outro comentário, uma pessoa afirma que “*se querem viver isso, que seja longe da família*” (Comentário CL). Aquelxs que “desobedecem” são excluídxs e perdem o direito ao convívio familiar e aos benefícios que ela possa oferecer. Segundo Foucault (2015, p. 119), em nossa sociedade, “a família é o foco mais ativo da sexualidade e onde são, sem dúvida, as exigências desta última que mantêm e prolongam sua existência”.

Nessa etapa da viagem embarcaram em nosso ônibus os homens gays que expõem sua sexualidade e, exatamente por isso eles enfrentam a discriminação, os insultos, o discurso de ódio, por meio das táticas da repulsa, da falsidade, da punição e também da interdição. Mas, também podem ser identificadas resistências no currículo, pois os gays, apesar do jogo de verdades sobre gênero e sexualidade que os tenta produzir de outra maneira, vivem, amam e tentam seguir a sua viagem. O currículo do Catraca, investe na tática do cuidado, publicando campanhas e matérias que visam combater a discriminação imposta aos homossexuais embarcados ou não em nosso ônibus.

#### **4.3 Transgredindo as regras: no limite da fronteira do gênero e da sexualidade**

*Geni e o Zeppelin*

*Joga pedra na Geni!  
Joga pedra na Geni!*

*Ela é feita pra apanhar!  
Ela é boa de cuspir!  
Ela dá pra qualquer um!  
Maldita Geni!*

*Chico Buarque (1978)*

Nosso ônibus continua a viagem com a *Catraca Livre* e, neste ponto, embarcam xs travestis e xs transgêneros: “pessoas que mudaram o corpo, cirurgicamente ou não, para se tornarem reais, para não serem ‘aberrações’, expressão comum entre os/as transexuais.” (BENTO, 2006, p. 20). O currículo do *Catraca Livre* se esmera por abrir espaço e representatividade para esses sujeitos que agora embarcaram. Enquanto algumas matérias tentam reduzir preconceitos e discriminação, os comentários visam reiterar normas e produzir “corpos dóceis”. “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 2014, p. 134). Logo, se está com “defeito” por fugir às normas heterossexuais, ele será remodelado.

O corpo é um lugar de disputas, então, enquanto grupos conservadores tentam interditar os sujeitos que transcendem as fronteiras do sexo e do gênero, como Chico Buarque aborda na música da epígrafe, xs LGBTs tentam “pôr em xeque as dicotomias masculino/feminino, homem/mulher, heterossexual/ homossexual; e ainda outros que não se contentam em atravessar as divisões, mas decidem viver a ambiguidade da própria fronteira” (LOURO, 2015, p.38). Assim, entendo que o sujeito trans está nesse limiar das diferenças de gêneros, deslocados da posição fixa do corpo binar.

Os sujeitos trans encontram pouca representatividade na sociedade, poucos conseguem bons empregos ou ficam conhecidxs na mídia; por isso, quando uma pessoa trans alcança projeção midiática, a comunidade trans comemora. Foi o que aconteceu durante as Olimpíadas de 2016 no Rio de Janeiro, quando a modelo transexual brasileira conhecida como Lea T participou do desfile de abertura do evento – fato que foi noticiado no *Catraca*<sup>55</sup>. Essa participação foi considerada por muitxs LGBTs e simpatizantes da causa como um grande passo para a representatividade de travestis e transgêneros na sociedade. Ao publicar matéria sobre a participação de Lea T nas Olimpíadas, o currículo do *Catraca Livre* recebeu críticas e a tática encontrada foi a do apagamento, pois esses sujeitos são invisibilizados, silenciados; são deslocados dos grupos sociais, não encontram reconhecimento entre xs heterossexuais nem entre os homossexuais. São incompreendidxs e sofrem discriminação por meio do discurso de ódio e, não raras vezes, sofrem violência física ou são assassinadxs.

Diante disso, o currículo do *Catraca Livre* considera importante abordar temas como a violência contra esses sujeitos e também ensinar que eles têm direito a uma vida digna. Mas, ao publicar matérias como a mencionada, os comentários refletem a tática do apagamento em ação, como demonstrado a seguir: “*ai pará (sic), fala dos negros, brancos e mestiços*

---

<sup>55</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/CatracaLivre/posts/1303621113008230>>. Acesso em: 12 jul. 2017.



*também, já deu né catraca essa coisa de trans, deixa o povo ser feliz do jeito que são, não precisa a todo instante ficar de bla bla bla*” (Comentário CL). Alguns afirmam inclusive que vão deixar de seguir a página por causa das matérias sobre grupos LGBTs, como afirma uma pessoa: *“Vou descurtir essa página, só fala de viado e trans, vão se foder porra!”* (Comentário CL). Outrxs insistem em apagar o gênero assumido pela pessoa em questão: *“É o primeiro homem fingindo que é algo que de fato não é e que ganha atenção por isso”* (Comentário CL). O comentário apaga as escolhas de Lea T, pois não a reconhece como mulher e, ao afirmar seu sexo de origem, reitera o discurso biológico, que trata o gênero como uma configuração puramente genética e natural. Para realizar no corpo o gênero desejado, a pessoa trans necessita passar por procedimentos médicos e

mesmo passando por todos os processos para a construção de signos corporais socialmente reconhecidos como pertencentes ao gênero de identificação, os/as transexuais não conseguiram descolar-se do destino biológico, uma vez que o gênero que significara “transexual” será o de nascimento. (BENTO, 2006, p. 42)

Para esses sujeitos, a viagem é dolorosa, pois para serem reconhecidos passam por inúmeras etapas e “acidentes”, que vão desde o reconhecimento de seu gênero, o conflito com a família, a dificuldade nos relacionamentos amorosos, até a conquista dos documentos de identidade, nome social, atendimento em saúde pública e trabalho (BENTO, 2006). Na mesma matéria sobre Lea T, o discurso biológico reitera a heterossexualidade e a normalização de homens e mulheres ao mencionar a questão da reprodução: *“Isso me faz lembrar que existem 7,5 bilhões de pessoas no mundo e nenhuma delas foi fruto de um órgão excretor”* (Comentário CL). Esse comentário remete à fala do pastor Levi Fidelis<sup>56</sup> durante as eleições presidenciais no Brasil em 2014. Quando questionado pela também candidata Luciana Genro sobre o porquê de xs candidatxs que representam a ala conservadora, ligada às igrejas evangélicas, não considerarem como “família” os casais homoafetivos, ele afirmou que “dois iguais não fazem filho [...], aparelho excretor não reproduz”, em um debate na rede Record de televisão.

No currículo investigado divulga-se o entendimento e o reconhecimento de famílias plurais que vêm crescendo em todo mundo, como demonstrado na matéria publicada no site Nlucon<sup>57</sup> e que foi reproduzida pela página Mídia Ninja sobre homens trans que se tornaram pais, mas que são invisibilizadxs pela sociedade e sofrem com a discriminação. Como explica

<sup>56</sup> Disponível em: <<http://www.metodista.br/midiareligiaopolitica/index.php/2014/10/05/candidato-levy-fidelix-usa-religiao-crista-e-apoio-de-evangelicos-para-justificar-discurso-contra-homossexuais/>>. Acesso em: 15 jul. 2017.

<sup>57</sup> Disponível em: <<http://www.nlucon.com/2016/08/no-dia-dos-pais-saiba-historias-de.html>>. Acesso em: 19 ago. 2017.



a matéria, apesar de engravidarem e terem seus filhxs, elxs continuam sendo pais e homens (a possibilidade de engravidar está nas características e potencialidades dos seus corpos, não tem a ver com gênero).

A pluralidade das famílias em nossa sociedade enfrenta a invisibilidade e o preconceito, como a família formada pela união de Geovana Soares e Rafael Dantas. Ela, uma travesti, e ele, um homem cis<sup>58</sup>. O título da matéria<sup>59</sup> traz uma frase de Rafael: “*Não tenho medo de expor que sou casado com travesti*”. Essa enunciação ensina sobre resistência às imposições sociais da matriz heteronormativa. Contudo, não ter medo significa, muitas vezes, enfrentar a repulsa, a exclusão, a interdição. Não é sem razão que se tem como conteúdo também do currículo um versículo bíblico: “*Levítico 20:13, Se um homem se deitar com outro homem, como se fosse com mulher, ambos terão praticado abominação; certamente serão mortos; o seu sangue será sobre eles*” (Comentário CL). Aqui aparece a tática da punição. Ela é trazida pelo discurso religioso, que se refere ao ato condenado pela Bíblia no livro de Levítico.

Um outro passageiro comenta que elxs não são casadxs, mas que apenas moram juntxs, o que denota o não reconhecimento da união homoafetiva: “*Casado não, mora junto... Se VC gosta de rola, que seja feliz cm a que arrumou.... Mas bem longe de famílias de bem, por favor*” (Comentário CL). Novamente o discurso moralista retoma a questão da “família de bem”. A estratégia da exclusão impõe ao casal o estigma de que elxs não fazem parte de uma família de bem, exigindo que vivam longe, excluídxs, escondidxs da família tradicional, ou seja, apagadxs, invisibilizadxs. A tática do apagamento “exige que certos tipos de ‘identidade’ não possam ‘existir’ – isto é, aquelas em que o gênero não decorre do sexo e aquelas em que as práticas do desejo não ‘decorrem’ nem do ‘sexo’ nem do ‘gênero’” (BUTLER, 2003, p. 39).

Em lição<sup>60</sup> no currículo do Catraca Livre aborda-se uma lei antiLGBT na Carolina do Norte (EUA). A lei foi aprovada pelo governador republicano Pat McCrory em março de 2016 e proíbe as localidades do Estado de redigirem suas próprias leis antidiscriminatórias e obriga o uso dos banheiros públicos de acordo com o sexo de nascimento, negando a existência de pessoas trans. Diante da situação, a fotógrafa Meg Bitton levantou um debate e fotografou uma garota trans de 14 anos (figura 5), Corey Maison, e fez a seguinte pergunta: "E se a menina

<sup>58</sup> Cis vem da palavra “cisnorma”, que é um conceito que vem sendo utilizado desde a década de 1990 por militantes trans e não binários em blogs e páginas da internet.

<sup>59</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/CatracaLivre/posts/139824942687831>>. Acesso em: 12 jul. 2017.

<sup>60</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/CatracaLivre/posts/1223234667713542>>. Acesso em: 15 jul. 2017.

da foto fosse sua filha? Você se sentiria confortável em mandá-la ao banheiro masculino?".

**Figura 5: E se fosse sua filha?**



Fonte: <https://www.facebook.com/CatracaLivre/>

Em resposta ao questionamento de Bitton, nos comentários da matéria publicada no currículo do Catraca Livre encontra-se a tática da negação aos direitos dxs transgênerxs. Nos comentários que se seguiram, muitxs afirmam que ela teria de ir ao banheiro masculino, pois é um menino. O discurso biológico reitera o padrão binar do sexo biológico, como a seguir: *“Nasceu menino não importa a aparência, banheiro masculino, nasceu menina banheiro feminino. E se acharem ruim peçam para que façam banheiros para homossexuais e que eu até acharia melhor, isso não é homofobia é fato!!!”* (Comentário CL). A tática da negação lança mão da estratégia da exclusão quando propõe um banheiro para homossexuais, o que configura segregação (por serem diferentes não podem estar entre os heterossexuais). Outra constatação é a confusão causada pela desinformação sobre os sujeitos trans e sobre xs homossexuais. Há aí ignorância sobre gênero e sexualidade. O currículo em questão ensina a entender as diferenças entre elxs ao publicar matérias de conteúdo informativo. Essa confusão também se configura como uma forma de exclusão, como afirma Bento (2006) quando diz que os

regimes de verdades estipulam que certos tipos de expressões relacionadas com o gênero são falsos ou carentes de originalidade, enquanto outros são verdadeiros e

originais, condenando a uma morte em vida, exilando em si mesmos os sujeitos que não se ajustam às idealizações (BENTO, 2006, p. 94).

Ainda sobre o direito de ir ao banheiro de acordo com o gênero assumido, uma pessoa comenta: *“Se fosse meu filho iria no banheiro masculino, se fosse minha filha iria no banheiro feminino. até pq Deus criou somente dois sexos distintos. Esse terceiro sexo é invenção do mundo. Que Deus tenha misericórdia dessa criança e que dê a ela muita sabedoria e discernimento para perceber o que está acontecendo”* (Comentário CL). Esse currículo ensina que ser de um gênero diferente é pecado, que vai contra os princípios bíblicos ensinados no livro de Gênesis, por exemplo, que ensina: *“E criou Deus o homem a sua imagem [...] e Deus os abençoou, e Deus lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos”*, (GENESIS, 1:27-29). Por isso, para xs cristxs, só existe a crença de que tanto sexo quanto gênero são estritamente binários e *“as possibilidades de se pensarem as transformações e as fissuras provocadas pelas práticas dos gêneros que se efetivam fora do referente biológico – como os/as transexuais, as travestis, as drag queens, Os drag kings – são eclipsadas”* (BENTO, 2006, p. 34). Ou seja, a sociedade prefere encobrir, esconder as rupturas ao padrão, o que se confirma por meio dos discursos presentes no currículo analisado.

Nesse currículo, o que se aprende é repetido reiteradas vezes, lançando mão de discursos que exercem mais poder na sociedade, como os discursos religioso e o biológico, como na enunciação: *“Ela nasceu com anatomia masculina, mas se identifica como menina. Uma adolescente, recém saída da infância decide o que quer ser??!! Não sabe nem a profissão, mas já quer mudar de sexo. Fim do mundo!”* (Comentário CL). Nesta enunciação a partir dos discursos biológico e religioso opera-se a tática da negação que não reconhece as escolhas de Corey Maison e nega-lhe o que ela sente sobre si mesma. Segundo Bento (2006) muitos sujeitos trans precisam de autorização para passar pelo processo de transição, a partir de diagnósticos médicos. Em alguns casos o diagnóstico nega o direito ao processo de transição, por isso Bento (2006, p. 134) questiona *“como um saber se outorga o direito de definir a verdade última das subjetividades a partir da diferença sexual? A mentira é sentir-se um homem no corpo de mulher?”*. No currículo em análise os discursos vão negando modos de ser, e reiterando as normas binárias de gênero e sexualidade.

Nosso ônibus continua seu trajeto e abre suas portas para Kayden Coleman embarcar e contar sua história. Ele nasceu com genitália feminina e, dez anos após ter iniciado o processo de transição de gênero, descobriu que estava “grávido”, como mostro na figura 6. Este caso é a demonstração de que sexo, gênero e sexualidade estão em dimensões diferentes e desconectadas, mas que é consagrada e reiterada de muitos modos (LOURO, 2015).

**Figura 6: Kayden Coleman descobriu que estava “grávido” durante o processo de transição de gênero**



Fonte: <https://www.facebook.com/CatracaLivre/>

A imagem de um homem “grávido” como mostrado na foto (figura 6) provoca reações de estranheza nos seguidores da página Catraca Livre. Boa parte dos comentários rejeita a possibilidade de uma mulher optar por fazer a transição de gênero do feminino para o masculino e continuar a se relacionar com um homem. O sujeito transgênero rompe com a sequência sexo, gênero, sexualidade (LOURO, 2015) a qual a sociedade está acostumada a reconhecer. Sobre isso Bento (2006, p. 108) afirma “muitas vezes, [que] o olhar do observador já não é suficiente para conduzi-lo com segurança no ato classificatório: a dúvida se instala”. Desse modo, ao romper com essa sequência, esse sujeito não se encaixa nos padrões normativos. Por isso, não é incomum que alguém comente:

*Caraca, Gente agora eu posso dizer que é o fim... Olha não é por nada não mas isso aí, esse ser, essa Criatura não merece ser chamado de ser Humano.. Mulher nao nasce mulher. Mulher que virou Homem que nasceu mulher descobre gravidez quando faria cirurgia de mudanca de sexo porque se descobriu com novo gênero. Que desgraça o mundo tem se tornado. (Comentário CL)*

Nesta enunciação é usada toda uma maquinaria discursiva que produz o preconceito e a discriminação e que classifica Kayden Coleman como anormal. Vale destacar que Butler (2001) questiona o "sexo" ao dizer que ele

não apenas funciona como uma norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa, isto é, toda força regulatória manifesta-se como uma

espécie de poder produtivo, o poder de produzir — demarcar, fazer, circular, diferenciar — os corpos que ela controla. (BUTLER, 2001, p. 152).

Produz-se, dessa forma, a aberração, o abjeto, que Butler (2001, p. 154) nomeia como “aqueles que ainda não são ‘sujeitos’, mas que formam o exterior constitutivo relativamente ao domínio do sujeito”. Estes corpos seriam aqueles não reconhecidos, e contra os quais são aplicadas tentativas discursivas para eliminá-los da vida social.

Embora neste currículo se ensine sobre escapes à heteronormatividade e aos padrões de corpo, sexo, gênero e sexualidade, as lições que ensinam sobre o discurso de ódio tentam insistentemente negar os sujeitos embarcados em nosso ônibus por meio das táticas de interdição, punição, repulsa, falsidade, apagamento e negação. A todo momento ensina-se nesse currículo que eles, por serem anormais, devem ser extirpados, massacrados, apagados, negados, punidos etc. Apesar do discurso de ódio, o ônibus continua com suas catracas livres para ensinar o respeito às diferenças, para dar aos passageiros assentos, não especiais, mas de direito. O currículo por meio da resistência ensina que eles podem seguir viagem sem a discriminação, sem a interdição.

## 5 BELA, RECATADA E DO LAR

Nesta estação, nosso ônibus imaginário abre as portas para as mulheres que vivenciam o disciplinamento, a censura e o controle sobre o corpo, e sobre seu direito de estar onde quiser. Neste capítulo busco referência à reportagem publicada na revista *Veja* em abril de 2016, que trazia o título de *Bela, Recatada e do Lar* ao se referir a Marcela Temer, mulher do atual presidente do Brasil. A matéria<sup>61</sup> enaltecia as “qualidades” da atual primeira-dama; mas, sem querer aqui discutir o viés político da reportagem, uso as citadas “qualidades” para analisar o que o discurso de ódio demanda para as mulheres que não as assumem. Após a publicação da matéria, representantes de movimentos feministas usaram a *hashtag* *#belarecataedolar*, que rapidamente viralizou<sup>62</sup> na internet como forma de protesto. Para alguns movimentos feministas, as qualidades lembram estereótipos de mulher que a desvaloriza e coloca no papel de submissa ao domínio masculino.

A abordagem da matéria reacende a discussão sobre as diferenças sociais atribuídas a homens e mulheres. Acostumamo-nos a ouvir que existem diferenças entre homens e mulheres: intelectuais, físicas, emocionais, comportamentais. Mas, “a diferença sexual, entretanto, não é, nunca, simplesmente, uma função de diferenças materiais que não sejam, de alguma forma, simultaneamente marcadas e formadas por práticas discursivas” (BUTLER, 2001, p. 151). Essas práticas discursivas estão presentes no currículo da mídia aqui analisado, a página do *Catraca Livre* no *Facebook*, e produzem práticas de significação que reforçam as diferenças de gênero.

Essas diferenças são estabelecidas a partir de normas que regulam os corpos, que regulam o sexo. “Normas regulatórias do sexo” (BUTLER, 2001) são usadas para constituir “o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual” (BUTLER, 2001, p. 154). A heterossexualidade como norma é “o único lugar de sexualidade reconhecida”, a partir do século XVII. Foucault (2015, p. 7) afirma que a sexualidade foi encerrada, ou seja, passou do público para o privado - “muda-se para dentro de casa” -, e essa mudança na sociedade coloca o “casal heterossexual e, se possível legítimo” como modelo, como norma, tornando as sexualidades fora dessa matriz desviantes. Essa mudança também define papéis para homens e mulheres na sociedade baseando-se principalmente nas diferenças de gênero. A diferença “não é um produto da natureza, ela é

<sup>61</sup> Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>>: Acesso em: 15 nov. 2017.

<sup>62</sup> Viralizou quer dizer que se tornou viral, ou seja, alcançou grande público em compartilhamentos.

produzida no interior de práticas de significação” (SILVA, 2010b, p. 25), é produzida culturalmente. A “diferença cultural não é estabelecida de forma isolada e independente” (SILVA, 2010b, p. 26). Ela é reiterada continuamente por meio dos variados discursos em diversos espaços na sociedade, como o discurso de ódio que lança mão de táticas de controle e disciplinamento para moldar o corpo e o comportamento das mulheres. A matriz heterossexual produz a diferença sexual entre os sujeitos e é reiterada por currículos, como o escolar ou da mídia, por exemplo, e outras “instâncias culturais”, como a família, a igreja, as leis, a medicina, elas trabalham para manter as “as normas regulatórias” em funcionamento (LOURO, 2015, p. 84).

A mulher é, assim, disciplinada, censurada, regulada e controlada, por meio da reiteração de normas, de processos de subjetivação e das práticas de significação. Para Butler (2007), o gênero é performativo, ou seja, os sujeitos materializam o gênero nos corpos: “a performatividade é sempre uma reiteração de uma norma ou conjunto de normas” (Butler, 2007, p. 154). Essa materialização nos corpos é percebida e demandada pela sociedade e, quando o gênero não representa o sexo biológico ou quando o comportamento foge às normas regulatórias, os sujeitos sofrem com interdições, proibições, punições, restrições e negações. Para Louro (2000), “os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros – feminino ou masculino – nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura” (LOURO, 2000, p. 5). Para reiterar essas marcas culturais a sociedade aciona práticas de significação que vão produzir a mulher e regular sua conduta.

Neste capítulo, convido a embarcar em nosso ônibus as mulheres que sofrem com o discurso de ódio e apresento as táticas utilizadas na produção do sujeito mulher. Essa posição de sujeito tem como características atender às marcas e comportamentos, a partir do olhar disciplinar e da sanção normalizadora de que nos falou Foucault (2014). O autor explica que “o sucesso do poder disciplinar se deve, sem dúvida, ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame” (FOUCAULT, 2014, p. 167). A vigilância hierárquica realizada pelos “olhares que devem ver sem ser vistos”, é segundo Foucault (2014, p. 167) um aparelho “onde as técnicas que permitem ver induzam a efeitos de poder, e onde, os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se aplicam”. Além disso, o poder disciplinar por meio da sanção normalizadora que “funciona como repressora da maneira de ser (grosserias, desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes ‘incorretas’, gestos não conformes, sujeira) e da sexualidade (imodéstia, indecência)” (FOUCAULT, 2014, p. 175), qualificam e reprimem comportamentos. Assim, o argumento central deste capítulo é o de que para produzir



o sujeito mulher no currículo do *Catraca Livre*, os discursos machista, moralista, da beleza e religioso, que atravessam o discurso de ódio, atribuem modos de ser para mulheres, como bela, recatada e do lar, por meio das táticas do disciplinamento, da censura e da culpa. Essas táticas acionam o discurso de ódio toda vez que as mulheres desviam ou tentam desviar das normas. Por vezes, essas táticas operam sozinhas, outras vezes, em conjunto. Apresento a seguir as táticas usadas no currículo analisado para, por meio do discurso de ódio produzir a mulher bela, recatada e do lar.

### 5.1 Bela: a tática do disciplinamento dos corpos

A primeira a embarcar no ônibus neste ponto da viagem é a mulher que é vítima do olhar hierárquico da sociedade e da disciplina que quer adestrar os corpos para torná-los belos. Para Foucault (2014) o poder disciplinar usa instrumentos simples para obter sucesso e adestrar os corpos dos sujeitos: “a disciplina ‘fabrica’ indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício” (FOUCAULT, 2014, p. 167). É nesse sentido que o corpo da mulher é vigiado e fabricado para atender às “diversas imposições culturais” e para “adequá-los aos critérios estéticos, higiênicos, morais, dos grupos a que pertencemos” (LOURO, 2000, p. 8). Assim, o discurso da beleza, por exemplo, busca e reafirma por meio de dietas, roupas, perfumes, cabelos, o corpo magro, maquiagem e depilação, para produzir o corpo “perfeito”, o padrão ideal de beleza para as mulheres e assim reiterar marcas desejáveis. Nesta seção, analiso como, no currículo do *Catraca*, a tática do disciplinamento, que se baseia na “sanção normalizadora”, vigia os corpos das mulheres. Por meio da sanção normalizado “o que está inadequado à regra, tudo que se afasta dela, os desvios” (FOUCAULT, 2014, p. 176) fica exposto à normalização. Por isso, ensinam-se no currículo modos de se adequar a marcas nomeadas femininas e de ajustar comportamentos.

Na lição sobre como uma mulher deve cuidar do corpo, o currículo também ensina sobre resistências ao padrão quando a fotógrafa Nikki Silver e a educadora sexual Tina Horn produziram um livro intitulado "*Unshaven*" ("sem depilação"), que traz um ensaio fotográfico, também publicado<sup>63</sup> no *Catraca Livre*, com mulheres que decidiram não se depilar e quebram, assim, regras estéticas da sociedade impostas ao corpo da mulher. Em contrapartida, o currículo ensina por meio dos comentários que “*isso é nojento, lindo mesmo e um suvaco (sic)*”

---

<sup>63</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/CatracaLivre/posts/1468311763205830>>. Acesso em: 10 jun. 2017.



*branquinho limpo isso é lindo*” (Comentário CL). Os ensinamentos criticam as fotografias; já as mulheres das fotos rompem com a demanda por depilar as axilas, mas não rompem com outros padrões. Assim, diz uma internauta: “*engraçado é que a vaidade delas chega a ponto de fazer um corte de cabelo, de algumas a fazer a sombrancelhas (sic), mas não tiram o pelo da axila. Vai entender!*”. (Comentário CL). Outro comentário cria razões sobre o fato da não depilação: “*Eu acho q só há duas razões pra uma mulher deixar a suvaqueira peluda. Naturalismo ou feminismo extremo a ponto de querer afrontar a sociedade. Fora isso n consigo ver outra razão*” (Comentário CL). Aqui, o simples fato de não se depilar é considerado uma afronta à sociedade – uma atitude pessoal é considerada incorreta. Além disso, o comentário reduz a luta do movimento feminista por mais direitos as mulheres a uma questão puramente estética e pessoal.

O corpo da mulher é vigiado por meio da “política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos” (FOUCAULT, 2014, p. 135). Esse controle do corpo feminino, que institui normas para ser uma mulher bela, é ensinado às meninas desde muito cedo. Há um adestramento dos corpos e dos comportamentos que incluem, por exemplo, casar, ter filhos e cuidar da casa. Ao corpo da mulher demanda-se atender aos desejos do homem, como no comentário a seguir: “*Horrível, horrível, horrível, e se a mulher quiser arrumar um companheiro vá raspar viu, porque muito difícil um cara gostar de mulher com pelos embaixo do braço, é broxante!!!!*”. (Comentário CL).

O casamento com homem é apontado como única saída para a mulher, que para ser aceita deve se submeter às vontades daquele. Essa submissão é reiterada por mulheres que já aprenderam a lição como no comentário: “*Primeiro os Boys não curtem mulheres com pelos;*). *E em segundo TB acho falta de higiene e feio*”. (Comentário CL). Como resposta a esse comentário, há mulheres que resistem a normalização e tentam reafirmar seu direito de decisão, como aparece em outro comentário: “*Primeiro que ninguém tem que fazer o que os Boys gostam, segundo que o pelo é uma proteção natural do corpo, e não falta de higiene. Terceiro que conceito de feio é relativo*” (Comentário CL).

Quem resiste e argumenta contrariamente é rechaçada em outro comentário, “*Aposto que vc é peludona também kkkkk isso é coisa de sapata e porca ainda por cima*” (Comentário CL). Estabelece-se no discurso de ódio a relação entre comportamentos estéticos e a sexualidade da mulher. O discurso da beleza lança mão da tática de disciplinamento que remete a heteronormatividade e cobra marcas de feminilidades, expressões performáticas do gênero feminino. Ser mulher heterossexual está associado a atender padrões de beleza que são

reforçados e fiscalizados pelos múltiplos olhares presentes no currículo do Catraca e na sociedade, de modo geral. Neste sentido, Louro (2000) reflete que

na constituição de mulheres e homens, ainda que nem sempre de forma evidente e consciente, há um investimento continuado e produtivo dos próprios sujeitos na determinação de suas formas de ser ou "jeitos de viver" sua sexualidade e seu gênero. (LOURO, 2000, p. 17).

Nessa direção, pode-se dizer que não é incomum que mulheres aceitem os processos de produção da “bela, recatada e do lar”, além de contribuírem para que eles se disseminem. A preocupação com a estética movimentada aspectos culturais e sociais que são ensinados no currículo do Catraca. Processos de subjetivação são ativados produzindo elementos e características corporais e de comportamento para conformar as mulheres.

Alguns papéis são bastante comuns, tais como de esposa, mãe e “dona de casa”. Diante disso, “para que se efetivem essas marcas, um investimento significativo é posto em ação: família, escola, mídia, igreja, lei participam dessa produção” (LOURO, 2000, p. 16). Ou seja, a circulação dos discursos moral, religioso, estético produzem o sujeito mulher, por meio, por exemplo, da tática do disciplinamento que entra em ação para normalizar marcas corporais.

Para discutir um pouco mais sobre o disciplinamento do corpo, são convidadas a embarcar em nossa viagem as mulheres que têm a forma e peso dos corpos controlados, vigiados. O discurso da beleza divulga um padrão do corpo que é amplamente divulgado na mídia. O corpo perfeito deve atender ao olhar disciplinar dos homens e das outras mulheres: assim, a sociedade considera belo o corpo magro. Para lutar contra esse padrão, um grupo de mulheres resolveu recriar o desfile da famosa marca de *lingerie Victoria's Secret*, nos Estados Unidos. Esse desfile é conhecido por sempre usar modelos magras, dentro do padrão preconizado pela mídia.

Para quebrar tal padrão, no lugar de supermodelos com corpos esculpidos, conhecidas como *angels*, o desfile foi marcado por mulheres consideradas comuns, algumas com corpos acima do peso pelo padrão na sociedade, ou seja, as escolhidas para o desfile eram mulheres fora dos padrões da indústria da moda. Fotos do desfile foram publicadas no currículo do Catraca Livre e os comentários trazem marcas do discurso de ódio, atravessado pelo discurso da beleza e machista. Uma pessoa comenta: “*A mulher gorda pode ser bonita, mas nunca será elegante. os homens sabem que mulher gorda é que nem pantufas. Para usar dentro de casa é ótimo. Mas para sair na rua não dá*” (Comentário CL). O padrão reiterado no discurso machista

é que o corpo gordo não pode ser exibido como um troféu. O homem entende que apresentar uma companheira gorda não contribui com sua imagem de masculinidade e virilidade.

Em outro comentário continua-se ensinando que a mulher deve ser magra: “*Tudo para chamar a atenção, deveriam se dedicar mais a dieta e atividades físicas ao invés de ficarem criando “quebrar estereótipos”*” (Comentário CL). O discurso machista reitera a representação de que para ser bela é preciso ser magra, e, ainda, indica como fazê-lo: com dietas e atividades físicas. Há ainda quem reforce o discurso da mídia por meio da citação de uma famosa frase do cantor, compositor e poeta Vinícius de Moraes: “*Me desculpe as feias...mas beleza é fundamental! (Como dizia o poeta!)*” (Comentário CL), o discurso da beleza reforçado pela tática do disciplinamento dita padrões para que as mulheres sejam reconhecidas como belas.

Além de discutir a questão da depilação, o currículo do Catraca publicou em 16 de dezembro de 2016, uma polêmica envolvendo a vagina. Ao publicar os desenhos feitos pela artista plástica holandesa Hilde Atalanta que valorizam e enaltecem todos os formatos de vagina, tanto a publicação quanto o trabalho da artista forma criticados e repreendidos. Segundo a matéria<sup>64</sup>, a artista se viu preocupada com os procedimentos estéticos para mudar o formato da vagina para se adequar em padrões estéticos de beleza. No texto explicativo que acompanha os desenhos da artista há a informação de que sua intenção é debater com a sociedade a necessidade de procedimentos como este que são puramente estéticos, pois as labioplastias<sup>65</sup> geralmente não são medicamente indicadas. Dados publicados<sup>66</sup> pela Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética (ISAPS) apontam que o Brasil, em 2016, foi o campeão mundial na prática dessa cirurgia, foram 23.155 procedimentos. Sem levar em conta essas informações e a partir somente das impressões causadas pelos desenhos, como mostro a seguir um deles na (figura 7), uma série de comentários e ofensas compõem o discurso de ódio publicado nos comentários como forma de ridiculizar o tema abordado pela artista.

### **Figura 7: Galeria da Vulva da artista Hilde Atalanta**

<sup>64</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/CatracaLivre/posts/1467223393314667>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

<sup>65</sup> Cirurgia plástica para reduzir ou remodelar os lábios vaginais.

<sup>66</sup> Disponível em: <<https://www.vix.com/pt/saude/548328/brasil-e-campeao-em-labioplastia-conheca-a-cirurgia-intima-que-vem-se-popularizando>>. Acesso em: 11 nov. 2017.



Fonte: <https://www.facebook.com/CatracaLivre/>

O discurso de ódio, lançando mão de supostas piadas, ridicularizou o trabalho intitulado “Galeria da Vulva”, bem como sua autora, no currículo do Catraca Livre. A “piada” é estratégia constantemente encontrada no currículo, como no comentário a seguir: *“Quem fez esses desenhos feios foi uma mulher, Acho que ela deve ter ódio em ser mulher, pra fazer uns desenhos escrotos é de mal gosto, já vi mais bonitas desenhadas em portas de banheiros 😊• ”* (Comentário CL). A maior recorrência nos comentários que acompanham essa publicação é uma crítica as imagens e nenhuma referência a intenção de debater a imposição estética ao órgão sexual feminino. Ao contrário houve quem inclusive sugerisse que a publicação fosse denunciada por pornografia vinculada ao sexo da mulher.

Aqui a tática do disciplinamento se mistura com a tática da censura e tenta excluir a publicação por meio de denúncias da página, como diz umx internauta: *“Lembrando q temos direito de denunciar a publicação por pornografia... Já fiz minha parte e você?”* (Comentário CL). A tentativa de se discutir uma questão estética ligada a mulher no currículo se tornou um espaço para ridicularizar o formato da vagina. Em poucos comentários foram encontradas referência ao real sentido da publicação: *“Ta de parabéns!!! Chega de padrão de pepekás mostradas em filmes pornôs! E viva a realidade e diversidade! ♥”* (Comentário CL). O comentário cita o cinema pornô como artefato cultural que contribui para disseminar padrões de beleza. O que se confirma na análise de Pereira (2008, p. 503) ao afirmar que “uma película pornô propõe pedagogias de sexualidade e opera normalizando e naturalizando as relações entre os corpos. A pornografia, portanto, cria modelos de sexualidade”. Nesses filmes contemporâneos as atrizes exibem, em geral, vaginas sem pelos e de padrão estético admirado por homens e mulheres.

Nessa seção trouxe o discurso da beleza e a tática do disciplinamento, presentes no currículo para normalizar as mulheres com padrões de beleza. Desde a escolha de se depilar ou não, o corpo adequado, padronizado como ideal e até a questão estética inclusive no órgão sexual feminino. Os ensinamentos do currículo se mostraram aqui, em torno do corpo feminino “perfeito”.

## 5.2 Recatada: a tática da censura sobre o corpo feminino

Os seios femininos são foco de olhares e, ao mesmo tempo censura na sociedade. Neste ponto da viagem, as portas se abrem para as mulheres que os expõem livremente. Mas, o currículo vai ensinar que isso não é possível e, por isso, aciona a tática da censura, que visa restringir a liberdade da mulher sobre a exposição do seu corpo, pois ela tem de ser recatada, como explica Louro (2000, p. 18): “Através de múltiplas estratégias de disciplinamento, aprendemos a vergonha e a culpa; experimentamos a censura e o controle”. Essa tática foi identificada a partir das reiterações que trabalham para impedir a exposição do corpo da mulher em público ou, mais especificamente, no currículo em análise.

Amamentar, por exemplo, é um ato considerado natural para a sociedade e para as mulheres que se tornam mães, mas, expor os seios em público e/ou em redes sociais é considerado por muitos internautas “falta de vergonha”. O currículo do *Catraca* repercutiu a história<sup>67</sup> de Tasha Maile, chamada de *spiritual mama* (“mãe espiritual”, em inglês). Ela tem um canal no Youtube no qual amamenta xs filhxs com naturalidade para incentivar outras mães a amamentarem e, ao expor os seios, foi vítima de ataques e censura. Uma mulher escreve: “*uma mãe que acha normal uma cena de exposição dessa... tem algo errado. Até a cara dela é estranha. Por favor, isso é ridículo! Falta vergonha na cara pra essas mulheres que ficando (sic) expondo tudo e acham normal*” (Comentário CL). Quem comenta, argumenta não ser normal uma mulher expor os seios, e que uma mulher mãe deve sentir vergonha dessa exposição. A referência ao sentimento de vergonha “tem relação direta com inúmeros outros elementos, tais como: inferioridade, culpa, autoestima, desprezo e humilhação” (FEITOSA et al, 2012, p. 203). Para a sociedade a mulher deve sentir vergonha quando comete atos entendidos como indecentes.

---

<sup>67</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/CatracaLivre/posts/1425362227500784>>: Acesso em: 26 mai. 2017.

Nesse sentido o uso da sanção normalizadora age sobre o “corpo”, sobre as “atitudes ‘incorretas’, gestos não conformes”, (FOUCAULT, 2014, p. 175), disciplinando-os. Outro comentário compara outros tempos com os dias atuais: “*antigamente as mães amamentavam e cobriam os seios, hj o negócio é arregaçar e todos devem achar normal. Um pouco de senso cai bem e todos sabem que amamentar é um ato natural*”. (Comentário CL). Cobrir os seios é sinal de recato; a mulher recatada não se mostra, nem para realizar algo natural como amamentar. Ela usa roupas que cobrem, seios, pernas, barriga, corpo. O senso mencionado no comentário significa fazer escolhas de acordo com regras e normas da sociedade, logo, não expor nem aprovar a exposição dos seios. Quem comenta, reforça a lição por meio de valores morais e tradicionais ao dizer que “hoje em dia” as mulheres se expõem em demasia o que não deve ser mostrado. Percebo, então, que o corpo da mãe é limitado ao convívio da família. Expor os seios em rede social é fugir a essa regra, por isso a mãe, é chamada de “*exibida*”, “*ridícula*” (Comentários CL). Os xingamentos expressam o discurso de ódio contra quem escapa à norma e a “prática disseminante e produtiva do currículo” (SILVA, 2010b, p.15).

O argumento usado para reforçar a tática da censura por uma pessoa que comenta é de que os seios da mulher são sexualizados, por isso, para a mulher, não é permitido expô-los. Uma internauta comenta que “*não são as mulheres que sexualizam os seios, são os homens com suas cabeças sujas que fazer isso*” (Comentário CL). A erotização dos seios da mãe amamentando faz parte da construção cultural de que esta parte do corpo é sexualizada, como menciona a internauta. Os seios das mulheres não devem ser expostos porque a sociedade acha normal censurar as mulheres e não repreender os homens, que sentem excitação sexual ao vê-los. Os conteúdos do currículo ensinam, por meio dos comentários contrários à exposição do corpo da mulher que o mesmo é objeto de desejo masculino independente da amamentação. Essa sexualização é comumente exposta na mídia, em revistas, novelas, filmes.

Apesar da insistência de, por meio de algumas lições, ensinar às mulheres que devem cobrir seus seios, no currículo há também resistências à censura. Uma campanha no *Facebook* intitulada “Mamilo Livre”<sup>68</sup> traz o seguinte questionamento: “Por que apenas os mamilos femininos são sexualizados e censurados no *Facebook*?” A campanha convidava as mulheres para participar de um “mamilaço” por meio de fotos divulgadas nas redes sociais, principalmente no *Facebook*. Além disso, propunha que as mulheres pudessem expor os mamilos, mas sem expor o rosto. Como explicou uma das organizadoras na matéria do *Catraca*

<sup>68</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/CatracaLivre/posts/1425625417474465>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

Livre, “a ideia é dominar o *Facebook* com fotos de seios femininos, em forma de ‘mosaico’, que burlam o algoritmo<sup>69</sup> da rede social”, e assim escapar da censura. Mesmo considerando que a campanha escapa da censura do *Facebook*, de algum modo elas se submetem a ela quando buscam uma forma de escapar pelas frestas (a questão da liberdade de exposição do corpo é subjetivada pela censura). Então, as organizadoras ao falsearem a imagem publicada, com o seio “estilizado”, a suposta liberdade de publicação mostra o quanto discursos morais exercem mais poder. Inclusive quando o *Catraca Livre* reproduziu a foto, os mamilos femininos foram cobertos e os masculinos ficaram expostos como pode ser visto na figura 8.

**Figura 8: Mosaico de seios tenta burlar censura**



Fonte: <https://www.facebook.com/CatracaLivre/>

Sobre a campanha e a exposição de seios, há quem reitere a ideia de que os seios são sexualizados, afirmando que os “*mamilos são censurados pq diferente dos homens as mulheres sentem prazer ali, sao (sic) estimuladas logo passa a ser algo bem sexual diferente dos meninos!*” (Comentário CL). A pessoa que comenta usa a tática da censura ao prazer feminino para justificar a proibição de expor os seios da mulher; ela usa a diferença de gênero e submete o corpo da mulher a partir do olhar do outro. Nessa publicação sobre a campanha *Mamilo Livre*, os comentários são direcionados às mulheres que participaram da campanha e

<sup>69</sup> Um algoritmo é definido como uma série de instruções passo a passo que descrevem explicitamente várias operações. Eles são usados nos sistemas de informação para o tráfego de dados e programação de linguagem computacional. No caso do Facebook, ele é usado para definir o fluxo de informação que circula; em nível avançado, ele filtra palavras e imagens para a rede social. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/o-que-e/o-que-e/Afinal-o-que-e-um-algoritmo-e-o-que-isso-tem-a-ver-com-computacao/>>. Acesso em: 26 mai. 2017.



as táticas da censura e da culpa se misturam. São utilizadas estratégias de desqualificar a campanha citada, ofender e intimidar as mulheres que queiram participar, além de fazer comparações com o corpo dos homens. Por exemplo, o comentário a seguir: *“Se um homem toca no seio de uma mulher, é assédio. Se uma mulher toca no peito de um homem, é um toque. Por isso continua a censura”* (Comentário CL). O comentário ressalta a diferença física e de comportamento entre homens e mulheres e usa a estratégia da sexualização do seio da mulher.

A sexualização dos corpos dos homens e das mulheres também são diferentes, podendo ser permitida a exposição do corpo dele, mas o corpo da mulher é ordenado “inteiramente para as funções de reprodução e perturbando-o continuamente pelos efeitos dessas mesmas funções” (FOUCAULT, 2015, p. 166). A exposição do seio feminino é considerada tabu e os homens são estimulados e instruídos a torná-los objetos de desejo, ao passo que o mesmo não acontece naturalmente com as mulheres. Em um texto publicado na página de jornalismo feminista AZMina (2016) comenta-se que “são muitos os assuntos que cercam o debate sobre gênero no Brasil e parece até impossível conseguir abarcar tudo que atravessa o tema”. Mesmo assim elas acreditam que os mamilos podem ser uma porta de entrada para a maioria desses debates.

Nos próximos comentários, a tática da censura usa da desqualificação do movimento Mamilos Livres e a participação das mulheres nesta campanha: *“Kra, quanta merda... Eu hein!!! Quem vai sair mostrando seios? Isso é muito íntimo, pelo menos eu acho, é cada uma viu 😊• ”*, em outro *“essas modinhas do cão vou falar hein.... sem fundamento nenhum, apenas desculpa pra um monte de gente ficar postando foto do peito caído, vão lavar uma louça”, “Que porra de mimimi chato. Saiam por aí então mostrando os peitos, bando de retardadas”* (Comentários CL).

Ao questionar a legitimidade do tema proposto como luta das mulheres, o movimento feminista recebe críticas dos objetivos e pautas que abordam. Birolli (2014) pondera que as críticas ao movimento apontam que nem sempre os interesses de parte das mulheres estariam verdadeiramente representados. Para Miguel (2014, p. 63) desde as primeiras “inconformidades com a dominação masculina, as mulheres reivindicam acesso a liberdades iguais aquelas que os homens desfrutam”. Longe de ter autonomia sobre o próprio corpo, as mulheres seguem lutando contra os discursos que as produzem, e que produzem também a cultura machista e a violência a que são submetidas.

Na cultura machista, a mulher que se desvia das regras de censura, por exemplo, pode pagar um preço alto pela desobediência, tal como no comentário que segue: *“mostra tudo e para de frescura no rabo, ja que querem tanto mostra deixa mostra, mais depois não choram”*



(Comentário CL). Ou seja, a mulher que expuser os seios pode sofrer assédio, estupro, e depois não teria o direito de “reclamar” e denunciar a violência sofrida. É sempre dela a culpa. Essa estratégia de culpabilizar a mulher pela violência que sofre é uma lição constante no currículo do Catraca, como fica evidente no comentário a seguir:

*Caramba. Se quiserem postar fotos semi nuas, okay, vocês tem todo o direito. Só não venham reclamar depois que estão sendo assediadas nas redes sociais, já que nem todos entendem essa "Forma de pensar" de vocês. Todos os seus atos têm consequências depende de você qual rumo quer que essas consequências tomem.*  
(Comentário do CL)

A tática da censura opera em consonância com a tática da culpa e juntas reiteram o discurso de ódio, perpetuando a cultura machista que impõe limites a mulher, decide o que ela pode ou não fazer, onde ir, como ir e, sobretudo, coloca sobre ela a responsabilidade de “se guardar” para não ser violentada. É nesse sentido que Pereira (2008, p. 504) afirma que as “regras discursivas da heterossexualidade normativa produzem performances de gênero, que são reiteradas e citadas. A própria sexualização dos corpos deriva de tais performances”. E, assim, o discurso machista divulga que o assédio é provocado, desculpabilizando o homem. Como afirma Beauvoir (2014, p. 22), ensina-se à mulher que ela precisa “procurar agradar, fazer-se objeto; ela deve, portanto, renunciar à sua autonomia. Tratam-na como uma boneca viva e recusam-lhe a liberdade”.

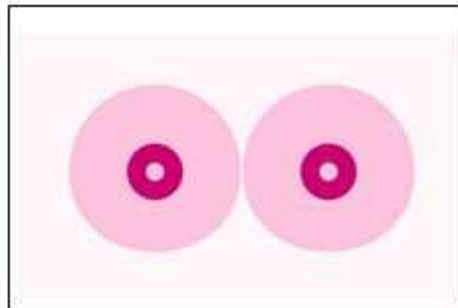
O comentário seguinte reitera o anterior, ensinando que as mulheres, ao exporem seus corpos estão provocando os homens, desrespeitando as crianças, colocando sua vida em risco, ou seja, ela é a única responsável pelos desdobramentos citados:

*O problema é que ninguém pensa nas consequências. Imagina se isso é liberado, várias mulheres postando fotos semi nuas. Já parou para imaginar que o número de estupro vai aumentar de forma exorbitante? Já parou pra pensar que o assédio também vai aumentar? Parou também para refletir que o número de pedófilos também pode aumentar? Parou pra pensar nas crianças que poderão ver as imagens? Claro que não, afinal, ninguém pensa nas consequências.* (Comentário do CL)

O discurso machista destitui do homem a responsabilidade de conter seus desejos sexuais. É como diz o ditado popular: “prendam suas cabritas que meu bode tá solto”. A partir desse ditado nota-se que a sociedade joga a responsabilidade do recato para as mulheres. O discurso machista atribui o assédio, a pedofilia e o estupro como consequências da exposição do corpo da mulher. Nesse contexto, a mulher seria a única responsável por fatos nos quais nem estaria diretamente envolvida.

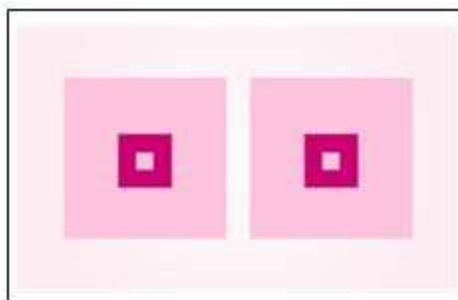
A censura a exposição dos seios femininos atingiu até mesmo uma campanha de combate ao câncer de mama veiculada no *Facebook*, na Suécia, em outubro de 2016. A imagem usada como tema da campanha foi retirada da rede social por ser considerada ofensiva, segundo informou a Sociedade Sueca do Câncer. A imagem continha dois círculos rosa grandes e círculos menores em tons de rosa diferentes, imitando o formato de um seio feminino como mostro na imagem abaixo (figura 9). Xs idealizadorxs da campanha reagiram e publicaram no *Facebook* uma imagem de dois quadrados (figura 10) e a mensagem irônica: “Ei, *Facebook*, não foi nossa intenção ofender com a mama redonda. Agora chegamos a uma solução que venha a fazê-lo feliz: dois quadrados cor de rosa!”<sup>70</sup>

**Figura 9: Desenho censurado**



Fonte: [www.oglobo.globo.com](http://www.oglobo.globo.com)

**Figura 10: Desenho publicado**



Fonte: [www.oglobo.globo.com](http://www.oglobo.globo.com)

A censura à imagem representa o quanto o corpo da mulher é cercado de tabu e o quanto sofre censura na forma de poder nas relações entre homens e mulheres em nossa sociedade. O controle dos corpos faz parte das estratégias de disciplinamento, “métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade” (FOUCAULT, 2014, p. 135).

<sup>70</sup> Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/facebook-remove-video-com-campanha-sobre-cancer-de-mama-20324861>>. Acesso em: 25 mai. 2017.

O disciplinamento produz sujeitos, fabrica corpos, utilizando as estratégias de regularização, normalização, de mecanismos de poder sobre os indivíduos. Nesse sentido, o corpo da mulher sofre formas de censura em diversos sentidos, desde a decisão do que pode ser exposto, até questões de comportamento social.

Em nosso ônibus embarcam personagens que lutam contra a censura como o protesto<sup>71</sup> da modelo Emily Bloom pelas ruas de Nova York com os seios à mostra para chamar a atenção sobre a diferença entre uma mulher expor os seios e um homem andar sem camisa. A ação da modelo faz parte do Free The Nipple, movimento que defende a igualdade de gêneros e faz ações dessa natureza para chamar a atenção para os direitos das mulheres em relação aos homens. Mesmo sendo permitido que mulheres andem com os mamilos expostos desde 1992 em Nova York, as pessoas ainda se sentem incomodadas com tal exposição. Nos comentários feitos por brasileiros sobre a matéria, o incômodo se torna uma reação agressiva. Uma pessoa em tom irônico comenta: *“Kkkkkk igualdade? São prostitutas e delinquentes... Vadias!! As pessoas querem destruir a sociedade a qualquer custo!! O mundo está doente e precisa ser destruído logo por DEUS..”* (Comentário CL).

A censura ao corpo da mulher associa a exposição dos seios a comportamentos considerados desviantes do que se espera de uma mulher "honesta" e "recatada"; nesse caso, uma menção ao discurso religioso coloca a mulher como destruidora de princípios morais. A tática da censura ensina que exposição do corpo está associada à devassidão, pois expor o corpo em locais públicos é considerado não adequado a uma mulher de família. Na construção cultural da mulher, o discurso religioso demanda comportamentos que são referenciados na Bíblia, em boa medida. Essa construção social tem raízes profundas e históricas nas religiões. No livro de Gálatas, le-se: *“Porque as obras da carne são manifestas, as quais são: adultério, fornicção, impureza, lascívia”* (GÁLATAS, 5: 19). Lascívia<sup>72</sup> é descrita como a sensualidade, modo de se comportar e vestir-se indecentemente, modo e gesto sensual que motiva desejo sexual noutra pessoa.

Em outro comentário, o discurso religioso ganha força: *“Então os homens também podem sair com as bolas de fora... pois os seios são sim um órgão sexual pois é utilizado para reprodução conforme a biologia ... isso é coisa desse mundo virado de cabeça pra baixo onde mulheres querem ser iguais homens... se fosse o certo, Deus também teria feito a mulher*

<sup>71</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/CatracaLivre/posts/1347865065250501>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

<sup>72</sup> Disponível em: <<http://desouzacastroluizcarlos.blogspot.com.br/2016/04/a-lascivia-feminina-parte-01.html>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

*chamada de homem.*” (Comentário CL). O comentário baseá-se na bíblia, na passagem onde fala da criação do homem e da mulher. “E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou” (GÊNESIS, 1:27).

Aqui, além do discurso biológico, que fala sobre a reprodução humana, incluindo o seio como aparelho reprodutor, há uma comparação com o pênis e saco escrotal, ou seja, a pessoa que comenta entende o seio como órgão sexual. O comentário também levanta a questão abordada no livro de Genesis 1:27 a 29, que fala sobre a criação do mundo e do homem e da mulher. Reiteradas vezes esse discurso coloca a mulher no papel de submissão e obediência ao marido. “Foi para salvar Adão da solidão que ele lha deu, ela tem no esposo sua origem e seu fim” (BEAUVOIR, 2014, p. 181). Nessa seção, foram analisadas as táticas da censura que em determinadas situações se mistura com a tática da culpa que será apresentada a seguir, para regular e produzir a mulher recatada.

### **5.3 Do lar: quando a vítima é culpada**

Em nossa viagem encontramos as mulheres que sofrem violência física e têm o corpo invadido por homens que se aproveitam de uma sociedade que, muitas vezes, julga a vítima e não o agressor. A tática da culpa aqui opera para limitar a circulação da a mulher ao seu direito de ir e vir. Não raras vezes o discurso moralista utiliza argumentos para repreendê-la: por exemplo, estar em local e horário inadequado para uma mulher sozinha, pela roupa que está usando, e assim se produz a culpa para a mulher vítima de violência. Em resposta, em contraponto a esse discurso, uma campanha, em 2012, ensinou: “Não ensine a mulher a não ser estuprada, ensine o homem a não estuprar”. A campanha se baseia na construção social da mulher, citada acima. A mulher aprende desde cedo que não pode circular por todos os lugares e em qualquer horário e sozinha. À mulher se impõe a “esfera do privado, o mundo doméstico, como o ‘verdadeiro’” (LOURO, 2003, p. 17). A ela se ensinam os cuidados para não sofrer violências que possam lhe tirar a vida. O mesmo não foi ensinado aos homens no currículo em análise. Pelo contrário, muitas vezes se reiterou que estes não contêm seus impulsos.

Uma pesquisa<sup>73</sup> divulgada pelo instituto Datafolha em 21 de setembro de 2016 e publicada no *Catraca Livre* revela que um em cada três brasileiros acredita que, em casos de estupro, a responsabilidade é da mulher, ou seja, 33,3% da população crê que a vítima tem culpa. Os dados mostram também que, levando-se em conta apenas a opinião dos homens, 42%

<sup>73</sup> Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/um-em-cada-3-brasileiros-culpa-mulher-pelo-estupro-sofrido>>. Acesso em: 27 mai. 2017.

acreditam que mulheres “que se dão ao respeito” não são estupradas; entre as mulheres, 32% concordam com a afirmação.

Esses dados refletem a força da tática da culpa e do quanto o que se ensina sobre violência tem sido aprendido pela sociedade. Uma publicação<sup>74</sup> feita no *Catraca Livre* sobre uma adolescente estuprada por vários homens em 19 de junho de 2016 reforça essa análise. O crime foi divulgado em diversas redes sociais, principalmente *Twitter e Facebook*, pelos estupradores mostrando imagens da jovem sem roupas e desacordada, sendo violentada por vários homens. A publicação dizia que a Polícia Civil divulgou o resultado das perícias do caso da jovem do Morro do Barão, na Zona Oeste do Rio, e constatou tratar-se de um crime violento e sete envolvidos indiciados na época. Os comentários dxs internautas versaram, sobretudo, sobre se o fato era realmente um estupro. Muitos reiteraram que o comportamento dela resultou na violência, como nas seguintes enunciações: “*Não houve estupro e n deixará cicatriz alguma*”, “*O crime que houve, creio que foi a divulgação indevida de imagens... no mais foi putaria mesmo, bacanal, ménage. enfim*”. (Comentários CL). Pelos comentários, se o comportamento não está de acordo, se ela é vadia ou puta, não há problema, não é estupro. O episódio ganhou as principais manchetes de jornais, revistas e noticiários de TV, por se tratar de um caso que ganhou grande repercussão nas redes sociais, pelo vazamento das imagens e por se tratar de um estupro coletivo contra uma adolescente.

O currículo do *Catraca* tenta trazer outras lições ensinando a partir da publicação sobre empatia ao sofrimento da vítima. O título da matéria, “*O caso chega ao fim, mas deixa uma cicatriz imensa em todas as mulheres brasileiras. O Catraca Livre espera nunca mais publicar notícias como essa*”, se refere à marca de dor que um estupro coletivo poderia deixar nas mulheres de todo o país. Mas, muitos comentários atribuíam a culpa à vítima “*Sou mulher brasileira, mas este caso específico, não me deixa cicatriz alguma*”. Várias mulheres comentaram que a vítima não é digna dessa empatia e as mulheres que comentam não se dizem comovidas ou marcadas pelo fato. “*Sem cicatriz alguma! Estupro é uma coisa putaria e bacanal que foi esse caso é outra bem diferente!!*”, “*Cicatriz em MIM só se for pela criança q foi estuprada e mordida pelo pai.... Por Essazinha ai nada muda em mim!!!!*” (Comentários CL). Há, neste último comentário, a estratégia da comparação entre vítimas de violência: no caso, com uma criança (uma não merece, a outra merece) para ressaltar a relevância de um em detrimento de outro. Assim, o currículo ensina a classificar o sujeito a partir da instância de regras arbitrárias, “o que significa, em primeiro lugar, que o sexo fica reduzido, por ele, a regime

---

<sup>74</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/CatracaLivre/posts/1262759167094425>>. Acesso em: 28 mai. 2017.

binário: lícito e ilícito, permitido e proibido” (FOUCAULT, 2015, p. 91). Nessa perspectiva, se a vítima é supostamente promíscua, o estupro passa ser encarado como provocado e, dessa forma, não merece atenção e empatia das outras mulheres e da sociedade.

Então, a tática da culpa ensina às mulheres e à sociedade que a violação do corpo da outra pessoa é só resultado de atos impróprios. O estupro funciona como “o castigo disciplinar [que] tem a função de reduzir os desvios” (FOUCAULT, 2014, p. 176). Exatamente por isso, a lição que incita o ódio é tão repetida, como na seguinte enunciação: *“Essa garota é uma vadia!!! Só não vê quem não quer!! Ela pediu pra ser “estuprada”!!! Estupro é outra coisa, minha gente!! Parem de acreditar em tudo que aparece nessa mídia suja e manipuladora de informação!!#prontofalei”* (Comentário CL). Além da violência física, a jovem sofre o escárnio na internet, sua vida foi devassada e seu comportamento usado para justificar a violência.

O discurso de ódio disseminado no currículo demanda à vítima uma posição de vadia (a vítima é acusada de pedir para ser estuprada). Os comentários deixam claro que a violência contra alguém que não se submete às normas não é relevante, não deixa marcas na sociedade, ou, pelo menos, em parte dela que acredita que a mulher que tem comportamento considerado inadequado merece o que acontecer a ela, pois “tudo o que está inadequado à regra, tudo o que se afasta dela, os desvios” (FOUCAULT, 2014, p. 176) deve ser punido. O currículo analisado “como elemento discursivo” (SILVA, 2010b, p. 10) que é reitera “sua visão de mundo [de determinados grupos], e seu projeto social, sua verdade” (SILVA, 2010b, p. 10). Nesse currículo também é possível aprender sobre respeito à mulher independentemente de quem ela seja ou qual posição ocupe na sociedade. No comentário a seguir alguém diz:

*O que é necessário pra entender que a garota querendo ou não, viciada ou não, se é puta ou deixa de ser, que tudo isso se torna insignificante a partir do momento que ela estava inconsciente e violaram o corpo dela e isso é crime?! Isso é estupro!!!!!! PELO AMOR DE DEUS, não interessa se ela foi ao morro, se ela queria dar, isso é problema só dela (isso pra não falar das juízas puritanas do pau oco aqui). Ela apagou e fizeram qualquer coisa no corpo dela, INCLUINDO, divulgação, é crime e é indiscutível. Parem de justificar!!!! (Comentário CL)*

Em reação a este comentário, vários outros se seguiram reiterando a culpa da vítima. Sobre a movimentação da mídia e dos movimentos em defesa da mulher em torno do caso, alguém comenta: *“Casos de estupro no Brasil são selecionados a dedo para qual será útil para uso do movimento feminista”* (Comentário CL). Neste comentário, o movimento feminista é acusado de se utilizar das vítimas de estupro para se promover nas redes sociais. A luta do movimento é marcada por preconceito, discursos machista, e moralista que entendem que mulheres não precisam de direitos, e que o movimento gera conflito e age contra o direito dos

homens. Porém, Saffioti (2001, p. 117) afirma que “as mulheres como categoria social não têm, contudo, um projeto de dominação-exploração dos homens”, pelo contrário, busca-se o respeito as diferenças de gênero. Outro comentário aposta em mudanças no terreno político ao mencionar a eleição em 2018 (há uma forte movimentação em torno do pré-candidato a presidente Jair Bolsonaro): “*Cada sociedade colhe o que planta. Felizmente isso mudará em 2018*” (Comentário CL).

A referência ao candidato é parte do discurso moralista e religioso, que tem crescido nas redes sociais, com claras restrições às mulheres. Como exemplo, Bolsonaro esteve envolvido numa polêmica com a deputada Maria do Rosário, quando disse a ela que só não a estuprava porque ela não merecia. Ele responde processo na Justiça movido pela deputada. Com a crescente onda conservadora no Brasil, grupos se organizam na internet para disseminar suas ideias totalitárias, principalmente entre os mais jovens. Com as questões abordadas neste capítulo, entendo que a mulher ainda sofre com diversas táticas de disciplinamento, censura, e da culpa, pois é culpada pelas mazelas que sofre dia após dia.

Neste capítulo trouxe as lições do currículo que reiteram, sobretudo, a produção de mulheres que atendem aos desejos e regras masculinas. Processos de subjetivação que subjagam a mulher e a culpabilizam são os que exercem mais poder no material analisado. Apesar dos escapes existentes, em especial, os publicados pelo Catraca, estes ainda estão pouco evidentes. No currículo analisado, ensinam-se à mulher padrões estéticos para ser bela, censuram-se o seu corpo, e controla-se onde ela pode estar. Ou seja, muitas lições versaram sobre a produção de mulheres que assumam as supostas qualidades de serem belas, recatadas e do lar. Além dessa demanda, ensinou-se no currículo do Catraca que a exposição do corpo da mulher é sexualizada e erotizada e, exatamente por isso, deve ser censurada.

Para a mulher a busca pela liberdade sobre seu corpo, seus modos de ser, seu direito de ir e vir, estar onde quiser, evoluiu nas últimas décadas, mas ainda ha muitos obstáculos na sociedade contemporânea. Os movimentos em defesa da mulher têm nos currículos culturais, como o aqui analisado, um importante artefato para contribuir com a luta da mulher frente aos processos de subjetivação que insistem em demandar modos de ser já institucionalizados pelos discursos que atravessam o discurso de ódio.



## 6 O PONTO FINAL: ABRINDO AS PORTAS PARA NOVAS VIAGENS

Ao embarcar nesta viagem/pesquisa, pouca coisa eu sabia; tinha apenas peças soltas de um quebra-cabeças que precisavam encontrar os encaixes corretos. No início da pesquisa, eu tinha quase nada: tinha o tempo, a vontade, o caminho, a nuance de um objeto de pesquisa que ainda necessitava de uma definição mais apurada.

A viagem/pesquisa começou com o objeto a ser investigado e, por meio dela, foram criados o problema e os objetivos a serem perseguidos. Então, fiz minhas primeiras misturas: comunicação com educação, mídia com currículo, gênero com discurso. Transformei o conceito de currículo em um ônibus de catracas livres porque se a “Catraca” é “Livre” todos podem passar, mas, neste currículo específico, os discursos geram ódio ao diferente.

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou analisar o discurso de ódio no currículo do Catraca Livre que produz modos de ser para sujeitos que escapam da heteronormatividade. Além disso, a metodologia escolhida, a análise de discurso de inspiração foucaultiana, me permitiu compreender que no currículo em questão o discurso de ódio é atravessado por outros discursos como o moralista, o religioso, o machista e o biológico etc., e que esses reiteram a heteronormatividade para homens e mulheres que são consideradxs desviantes dessa norma. Busquei na etnografia virtual um modo de observar o currículo em questão, pois o campo da pesquisa é virtual e, neste caso, fiz uma pesquisa por observação não participativa.

Para organizar a viagem pesquisei quais seriam os conceitos e suas contribuições. Busquei inspiração primeiro nxs teóricxs que fazem parte dos Estudos Culturais da linha pós-crítica do currículo e no pós-estruturalismo. O currículo como práticas de significação (SILVA, 2010b) foi o ponto de partida. O conceito de gênero abordado na pesquisa/viagem foi trazido por Butler (2003), para quem, o gênero, é socialmente construído, ou seja, não está programado a partir do sexo reconhecido no nascimento.

Da caixa de ferramentas de Michel Foucault, que poderia usar durante o percurso, utilizei várias, como o discurso, o poder, os processos de subjetivação, o normal e o anormal, a sexualidade etc. Tomei, então, como objeto desta pesquisa o discurso de ódio sobre as diferenças de gênero reguladas pelo padrão heteronormativo no currículo do Catraca Livre, página de jornalismo e entretenimento no *Facebook*. Currículo esse que ensina modos de ser, comportamentos e modos de pensar a partir do gênero binário, ou seja, homem/mulher e masculino e feminino.



Ao transformar o currículo analisado em um ônibus imaginário sujeitos de diferentes gêneros embarcaram no ônibus, como por exemplo: as lésbicas que saíram do armário e ousaram expor sua sexualidade divergente da matriz heteronormativa e quebraram o ciclo da heterossexualidade destinada a elas desde o nascimento, ou seja, a vida “normal” do casamento, marido, filhos, casa. Entraram também os gays que quebraram as marcas da virilidade, do macho reprodutor, do garanhão pegador. Xs travestis, por romperem os padrões de gênero e não se conformarem com os corpos e comportamentos regulados pela heteronormatividade. Xs transexuais, que estão na fronteira do gênero e sexualidade, e embarcaram no ônibus imaginário para “bagunçar” as normas, perturbar a ordem e violar regras. As mulheres que buscam por direito a liberdade de viver escolhas e respeito ao corpo, ao seu ir e vir, enfim, à vida. Os sujeitos embarcados no ônibus imaginário tem seus modos de ser interditados, negados, punidos, apagados, censurados, por discursos de grupos que lhes reiteram a heteronormatividade - as normas, as regras que permeiam o currículo e que alimentam o discurso de ódio.

No ônibus imaginário constatei que o discurso de ódio tenta interditar, excluir, apagar, silenciar os sujeitos divergentes das normas estabelecidas a partir da matriz heterossexual. Concluo que o discurso de ódio é ferramenta importante nas relações de poder para dizer *não*, “não seja diferente”, para produzir os sujeitos, normalizar suas condutas ao negar suas diferenças. Na pesquisa/viagem que chega ao final, percebi que a diferença modificou meu modo de ver o discurso de ódio e olhar para o sujeito nomeadamente diferente.

Aprendi no percurso da pesquisa que a diferença “não é uma característica natural: ela é discursivamente produzida” (SILVA, 2010a, p. 87), ou seja, ela é sempre relativa a “outra coisa”. Dessa maneira, a partir dos estudos realizados nesta investigação, compreendi que “o processo de significação que produz a diferença se dá em conexão com relações de poder” (SILVA, 2010a, p. 87), ou seja, são essas relações que “fazem com que o ‘diferente’ adquira um sinal, que o diferente seja avaliado negativamente ao ‘não diferente’” (SILVA, 2010a, p. 87). Assim, concluo também que os discursos que circulam no currículo estudado compõem as lições que ensinam formas de eliminar a diferença para apagá-la e excluir aqueles que não encaixam as regras da sexualidade heteronormativa e do gênero binar. A partir disso considero que o ódio disseminado no currículo analisado tenta barrar a conquista de espaços de representatividade dos gays, lésbicas, travestis, transgênerxs e mulheres.

Durante a viagem/pesquisa identifiquei táticas usadas pelo currículo para divulgar o discurso de ódio que rechaça os sujeitos que fogem às normas de gênero. A tática da interdição, por exemplo, opera a partir do binarismo feminino e masculino e barra quem não

atende às expectativas da sociedade machista e heteronormativa. Para as lésbicas por exemplo, percebi que essa tática lhes impõem outra forma de viver a sexualidade. Às mulheres destinam-se relações com homens, o que deve levá-las ao casamento e à maternidade, conseqüentemente. Assim, “as lesbianas, enquanto mulheres que não se enquadram nas relações heterossexuais centradas no masculino, são, desse modo, relegadas ao plano do obscuro, do misterioso, do profano, do doentio ou mesmo abstraídas no discurso social” (LESSA, 2010, p. 26). Outros discursos atravessam o discurso de ódio reiterando a interdição das lésbicas, como o machista e o religioso.

Acerca dos homens gays, vi em ação a tática da falsidade, por exemplo, que finge “aceitar” o gay, mas, ao mesmo tempo, usa a estratégia de exclusão dentro e fora do currículo analisado. Seguindo uma prática cultural desde meados do século XVIII quando o caráter da homossexualidade, que nem se ousava dizer o nome, “não era apenas indesejável, mas antes fonte de verdadeiro horror e repulsa perceptível na forma como se evitava mencioná-la diretamente” (MISKOLCI, 2012, p. 54). A partir dessa significação histórica, evidencia-se a tática da repulsa, que no currículo analisado nomeia o gay de estranho, esquisito e o confina no armário, “espaço do segredo” e longe dos olhares da sociedade. Daí a tática da repulsa ao homem gay investir em falas do tipo: “*imagina dois homens juntos, que nojo*”, “*trocar uma mulher por um sacudo, eca!!!*” (sic).

Assim, o discurso de ódio dissemina a repulsa demandando a heterossexualidade a todos os homens. Aqui também, vejo e identifico em operação o discurso religioso, que condena dois homens juntos. Versículos da Bíblia são citados no currículo em análise várias vezes, ensinando que quem foge à regra está em pecado e, por isso, pode ser punido. Também o discurso moralista, que quer excluir e segregar, entra em cena quando alguém diz: “*se querem praticar essa podridao ai, faça em segredo*”; ou seja, a sexualidade dos homens gays constitui uma ofensa à sociedade, de modo que, no máximo é “aceita” no privado. A exposição da sexualidade divergente da heterossexual resulta em exclusão e muitos homossexuais, por medo da punição e do preconceito, não se assumem. Contudo, resistências foram encontradas no currículo do Catraca Livre quando foram veiculadas campanhas contra discriminação e preconceito, acionando assim a tática do cuidado.

Compreendi que nas fronteiras do gênero e da sexualidade, travestis e transgêneros, rompem com limites do corpo, mudam, constroem e assumem novas marcas – e, por isso, são punidos. Esses corpos que não se encaixam sofrem sanções para se tornarem “corpos dóceis” (FOUCAULT, 2014). Os corpos desses sujeitos transgridem as normas de uma cultura na qual grupos sociais vivem um conjunto de regras que se baseia em valores legitimados por

instituições e instâncias, como a família, a religião, a escola. Cada um deve obedecer ou sofrer as consequências e punições por seus atos. Dessa maneira, um corpo dócil “pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 2014, p. 134), isto é, moldado, fabricado pelo “poder disciplinar”. Estes sujeitos vivem a exclusão, pois “o fato de estarem subvertendo uma ordem tida como natural e, por isso, tomada como ‘normal’, tende a tornar suas vidas inabitáveis. Assim, é pela força da exclusão que elas têm se constituído” (PELÚCIO, 2009, p. 42).

No currículo analisado, encontrei também a tática de resistência, que ensina o respeito às diferenças e aos sujeitos que são interditados, negados, discriminados pelo discurso de ódio. Toda uma variedade de discursos, como o biológico, o religioso, o moralista e o machista, a partir do binarismo homem/mulher e masculino e feminino, reiteram as marcas da heterossexualidade e operam contra as escolhas desses sujeitos. O discurso de ódio analisado nesse currículo nega aos sujeitos a existência, o direito de ir e vir e muitos são punidos com a morte.

No capítulo em que embarcaram as mulheres, identifiquei que os discursos reiteram modos de ser e cobra delas marcas no corpo e nos comportamentos que expressem feminilidades. Para elas (as mulheres), a sociedade criou limites e lugares demarcados; comportamentos e papéis que são diariamente impostos e cobrados pelos discursos da beleza, machista, moralista e religioso. Para ser bela, recatada e do lar, ela deve obedecer normas e seguir as lições ensinadas no currículo em questão. Aqui, as diferenças entre homens e mulheres ganham realces e são produzidas por uma ordem social produzida pela dominação masculina. A respeito das mulheres Davis (1982) constata “que na imagem que temos de nós mesmas está a apreciação que o machismo faz de nós e os papéis que a sociedade patriarcal nos incumbiu de desempenhar” (DAVIS, 1982, p. 3). Ficou evidenciado que esses papéis são reiterados pela moda, pela mídia e por outras instâncias sociais. Para reiterar esses papéis também no currículo em análise são acionadas táticas de disciplinamento, de censura e da culpa. Assim, o corpo da mulher é disciplinado e reconhecido quando atende às normas de beleza, como maquiagem, roupas, depilação e o corpo magro. É bela a mulher que aceita e apresenta essas marcas.

O corpo censurado não se mostra: é recatado, delicado, se se expõe e algo lhe acontece, foi por culpa da mulher, por desobedecer às regras. Essas táticas, por vezes, operam juntas, outras, separadas, mas estão sempre, de alguma forma, em funcionamento no currículo investigado. Dessa maneira, o currículo do Catraca delega à mulher o papel de mãe e esposa que fica em casa, que se mantém bela e obediente ao marido. Os discursos que atravessam e alimentam o discurso de ódio além de produzir modos de ser, despertam nas pessoas o “olhar

esmiuçante das inspeções, o controle das mínimas parcelas da vida e do corpo” (FOUCAULT, 2014, p. 138) – esses olhares estão no currículo, milhares deles, e são fiscalizadores de comportamentos desviantes e da sexualidade alheia.

Concluo também que parte dessas normas regulatórias do gênero e da sexualidade têm raízes profundas no discurso religioso, que se pauta na Bíblia, atribuindo à mulher a culpa pelo pecado. Mesmo quando a mulher sofre violência, os discursos que compõem o currículo do Catraca procuram por justificativas no comportamento desviante da mulher, atribuindo-lhes a culpa. No entanto, essas investidas se deparam com ensinamento que visam o respeito às mulheres por meio de campanhas contra a violência e o assédio sexual, por exemplo.

Assim, levo em conta o que disse Veiga-Neto (2014, p. 116), quando esclarece que “para Foucault, essas forças, que ele chama de poder, atuam no que de mais concreto e material temos – nossos corpos”. O poder exerce sobre os nossos corpos as normas que devemos mostrar por meio de marcas e comportamentos diante dos olhares da sociedade:

numa sociedade como a nossa, mas no fundo em qualquer sociedade, existem relações de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social e que estas relações de poder não podem se dissociar, se estabelecer nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso (FOUCAULT, 1989, p. 101).

Os discursos então circulam e produzem modos de ser nesse currículo, fazendo valer as vontades de verdade da sociedade. Assim grupos entendidos como dominantes fazem valer seus significados sobre outros.

Parece importante reconhecer, portanto, o papel do currículo aqui investigado no sentido de ensinar o ódio ao diferente, mesmo diante da publicação de matérias que ensinam a resistência, e o respeito as diferenças de gênero e sexualidade, pois nesse currículo foram encontradas publicações que visam dar visibilidades aos sujeitos considerados desviantes, e a seus modos de ser. As práticas de significação sobre mulheres e homens reiteram modos de ser considerados positivos e aqueles marcados com sinais da diferença são normatizados. Os discursos encontrados nesse currículo mantêm, reconduzem e prolongam o conjunto de normas, de limites morais e sociais.

Durante o percurso da viagem/pesquisa vi os sujeitos embarcados rejeitarem limites, apagarem divisões, externarem a sexualidade e, contra eles, vi outros produzirem exclusões, estranhar o “contra a natureza”. Vi sujeitos assumir as demandas do discurso de ódio, mas, também, vi essas demandas não serem aceitas. Vi sujeitos serem apagados e silenciados,

mas, que encontraram na resistência maneiras de burlar as normas, quebrar barreiras e buscar o reconhecimento da diferença.

Nosso ônibus chega ao ponto final e demonstra que a viagem concluiu seu caminho e é apenas uma entre muitas que podem ser feitas, pois um ônibus está sempre em circulação, o ponto final é apenas uma parada. Há sempre um novo ponto de partida para outras viagens, com outros passageirxs, com outrxs alquimistas, com outrxs discursos.

No início do caminho traçado pela pesquisa, a viagem era desconhecida; eu mesma me refiz várias vezes: não sou quem era no início; todo o conhecimento reunido mudou a maneira como via o objeto da investigação. Ao final, vejo-me outra: livre de algumas marcas, adquirindo outras, mas ainda carregando a ampulheta que me acompanhou durante toda a viagem. Para começar outra viagem basta que vire a ampulheta para que a areia recomece a marcar o tempo. Para uma nova viagem outros passageiros de outros ônibus e outras histórias podem cantar versos de resistência para fugir e escapar do que o discurso de ódio e os demais aqui apresentados, que o alimentam, querem produzir.

Coloco um ponto final neste texto, nesta viagem, pois não tenho dúvidas que este é apenas o início de uma longa viagem na luta pelo direito de se viver feliz. Ao chegar aqui posso dizer que apesar de ter visto como o discurso de ódio exerce poder no processo de produção dos sujeitos aqui investigados, acredito que “um novo tempo há de vencer. Pra que a gente possa florescer. E, baby, amar, amar sem temer. Ninguém vai poder querer nos dizer como amar” (Hooker, 2017).

## REFERÊNCIAS

2 TESSALONICENSIS. In: **A Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 2006.

2 TIMÓTEO. In: **A Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 2006.

AZMINA. 2016. Para além dos seios discute tabu em torno das mamas. Disponível em: <<http://azmina.com.br/2016/11/documentario-para-alem-dos-seios-discute-tabu-em-torno-das-mamas/>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro, Zahar, 1997.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. São Paulo: Nova Fronteira, 2014. p. 18-23, 233.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2006.

BIROLI, Flávia. O público e o privado. In: MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e política**. São Paulo: Boitempo, 2014. p. 31-46.

BORRILLO, Daniel. A Homofobia. In: LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Debora (Orgs.). **Homofobia & Educação**: um desafio ao silêncio. Brasília: LetrasLivres/EdUnb, 2009. p. 17-46.

BRUGGER, Winfried. Proibição ou proteção do discurso do ódio?: algumas observações sobre o direito alemão e o americano. **Direito Público**. Porto Alegre, ano 4, n.15, p.117-136, jan./mar. 2007.

BUTLER, Judith. **Actos Performativos e Constituição de Gênero**. Um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. Puc-Rio, Rio de Janeiro, 1990.

BUTLER, Judith. Como os corpos se tornam matéria: entrevista. **Estudos feministas**. Florianópolis, v. 7, n. 1-2, p.155-167, 1999.

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001. p. 151-172.

BUTLER, Judith. Gender regulations. **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 42, p. 249-274, 2014.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.

CARDOSO, Fernando Luiz. O conceito de orientação sexual na encruzilhada entre sexo, gênero e motricidade. **Interamerican Journal of Psychology**. Florianópolis, v. 42, n. 1, 2008.

CARDOSO, L. R.; PARAÍSO, M. A. Possibilidades de uma metodologia alquimista para pesquisar em educação e em currículo. **Revista eCurrículum**. São Paulo, v. 11, p. 270-290, abr. 2013.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e terra, 1999. v. 3.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.

CATRACA LIVRE: **Site que mais ajuda a economizar dinheiro**. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/geral/o-catraca/indicacao/ibope-os-sites-que-mais-defendem-a-cidade-e-ajudam-a-economizar-para-os-internautas-brasileiros>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

CUNHA, Marlécio Maknamara da Silva. **Currículo, música e gênero: o que ensina o forró eletrônico?** 2011. 151 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

DA SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: DA SILVA, Tomaz Tadeu *et al.* (Orgs.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo Editorial, 1982.

FARRIS, Paul W. *et al.* **Métricas de Marketing: O Guia Definitivo de Avaliação do Desempenho do Marketing**. Porto Alegre: Bookman, 2013.

FEITOSA, Izayana Pereira *et al.* Repensando o sentimento da vergonha: contribuições psicossociológicas. **Fractal, Rev. Psicol.** Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 203-210, abr. 2012.

FISCHER, Rosa M. B. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa.** Rio de Janeiro, n. 114, p. 197-223, 2001.

FISCHER, Rosa M. B. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. **Educação & Realidade.** Porto Alegre, v. 22, n. 02, p. 59-80, 1997.

FOSTER, David W. Consideraciones sobre el estudio de la heteronormatividade en la literatura latinoamericana. **Letras: literatura e autoritarismo.** Santa Maria, n. 22, p. 49-53, jan./jun. 2001.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** São Paulo: Loyola, 1970.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade:** curso no Collège de France (1975-1976). Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção tópicos), p. 285 – 315.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I:** a vontade de saber. 14. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** Org. e trad. de Roberto Machado. 18. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica:** para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais.** Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir:** história da violência nas prisões. Tradução de Raquel Ramallete. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.



FRAGOSO, S.; RECUERO, R; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FREITAS, Riva Sobrado de; CASTRO, Matheus Felipe de. Liberdade de Expressão e Discurso do Ódio: um exame sobre as possíveis limitações à liberdade de expressão. **Sequência**. Florianópolis, n. 66, p. 327-355, jul. 2013.

GÁLATAS. In: **A Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 2006.

GENESIS. In: **A Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 2006.

GIROUX, Henry A. Praticando estudos culturais nas faculdades de educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Alienígenas na sala de aula**: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 83-100.

GLUCKSMANN, André. **O discurso do ódio**. São Paulo: Difel, 2007.

GREEN, Bill; BIGUM, Chris. Alienígenas na sala de aula. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Alienígenas na sala de aula**: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 203-237.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Formação discursiva, redes de memória e trajetos sociais de sentido: mídia e produção de identidades. In: BARONAS, R. L. (Org.). **Análise do discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007. p. 155-168.

HINE, Christine. **Etnografia virtual**. Madri. Editorial UOC, 2011. p. 9-17

KELLNER, Douglas. A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Tradução: Ivone Castilho Benedetti Bauru: EDUSC, 2001. p. 25 - 32

KELLNER, Douglas. Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pós- moderna. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Alienígenas na sala de aula**: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 101-127.

LEBRUN, Jean-Pierre. **O futuro do ódio**. Porto Alegre: CMC, 2008.

LESSA, Patrícia. **Lesbianas em movimento**: a criação de subjetividades (Brasil, 1979-2006). 2010. 261 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Rio Grande: Vozes, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-posições**. Campinas, v. 19, n. 2, p. 17-23, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2004a.

LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e homofobia. In: JUNQUEIRA, Rogério D. (Org.). **Diversidade sexual na educação**. Brasília: MEC, Unesco, 2009. p. 85-93.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria queer como políticas de conhecimento. In: LOPES, Denílson *et al.* (Orgs.). **Imagem e Diversidade Sexual**: estudos da homocultura. São Paulo: Novas Edições, 2004b. v. 1. p. 23-28.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 07-34.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MAKNAMARA, Marlécio. **Currículo, gênero e nordestinidade**: o que ensina o forró eletrônico? 2011. 151f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

MEYER, Dagmar E. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira L.; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana V. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 09-27.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e política: uma introdução**. São Paulo: Boitempo, 2014.

MISKOLCI, Richard. O armário ampliado: notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. **Revista Gênero**. Niterói, v. 9, n. 2, p. 171-190, 2009.

MISKOLCI, Richard. **O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX**. São Paulo: Fapesp, 2012.

NELSON, Cary; TREICHLER, Paula A.; GROSSBERG, Lawrence. Estudos culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 07-38.

PARAÍSO, Marlucy A. A produção do currículo na televisão: que discurso é esse? **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 26, n. 01, p. 141-160, 2001.

PARAÍSO, Marlucy Alves. **Currículo e diferença**. Pesquisas sobre culturas e currículos. Curitiba: Editora CRV, 2010.

PARAÍSO, Marlucy Alves. **Currículo e mídia educativa brasileira: poder, saber e subjetivação**. Chapecó: Argos Editora Universitária, 2007.

PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS**. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2009.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Corpo, sexo e subversão. **Interface-Comunic., Saúde, Educ.** São Paulo. v. 12, n. 26, p. 499-512, 2008.

PRECIADO, Paul B. **Testo yonqui**. Madri: Grupo Planeta Spain, 2014.

RAJAGOPALAN, Kanavillil et al. O Austin do qual a Lingüística Não Tomou Conhecimento e a Lingüística com a qual Austin Sonhou. **Cadernos de estudos lingüísticos**. Campinas, v. 30, n.xx, p. 105-115, 2011.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIBEIRO, Vândiner. **Currículo e MST: relações de poder-saber e a produção da "subjetividade lutadora"**. 2013. 227f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**. Natal, v. 4, n. 5, p. 17-44, 2012.

ROCHA, Paula Jung. **Jornalismo em tempos de cibercultura: um estudo do ClicRBS**. 2006. 284f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

ROSE, Nikolas. Inventando nossos eus. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 137-204.

SÁ, S. **O samba em rede: comunidades virtuais, dinâmicas identitárias e carnaval carioca**. Rio de Janeiro: E-papers, 2005.

SÁ, Simone Pereira. Somos Todos Fãs e Haters? Cultura Pop, afetos e performance de gosto nos sites de redes sociais. **Revista ECO-Pós**. Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 50-67, 2016.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos pagu**. São Paulo, n. 16, p. 115-136, 2001.

SALES, Shirlei Rezende; FERREIRA, Aline Gonçalves; VARGAS, Francielle Alves. **Juventudes brasileiras na conexão entre o ciberespaço e as escolas de ensino médio**. Trabalho apresentado para o GT-Ciência, tecnologia e inovação. [S.l.], 2014. Disponível em: <[http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT1/GT1\\_ShirleiRezende\\_AlineGoncalves\\_FrancielleAlves.pdf](http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT1/GT1_ShirleiRezende_AlineGoncalves_FrancielleAlves.pdf)>. Acesso em: 03 set. 2017.

SANTAELLA, Lúcia; LEMOS, Renata. **Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter**. São Paulo: Paulus, 2010. v. 137.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 159-177.

SILVA, T. T. (Org.). **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

SILVA, T. T. **Currículo como fetiche**: a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 2010b.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2010a.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Nós, ciborgues: o corpo elétrico e a dissolução do humano. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 9-18.

SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença e se o outro não estivesse aí?**. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

TIAGO. In: **A Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 2006.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

VEIGA-NETO, Alfredo. Incluir para excluir. In: LARROSA, J.; SLIAR, C. (Orgs.). **Habitantes de Babel**: políticas e poéticas da diferença. Tradução de Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 105-118.